

REENCARNAÇÃO EM FOCO

"PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI"



ALBERTO DE SOUZA ROCHA



ALBERTO DE SOUZA ROCHA

REENCARNAÇÃO EM FOCO

... Progredir sempre, tal é a lei

CAPA: Esboço de Telmo Cruz Borges.
Arte final de Rita Foelker.

REVISÃO: Ivan Costa
Gregorio Perche
de Meneses

Iª edição
10.000 exemplares

NOVEMBRO - 1991

Composto e impresso nas oficinas
gráficas da Casa Editora O Clarim
(Propriedades do Centro Espírita "Amantes da
Pobreza") C.G.C. 52313780/0001-23
Inscr. Est. 441002767 116
Rua Rui Barbosa, 1070 - Cx. Postal, 09
CEP 15990 - Fone (0162) 82-1066 - Matão - SP
Impresso em Off-Set

FICHA CATALOGRÁFICA
(C.D.D.) CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY

133.901

Souza Rocha, Alberto
REENCARNAÇÃO EM FOCO
Casa Editora O Clarim
Matão, SP - Brasil
304 páginas - 13 x 18 cm

ÍNDICE PARA CATALOGO SISTEMÁTICO

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

ÍNDICE - 1ª PARTE - REENCARNAÇÃO

11. Apresentação
13. Pluralidade das existências, um tema sempre em foco
20. Lei e Justiça
24. Reencarnação - exposição preliminar
29. Reencarnação e processo criativo
34. Ressurreição e reencarnação
39. Reencarnação no conceito espírita
42. Reencarnação e revelações
46. Reencarnação - conceito e discrepâncias
50. Reminiscências - diagnóstico diferencial
54. Reencarnação - prós e contras
58. Reencarnações expiatórias: aspectos particulares
64. Esquecimento: como explicá-lo?
69. Esquecimento das vidas passadas
74. Esquecimento e lembranças - mecanismo do processo
80. Reminiscências: fatores predisponentes e provas circunstanciais
87. O "déjà-vu" - um evento e suas implicações
93. O "déjà-vu" - e a existência prévia
99. Regressão de memória
104. Memória atual e memória extracerebral
110. Reencarnação na antiguidade
115. Cristianismo e reencarnação
120. Reencarnação na latinidade
125. Reencarnação na literatura mundial
131. Reencarnação nas obras básicas de Kardec
136. Mudança de sexo na reencarnação
144. O velho Egito dos faraós na pauta da reencarnação
151. Metempsicose e comunicação
154. Progresso neste e em outros mundos
158. Migrações interplanetárias
162. O passado culposos
165. As muitas moradas

ÍNDICE

2» PARTE

DIGRESSÕES FILOSÓFICAS

- 171. Cosmovisão espírita
- 176. Espiritismo, estágio superior da Filosofia
- 180. Primórdios do pensamento filosófico
- 184. Pródromos do ideário espírita
- 189. Raízes profundas do pensamento espírita
- 192. Conceito espírita da criação divina
- 197. Conceito de Deus e da Criação
- 201. Formação da Terra
- 204. Do homem primitivo à raça adâmica
- 208. Migração dos Espíritos e Paraíso perdido
- 213. Evolução da sociedade na visão espírita
- 219. A inteligência e sua manifestação
- 223. Dualismo: Espírito-Materia
- 227. Dualismo: o Bem e o Mal
- 231. Progresso como lei natural
- 234. Considerações sobre a lei da evolução - processo e mecanismo
- 239. Laços de família na reencarnação
- 245. Penas eternas de salvação
- 249. A graça e a salvação
- 253. Imperfeição e arrependimento
- 256. Expição e resgate
- 260. Evolução e destinação
- 265. Desigualdades: como entendê-las?
- 270. Justiça Humana e Divina: pecado e punição
- 274. Justiça Divina e o entendimento humano
- 278. Liberdade e igualdade como leis naturais
- 281. Fatalidade e causalidade
- 285. E por falar em igualdade
- 289. Determinismo e livre-arbitrio
- 293. Conhece-te a ti mesmo
- 299. Bibliografia

NAITRE, MOURIR, RENAITRE ENCORE
ET PROGRESSER SANS CESSÉ
TELLE EST LA LOI

PRIMEIRA PARTE:
REENCARNAÇÃO

SEGUNDA PARTE:
DIGRESSÕES FILOSÓFICAS

APRESENTAÇÃO

Havíamos publicado na Imprensa Espírita, especialmente na RIE, alguns estudos abordando temas filosóficos dentro da Doutrina Espírita. Generosa a acolhida. Passamos a tratar, a seguir, objetivamente da Reencarnação por força mesmo do interesse maior que passou a ter para nós o assunto, como disciplina exposta no Instituto de Cultura Espírita do Brasil e dada a sua magnitude. Entendemos que a Reencarnação como Lei e por princípio é a chave sem a qual não se abre à compreensão a visão ciclópica que podemos fazer da evolução planetária dentro do Cosmo e a do homem como inteligência eterna co-criadora.

Ao reunir, então, a matéria referida no presente livro optamos por destacá-la em duas partes, uma. Reencarnação; outra. Digressões Filosóficas, na verdade completando-se. E bom que se diga, não nos move o propósito de esgotar em absoluto os assuntos aqui ventilados, mas o de trazê-los à baila para exame por parte daqueles de boa vontade. Pretendemos, outrossim, ter usado uma linguagem sem sofisticações. Se assim for aceito aí estará a nossa cota pequenina de colaboração ao entendimento dessas teses aqui apenas respingadas.

Agradecemos à Editora "O Clarim" o interesse pela publicação. É muita gentileza.

Mas ainda uma observação, para concluirmos. Em toda questão filosófica, por sua característica, é natural que existam opiniões divergentes ou mesmo contrárias em parte ou no todo. E mais, o direito de nutri-las é dado a todos. Mas nenhuma opinião contrária aos fatos os modificará... Assim como não faria nunca imóvel a Terra antes de Galileu. Mas isto é já um outro problema.

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS - UM TEMA SEMPRE EM FOCO

"Não pedi para vir à Terra!" - eis uma exclamação por vezes ouvida da parte de quantos se baseiam ainda na doutrina da unicidade das existências. Teria a alma sido formada com o corpo. Se antes existira, não fora ela dotada de individualidade própria... Nesse caso, suas aptidões teriam sido adquiridas do meio social ou por herança.

Ora, antes de mencionar, ainda que de passagem, provas eloqüentes e decisivas da pluralidade das existências, já em termos de razão filosófica estará a balança a pender demonstrando a pobreza daquela primeira assertiva todas as vezes em que o meio e a herança falirem na resposta a inquietantes indagações - e elas são tantas.

Objetará alguém - e muitos o fazem -: "- Por que deverei pagar pelo que o outro "Eu" praticou, se já estarei vivendo uma outra vida?"

E esta uma questão, vamos dizer, de acuidade visual, se assim podemos nos expressar. Quem se coloca nos estreitos limites de quatro paredes e fecha as venezianas para que o sol não entre, perde a visão de conjunto que lhe permitiria descortinar o vasto

panorama que se lhe desdobre em torno. Pois bem, se considerarmos a vida perene do Espírito imortal sentiremos que as vidas terrenas são solidárias entre si e fundamentais para a formação da individualidade eterna, que evolue sempre. Uma visão mais bela da Criação infinita. Cada experiência nova não só acrescenta algo às anteriores como traz modificações qualitativas, o que é de suma importância. E, pensando bem, que seria para a Eternidade do Espírito o curto lapso de tempo de uma só vida física para decidir-lhe a sorte diante de uma Justiça infinitamente perfeita?

Entendamos antes, com Delanne, que a individualidade "é a síntese das personalidades sucessivas pela dupla evolução terrestre e extraterrestre" e estaremos, numa concepção mais ampla, compreendendo os diversos estágios de evolução das criaturas. Ademais, as vicissitudes são experiências úteis à formação dessa individualidade e não teria sido consultando interesses das próprias criaturas que Deus formularia as suas leis, por sábias e imutáveis.

O esquecimento do passado, cuja razão de ser se encontra explicada nas questões 392 e seguintes de "O Livro dos Espíritos", é outra objeção formal dos que não examinam a fundo o problema. Na verdade, se não nos lembramos de fatos, propriamente, trazemos conosco como bagagem de aprendizados e de compromissos toda uma estrutura inata que são as tendências, inclinações, anseios individuais, constituindo-se cada um de nós em uma personalidade autônoma que o meio modifica mas que não nasce precisamente dele, porquanto sobejas vezes o supera e a ele se impõe. Quantas criaturas puras e elevadas nas-

cem de lares formados por pessoas medíocres e desonestas e em compensação de pais e de ambientes honestos e elevados surgem criaturas que desde tenra idade revelam tendências diferentes, fugindo também a qualquer expectativa em termos de ancestralidade.

As experiências adquiridas e, com elas, aquelas dolorosas, fixam-se em nossas almas através da memória e aí está o arquivo do Inconsciente na estrutura eletromagnética de registo com sede no Perispírito - o que os experimentos psíquicos com exteriorização e o sonambulismo comprovam sobejamente - manifestando-se não poucas vezes por fobias, conflitos íntimos, traduzindo-se por comportamentos limítrofes da neurose ou pela neurose declarada. Estudando as neuroses da infância uma doutora escreveu: "- O que sabemos é que algumas crianças parecem nascer quase sem capacidade de adaptar-se" (Dra Dinamene Rodrigues Parente, revista Sthetos, março/abril 79). Isso, sem entrar francamente nos meandros que se ligam às expiações cármicas de toda sorte.

Quando a Psicanálise vai buscar os recalques da infância e mesmo da vida intra-uterina encontra exatamente o que se registrou nesta mesma vida atual, mas cujos efeitos se fazem sentir na adultícia, totalmente esquecidos que estavam e de pronto não relacionados. O temporário esquecimento não os fez desaparecer, apagar sequer, nem lhes evitou as consequências. A ordem de raciocínios é a mesma, apenas um passo além daquilo que a moderna ciência oficial sanciona. Recapitulando, se não nos lembramos das existências anteriores no comum dos casos, tal cir-

cunstância nada prova em contrário. Siga o psicanalista o seu próprio roteiro além das fronteiras da morte física e a memória regressiva lhe abrirá horizontes novos. Surgirão recordações mais ou menos exuberantes de um passado supostamente extinto, guardadas nas camadas mais profundas do mesmo Eu resurgido.

Podemos então conciliar com a Justiça e a Bondade de Deus as desigualdades de capacidade e de aptidão das criaturas, o sofrimento aparentemente sem culpa, as idéias inatas, as diferenças nas oportunidades da vida, aquelas que ocorrem no mesmo lar ou no mesmo grupo social, os destinos cortados, a felicidade momentânea dos maus, a sorte dos selvagens... Mais justo sentirmos e entendermos que lutamos ontem por uma ordem de cousas, a prol de uma conquista, e reencarnados desfrutamos hoje desse benefício que fizemos por merecer: que lutamos pela causa da ciência, por certos aperfeiçoamentos e retornamos ao ponto de partida mais aptos para a tarefa adrede começada. Que estamos cumprindo cada um de nós, de nossa parte, um papel na obra magistral da Criação. Que evoluímos infinitamente, vencidas as vicissitudes da vida corporal, cumpridas provas e experiências, pelos caminhos do arrependimento, das expiações e da reparação, passando do estágio negativo para um saldo positivo de nossos atos rumo à perfeição. Aqui está a "ressurreição da carne" da única forma aceitável. Aqui estão as explicações das passagens bíblicas quando Malaquias dizia de João, antes que houvesse nascido: "- Irá adiante dele no Espírito e virtude de Elias." E as do próprio Cristo: "- Elias já veio e eles não o reconheceram." Ou ainda:

"- Não te admires que tenha dito: E necessário que torneis a nascer."

Ora, dir-nos-ão: renascer da água e do Espírito... Pois bem. Se, porventura, pudermos atribuir, mesmo, ao cerimonial do batismo a virtude do renascimento para Deus - e diremos que o batismo de fogo das provações pode ser esse caminho - restará por força aí o renascer da água. E não haveria de ser simplesmente a da pia batismal, quando, tendo em vista a força do simbolismo, tem a água em todos os povos e momentos históricos, desde o passado longínquo, expressado sempre o sentido de vida física. As lendas mais remotas, como a versão de que Prita colocara uma criança a descer o rio Ava, afluente do Ganges, e ele veio a ser poderoso rei. Sargão, rei babilônio, por seu turno, teria sido filho de uma vestal que o colocara em uma cestinha sobre as águas do Eufrates. Mais tarde é Moisés salvo das águas do Nilo em idênticas condições... E o Nilo é, sem favor nenhum, o elemento essencial da vida, gerador da civilização egípcia. Ninguém ignora que o seio tépido das águas fora com toda a lógica científica o berço das primeiras células orgânicas na face da Terra. Nem se desconhece que somos, em termos materiais, essencialmente água e carvão. E é do seio líquido que ressurgimos, a cada vida física.

Não bastassem estas afirmações, teríamos a enumerar os superdotados, quando nenhuma teoria materialista ou unicista conseguiria satisfazer; as lembranças espontâneas efetivamente comprovadas em levantamentos idôneos; as experiências de hipnotismo realizadas por pesquisadores eméritos.

Banerjee, em Jaipur, Índia; Stevenson nos EE UU, De Rochas representando o século passado; Karl Muller levantando em nossos dias um sem número de casos antigos e recentes, trazem as comprovações da pesquisa séria para embasar o que poderia ser tido como especulação filosófica apenas.

Tratase de lembranças não intencionais ensejadas por associações e tensões, que funcionam como estímulos externos, quer através de reencontros, de repetições de situações, de impressões de localidades visitadas, desde a sensação do já visto até às cenas minuciosas; lembranças ocorridas pela presença de objetos antigos (catalizadores psicométricos); cenas de impacto; ou a soma de alguns desses diferentes fatores convergindo num mesmo sentido, juntamente com a força poderosa da indiciação cármica. Lembranças surgem provocadas pelos Espíritos - bons, para entendermos certas circunstâncias da vida atual; perseguidores, revivendo nossos débitos. Outras, pela hipnose ou pelas drogas, pela anestesia, pelo experimento conduzido. Lembranças da própria pessoa, por clarividência quer por informações através do canal mediúnico. Recordações de múltiplas vidas; da última delas; dos últimos instantes da anterior, sobretudo quando accidental; lembranças vagas da erraticidade; ou de ambas as fases entre si combinadas. Recordações fragmentárias, outras completas, umas vagas, outras precisas e claras. Ora surgidas como se fossem quadros, como que em sonho; outras vividas intensamente. Sinais e lesões indiciadores que confirmam informações; domínio paranormal de um idioma estranho; conhecimento inato de ciências ou fa-

tos, predição de futuro nascimento tido por improvável e que circunstâncias comprovam. Obsessões e auto-obsessões, quando o passado está atuante, conflitante, agressivo. E assim por diante.

E tantos são os exemplos que seria o caso de indagar-se: quem, podendo se auscultar a si próprio, não terá algo a relacionar com tudo isto? Bem, se o preconceito não houver colocado um biombo velando a luz da razão.

LEI E JUSTIÇA

Ao romper a tradição de velhas concepções originárias do paganismo e remanescentes do judaísmo, de um inferno eterno e de um céu de inércia e gozo, em que o bem e o mal seriam estâncias distintas de um universo limitado, calcado a Ptolomeu, vem o Espiritismo trazer ao pensamento cristão a compreensão lógica da Justiça Divina.

Vejamos como é justo e severo o chamado "código penal da vida futura":

A alma sofre as conseqüências das imperfeições que não conseguiu corrigir, disso resultando sentir-se mais ou menos feliz, mais ou menos desgraçada. Todo o avanço no sentido da perfeição é fonte de gozo espiritual. Não há uma só ação ou qualidade boa, por mais imperfeito que inda seja o ser, que não lhe resulte em proveito.

Não fazer o bem, quando podemos, traduz imperfeição.

A misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega, diz-nos o livro "O Céu e o Inferno". Uma falta cometida vai ser reparada na mesma existência ou em outra; o sofrimento atinge o ser no plano físico e no

espiritual, como ensejo de arrependimento. Mas será na vida corpórea que ele irá ressarcir os débitos.

Ninguém sofre por erros de outrem, se neles não teve participação direta ou indireta, por ação ou omissão.

A expiação varia com a natureza e a gravidade da falta. E os espíritos muito inferiores não conseguem divisar nos planos da lei o término de seus sofrimentos.

A resignação e os propósitos reparadores atenuam os sofrimentos e fortalecem a alma nas provas. Quanto mais demorarmos na decisão de reparar as faltas, mais rigorosas as consequências dessa procrastinação.

Arrependimento, expiação e reparação são as fases sucessivas por que passamos todos diante de cada imperfeição a corrigir-se. A expiação apaga os vestígios da falta, mas a reparação é que começa o progresso.

Sufrimentos voluntários por mero cilício nada valem; aquele, no entanto, que ajuda, por desprendimento, guarda antes o mérito da intenção.

A evolução espiritual e a bem-aventurança têm, pois, o preço dos esforços próprios em conquistá-las.

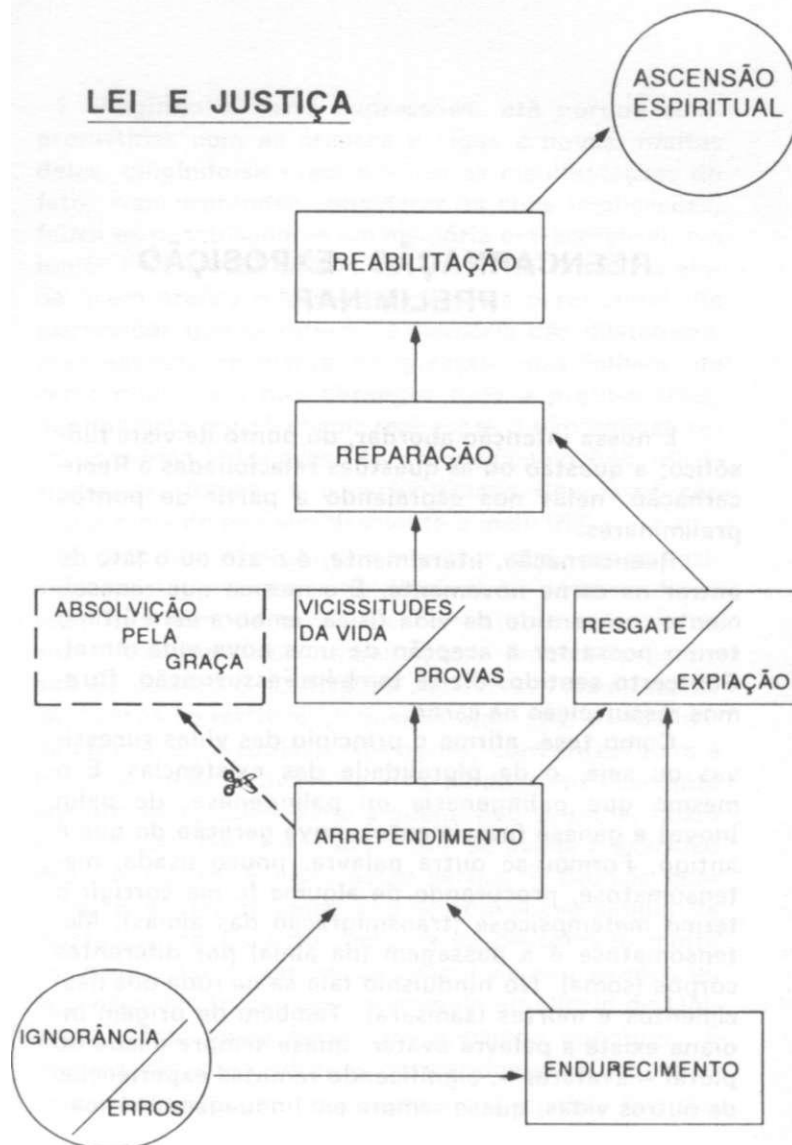
Acontece, ainda, que a felicidade dos bons não é nunca egoísta.

Espíritos dedicados quantas vezes terão encarnado em missão redentora com o propósito de socorrer almas queridas em dolorosas falências e obstinações! Há uma frase que colhemos em André Luiz, segundo a qual "o céu é sempre triste sem aqueles que

amamos ". A beleza dessa assertiva contrasta com a afirmação teológica tradicional de que os bem-aventurados contemplariam a desdita dos condenados e teriam nisso gozo inefável por valorizarem a graça que lhes fora reservada. Ora, a influência intercessória dos bons Espíritos, inspirando-nos o esforço reparador, é antes um atestado de que, muito pelo contrário, podemos contar com o carinho e a proteção dos irmãos da Espiritualidade. A lei nos traz o auxílio da dor. Ela é sempre a advertência primeira. Vêm depois as mensagens da Boa Nova no sentido do trabalho reparador. E os estímulos dos nossos amigos e guias espirituais induzindo-nos bons propósitos. São, às vezes, pressentimentos, inspirações diretas... Mas a resolução efetivamente só vai mesmo depender de nós, de nosso esforço próprio, sem o que não haveria mérito.

No esforço de esquematizar a concepção espírita dentro da lei do progresso sem prejuízo daquela de uma justiça inquebrantável, sugerimos o quadro que a seguir apresentamos:

LEI E JUSTIÇA



REENCARNAÇÃO - EXPOSIÇÃO PRELIMINAR

É nossa intenção abordar, do ponto de vista filosófico, a questão ou as questões relacionadas à Reencarnação, nelas nos espraçando a partir de pontos preliminares.

Reencarnação, literalmente, é o ato ou o fato de entrar na carne novamente. E o mesmo que renascimento, no sentido da vida física, embora este último termo possa ter a acepção de uma nova vida moral. Sob certo sentido, diz-se também ressurreição. Diremos ressurreição na carne.

Como tese, afirma o princípio das vidas sucessivas ou seja, o da pluralidade das existências. É o mesmo que palingenesia ou palingênese, de palin (novo) e gênese (nascimento), nova geração do que é antigo. Formou-se outra palavra, pouco usada, metensomatose, procurando de alguma forma corrigir o termo metempsicose (transmigração das almas). Metensomatose é a passagem (da alma) por diferentes corpos (soma). No hinduísmo fala-se na roda dos nascimentos e mortes (samsara). Também de origem indiana existe a palavra avatar, quase sempre usada no plural - avatares -, significando remotas experiências de outras vidas, quase sempre em linguagem poética.

Fugindo a essas expressões, até porque comprometidas com as crenças antigas e novas, muitas delas, cingindo-se precisamente às manifestações do fato, sem pretender considerar as suas implicações, falam os pesquisadores em memória extracerebral, em inglês EXTRACEREBRAL MEMORY (E C M). Há ainda quem prefira referir-se à memória paranormal. As expressões que se referem à memória dão destaque a esse aspecto relevante da questão, mas falham, de certo modo, em não abranger toda a problemática, que importa em vivenciar realmente e não apenas recordar vidas anteriores. As grandes comoções, idiosincrasias, fobias, a conscientização dos fatos são muito mais do que simplesmente a memória.

Não nos excusemos de anotar que, nesse posicionamento, embora compreensível, os pesquisadores psíquicos cômoda e conscientemente se colocam na superfície, sem aprofundamentos, embora prestem valioso serviço à verificação dos fatos. Falam, assim, em "casos sugestivos", considerando que, na realidade, todas as pesquisas, até agora, convergem para a hipótese mais provável e não ainda cientificamente comprovada. Como disse alguém, não se pode, nesse caso, pesar, medir e contar, qual se avalia a exatidão das leis físicas. E nisto estão certos. A Ciência quer mais. E a Ciência ainda não se convenceu sequer da existência do Espírito, embora vá descobri-lo muito em breve, tal a marcha inevitável de seu avanço ao encontro das forças reguladoras do equilíbrio do Universo. Uma advertência que julgamos oportuna: É preciso não confundirmos apressadamente o pesquisador psíquico com o adepto da Doutrina Espírita

porque manipulam a nossa matéria prima, atribuindo a condição de espírita a quem estude e/ou defenda um dos aspectos relevantes da Doutrina, em nosso caso, a tese reencarnacionista; ou mesmo exigindo deles uma adequação aos nossos reclamos. Cada um se coloca no exato lugar de sua contribuição, sempre valiosa. Agradeçamos até mesmo àqueles que pretendam contrapor-se engendrando hipóteses paralelas. Como num quadro, servirão de fundo, ressaltando a evidência.

A Reencarnação poderá ser estudada: primeiro, como um fato em si; como e porque ocorre; segundo, como uma necessidade de ordem filosófica, para entender problemas vivenciais. No primeiro conceito as pesquisas levam-na a ser considerada como ciência de observação. Um fato natural, cumpre-se independentemente da vontade ou da opinião de quem quer que seja, que o aprove ou desaprove. A atração universal não esperou por Newton... Como entendimento, concilia e explica as leis de Justiça e Equidade em que se manifesta e se cumpre um determinismo providencial; e aqui estamos no terreno livre da Filosofia, embora bebamos da fonte de informações que as pesquisas nos fornecem.

Para fundamentarmos filosoficamente a doutrina palingenésica teremos necessariamente de partir do Espírito e, com ele, adotar afirmações basilares que poderão se tornar maçantes, mas necessárias ao fio dos raciocínios. Diremos então:

1º - A ALMA EXISTE. Kardec prefere chamar de alma o Espírito, quando encarnado; e de Espírito a alma quando liberta da matéria.

Se bem considerarmos, embora lhe restrinjam o sentido, os materialistas falam de alma ou psiquê. Todos os espiritualistas, por definição, aceitam a existência da alma (ou do Espírito).

2º - A alma existe POR SI MESMA, isto é, independe do corpo. Não é simples função cerebral de estrutura bioquímica.

Em "O Livro dos Espíritos" se diz que há dois elementos fundamentais no Universo, o espiritual e o material; o Espírito e a Matéria. E que o princípio espiritual (princípio inteligente do Universo) sobreleva ao material.

3º - A alma existe por si mesma E SOBREVIVE à cessação da vida física. Aqui, as correntes filosóficas se diversificam quanto ao destino das almas. A Doutrina Espírita, como se sabe, não aceita a idéia de uma punição ou premiação eterna nem tampouco a da retrogradação à condição de vida irracional.

4º - A alma humana sobrevive e permanece na condição de INDIVIDUALIDADE, não se funde no TODO, como pensam os defensores da escola panteísta.

5º - Não apenas sobrevive, autônoma, como individualidade, mas é ETERNA, IMORTAL. É preciso que se afirme isso, pois poderia admitir-se que sobrevivesse por algum tempo. Houve quem admitisse que somente uma "memória póstuma" sobreviveria e mesmo assim por algum tempo. Com isso, pretendeu-se explicar as manifestações mediúnicas. Mais recentemente surgiu, com Carington (Cambridge, Inglaterra) a tese das partículas ou fragmentos de psique, ou de consciência. Não sabemos até que ponto essa fragmentação sobreviveria.

6º - Considerando-se a alma (o Espírito) com existência própria, sobrevivente e imortal, essa eternidade não teria sentido sem uma razão de ser, um objetivo, um finalismo. Entra neste caso "O L. dos Espíritos" para explicar que a encarnação na Terra tem por finalidade o progresso do Espírito, através das vicissitudes da existência, colocando-o em condições de participar da obra da própria Criação (questão 132). Mesmo um materialista deve aceitar a idéia de um finalismo na vida, ainda que só considere os valores por sua visão unilateral. O Espiritismo fala-nos de um progresso contínuo e permanente do Espírito eterno.

7º - A experiência terrena não completa o ciclo do progresso do Espírito, muito menos numa única experiência, por vezes tão curta. O sentido de renovação está em a Natureza, intrinsecamente ligado ao transformismo e ao aperfeiçoamento. Ora, não seria de se esperar que isso se realizasse parcialmente no elemento material, sendo apenas aparente e não efetivo no campo do Espírito. Pode-se acrescentar que as vidas de todos os seres são solidárias entre si. Seriam solidárias as sucessivas existências do ser inteligente. Somos irrecorrivelmente o somatório de experiências que se revelam nos próprios atos, nas tendências e nas idéias inatas que formam a nossa personalidade renascida e melhorada.

Para a visão materialista há sobrevivência do ser através dos descendentes, sobrevivem as espécies na luta pela vida, sobrevivem os ideais nas gerações que se sucedem. A tese reencarnacionista nos reconduz ao palco da vida, ao cenário da Terra para que usufruamos das regalias por que lutamos no passado e nos reaqueçamos ao calor dos ideais pelos quais propugnamos.

REENCARNAÇÃO E PROCESSO CRIATIVO

Há ainda muita gente que confunde Criação do Universo e Criação do Mundo Terra. Fruto dos velhos sistemas, confundem os primórdios da Criação - de toda a Eternidade, a formação do Universo Infinito - com o fato da constituição - embora em tempos imemoriais -, de nosso pequenino lar celeste, a Terra em particular. Não se desdobrariam esses fatos necessariamente ao mesmo tempo em que se constituíram outras tantas galáxias, outros tantos sóis, outros tantos sistemas.

Nem mesmo o simbolismo bíblico que dá conta da formação de nosso mundo em seis dias estará sendo relacionado, como também se pensou, às eras geológicas, como nos adverte Kardec:

"O primeiro fato que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como o supõem muitos, a cada um dos seis períodos geológicos. ("Os seis dias", em "A Gênese").

Esclarece então:

"O que Moisés teria dito quanto à sucessão dos dias - tarde/manhã - só se aplicaria ao dia de 24 horas e não a períodos geológicos..."

Mostra ele ainda outro ponto controverso: a Terra teria sido criada antes do Sol... E há quem

afirme ainda, humanizando os fatos transcendentais, que no sétimo dia Deus descansou. Fazer este mundinho, um grão infinitesimal diante da vastidão infinita do Universo, este pequeno elétron junto ao núcleo Sol do átomo Sistema Solar no organismo do Todo, isto deveria cansar um velho de longas barbas, alquebrado pelos anos, esse "deus" em que(m) acreditam tantas pessoas ainda hoje. Mesmo quando o Cristo afirmasse: - "Meu Pai trabalha sem cessar...". Acontece que Deus, o Supremo Senhor dos Mundos, cria-os incessantemente. Povoando o Universo de seres inteligentes, cria-os à sua semelhança, ou seja, capazes de se fazerem, a seu turno, também criadores e, assim, de colaborar, de sua parte, com a obra infinita que se evidencia majestosa, sendo portanto cocriadores em plano menor, como disse bem André Luiz. Deus nada faria de inútil e, portanto, não criaria seres potencialmente capazes e em condições de evoluir sem que essa faculdade houvesse de ser desenvolvida continuamente e ser utilizada com os mais elevados propósitos. Por isso, diz-nos "A Gênese":

"Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais. Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade".

Sim, Deus cria incessantemente. Se imaginarmos a escala gradual de desenvolvimento dos seres inteligentes, a partir da fase mais rudimentar ou primitiva à mais perfeita, não nos poderíamos supor inativos. Com efeito, o princípio inteligente, cumprindo ciclos evolutivos, demora-se alternadamente nos pla-

nos que lhe são necessários e espelha, no evoluer do psiquismo, o lento trabalho de constituição do próprio "casulo" mental - o futuro campo de forças do Espírito. Adiante, esboça-se um conhecimento mais dinâmico, que se irá diferenciando com vistas à racionalidade, a traduzir-se inicialmente por certo grau de conhecimento e, de futuro, por uma sabedoria crescente, a manifestar-se no poder criativo, engenhoso, imaginativo do homem, para desaguar nos rumos da Arte, da Ciência, da Tecnologia, que o glorificam e distinguem das outras espécies biológicas. Sentimos que há um plano harmonioso na estruturação do Universo, de sentido francamente evolutivo.

Há, então, uma capacidade criadora do Espírito através das experiências sucessivas. Experiências que se dilataram além das fronteiras do corpo físico, além dos limites do orbe Terra: A vida espírita é uma ocupação contínua, já se disse, e o elemento primordial do Universo é o Fluido Cósmico Universal, onde operam inteligências superiores; também aquelas medianamente capazes; e os seres mais ínfimos, na graduação de seus estágios evolutivos. Ei-lo, o Fluido Cósmico Universal, basicamente matéria, mas em estado vibracional ainda mal detectado pela instrumentação científica, do qual contudo se aproxima já hoje a Física Atômica... Modela-o a força criadora do pensamento. Se o pensamento divino criou o Universo, o Espírito recria as formas, plasma o corpo e a própria paisagem mental. Eis, em suma, a participação do Espírito na obra da Criação.

Localizássemos a capacidade criadora, a inteligência laborativa, as concepções abstratas de beleza.

de ética, de justiça numa estrutura proteica como se ali estivesse toda a essência do ser e tal seria francamente insatisfatório. Se bem admiremos a sabedoria excelsa que colocou papel tão importante na dimensão obscura de complexas moléculas, na intimidade das células, será necessário ver aí o instrumento que não de fato o agente; instrumento esse impressionável, em que o agente labora, em código, os registros necessários aos desdobramentos da vida física. Na verdade, o registro das experiências vividas, o aprendizado multimilenar, este haveria de estar nos arquivos próprios da alma, do Espírito eterno, do psiquismo, transmitida então sob forma da mensagem à estrutura cromossômica em desenvolvimento num ajustamento de forças em que a herança fisiológica vai ajustar-se a reclamos de ordem superior, relacionadas com as necessidades do reencarnante.

Há, sem dúvida, pois, uma fonte de informações, inegavelmente de base física, mas o seu direcionamento, a experiência vivida, repetimos, o conhecimento propriamente dito recusa a razão acomodá-lo simplesmente no corpo, na estrutura da célula; antes o localizamos em algo dinâmico, que é o perispírito, que não pertence propriamente ao corpo físico mas participa da bagagem do Espírito. Muito mais lógico e conseqüente. A importância desses pontos básicos, as funções do perispírito e a lei palingenésica, permitem-nos compreender melhor, entre outras coisas, a presença de criaturas extraordinariamente dotadas, já que não poderiam ter sido adquiridas essas qualidades por transmissão genética, desde que ultrapassem em muito o avanço do saber humano em sua época.

Sim, porque a evolução se processa tanto na Terra como em outros planos de vida do Espírito. Por outro lado, não haveria como concluir, diante de todo o potencial de conhecimentos do passado, mesmo quando coletivamente considerado, que esse potencial ou que esses conhecimentos nada tivessem a ver com o esforço individual de cada um de nós, com vistas à questão do *mérito*. A justiça de Deus não pode ser entendida sem base no esforço, que traz a evolução, enfim, sem o necessário mérito.

A auto-realização no plano humano é processo criativo. Assim, numa força de expressão, diante das múltiplas conquistas da inteligência, poderíamos dizer que o homem recriou o mundo em que lhe foi dado viver. Com o mesmo engenho e arte com que tudo fez, ameaça agora - criança buliçosa - destruir o que fez... Um outro problema.

Na verdade, outra não é a finalidade das reencarnações que o aperfeiçoamento incessante. Tem, portanto, sentido educativo. Mais que isto: a chave reencarnatória é a única que nos abre à compreensão a capacidade criadora do homem, esse Espírito encarnado. É o processo evolutivo que impõe, como meio de atingir as realizações do Espírito, a necessidade indispensável da reencarnação.

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

Embora identificados em seus fundamentos pela idéia central da sobrevivência, da prevalência do princípio espiritual sobre os valores da matéria, o Espiritualismo globalmente falando e de outro lado a Doutrina Espírita têm reflexões diferentes, de diferente alcance filosófico.

Uma das ingênuas objeções que se ouve quanto à tese da reencarnação é a de que a população do planeta, não obstante as guerras e as pestes, os cataclismos e o genocídio, vem-se multiplicando em proporção geométrica a ponto de assustar Malthus e os governos das nações. Perguntam-nos então: Se a alma não é formada na hora do nascimento para cada corpo, onde achar tantas almas para tantos novos corpos? Esquecem-se de que as reencarnações não se processam em ciclos fechados, todos os desencarnados ao mesmo tempo em cada geração, todas as mesmas individualidades. Não sabem que a Humanidade desencarnada é incomparavelmente maior que a encarnada, que muitos Espíritos aguardam oportunidade para voltar ao cenário da vida física. E que Deus cria sem cessar. Que a Terra não é o único planeta habitado, havendo migrações interplanetárias.

E chega a nossa vez de perguntar com a mesma força de preocupação, senão maior: Se vier a ocorrer a ressurreição dos corpos, coletiva, em massa, de uma só feita, como nos arranjaríamos todos com os problemas de habitação, de espaço vital de relacionamento social, de subsistência? E com que mérito? Como prover a Terra e obstar os conflitos existenciais?

Devemos fazer distinção entre ressurreição *imediat*a (diríamos melhor, ressuscitação) e *posterior*, no final dos tempos. Nos capítulos XIV e XV de "A Gênese" Kardec fala do assunto, citando Lázaro, a filha de Jairo e o filho da viúva de Nain. Voltaram-lhes as forças vitais no limiar da vida. Essa ressurreição no chamado *final dos tempos*, para uma vida física peregrina, é a ressurreição da carne, bem entendido isso, e nosso caro Imbassahy, em "A Evolução" declara ser "um absurdo de ordem religiosa, filosófica e científica. Supõe a reunião, neste planeta, de todos os indivíduos que o habitaram até o último século, a fim de prestar conta de suas ações." Se em termos científicos é nenhuma essa possibilidade por óbvias razões, também o será em termos filosóficos até porque o objetivo em vista estaria superado, senão vejamos: Segundo os cânones das religiões tradicionais, a alma, que nasceu inocente mas com o estigma do pecado e depois, em sua vida única, cometeu faltas por despreparo, não se extingue com a morte, mas se destina ao Céu ou ao Inferno, podendo passar transitoriamente pelo Purgatório. Para as almas das criaturas, nem o suplício nem a felicidade, mas o Limbo. Esse Purgatório, aliás, foi instituído mais tarde, afi-

nal um dogma mais humano, racional, embora houvesse colaborado como fonte de divisas através das indulgências. Mas, voltando ao assunto, se as posições no Céu ou no Inferno são eternas e irrevogáveis como se diz, fica evidente que já teria havido um julgamento. Estariam essas decisões sub judice? O próprio sentido de *final dos tempos* é nebuloso. Mostrando sua perplexidade, volta Imbassahy na mesma obra: "Pois é tudo isto o que os teólogos opõem à doutrina das vidas sucessivas!" Em "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec, lemos o seguinte comentário: "Os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia e retomar, para não mais os perder, corpos carnis, os mesmos que os tinham quando vivos". Portanto, imundos, deformados, eternizados, se pecadores... E os santos não poderão purificá-los, como fizera o Cristo. Portanto, aparentemente, não terá havido senão a ratificação do julgamento anterior. Que "Juízo" será esse? Kardec adverte: "Há hoje em dia, sem dúvida, na própria Igreja, homens de bom senso que não admitem essas cousas ao pé da letra, mas como alegorias." Muito bem. Mas não se sabe que tenham conseguido reformular oficialmente tais e outros conceitos, que continuam sendo parte da doutrina ensinada. E pensar-se que a ressurreição do Espírito na carne, ou seja, o retorno, e não a ressurreição da carne, ainda por cima perene, deixaria de constituir esse tremendo absurdo. A diferença é que o corpo estará sendo formado para a alma que o vai habitar; e não a alma, sem nenhuma aquisição de valores, novinha em folha, para o corpo, com possíveis injustificadas mazelas, que se perpetuariam no final

dos tempos... Temos uma visão mais nobre e mais digna de Deus: Aqui, a Terra é o lugar das provas e das experiências em que se elabora em grande parte a evolução do Espírito eterno. Uma mudança radical de conceituação filosófica.

Também se poderia pressupor que a ressurreição anunciada se relacionasse ao reencontro da criatura consigo mesma no *corpo* perispiritual, não bem na superfície propriamente, mas no Espaço subjacente, nas colônias espirituais. Nessa hipótese o registro intuitivo se relacionaria aos Planos da Erraticidade. Contudo, a questão **1010** de "O L. dos Espíritos" nos conduz a outro raciocínio:

"- O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação?"

"- Como querieis que fosse de outro modo? (...)

"- Então, através do dogma da ressurreição da carne, a Igreja ensina a doutrina da reencarnação?"

"- Isso é evidente."(...)

Não só os cristãos assim o fizeram. Os judeus ao tempo do Cristo tinham idéia de ressurreição, embora imprecisa, sem contar com os saduceus, materialistas. E ainda outros povos, como os persas (masdeísmo). Vale-nos a mesma explicação.

Poderiam caber algumas indagações sobre o assunto, como estas: Por que não foi a verdade claramente revelada? Por que o Cristo falou. Ele mesmo, em condenações e no inferno? E até mesmo, por que não falou em Purgatório?

Podemos a esse respeito fornecer apenas os nossos conceitos, sem arrogar-nos autoridade na matéria.

Jesus usava expressões da época, utilizava imagens conhecidas de seus ouvintes para se fazer entender por aquela gente. Frequentemente se valia de imagens e de expressões fortes, vivas, figurativas. E por outro lado, não conviria de pronto destruir todas aquelas idéias de há muito arraigadas no consenso do povo. E se não falou em Purgatório haveria de ser porque essa idéia é nova, não estava em voga. De passagem, é um conceito que não nos pertence...

Estamos hoje vivendo outros tempos. Novos raciocínios, verdades que saem do veladouro. O homem amadureceu e se encontra no doloroso dilema de crer ou de não crer. Quer explicações que lhe satisfaçam o espírito crítico. Aqui temos as nossas.

Registremos ainda, para encerrar, esta sentença de Paulo aos Coríntios:

"Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual" (15.44).

REENCARNAÇÃO NO CONCEITO ESPÍRITA

A lei da Reencarnação não é, dentro do contexto da Doutrina Espírita, um dado singular, de forma a que pudéssemos considerá-lo isoladamente, em separado de outros temas. Em qualquer deles em que nos situemos, volta e meia vamos encontrá-la virtualmente. É, pois, um raciocínio que se impõe, relacionado de perto com todos os princípios doutrinários, aos quais empresta a necessária viga de sustentação, impondo-se a partir do conceito de Justiça Divina e de evolução incessante. Bem se houve o Espírito Lázaro, em comunicação de 1862, em Paris, inserta no Cap XI de "O Evangelho segundo o Espiritismo", falando-nos da lei do Amor, quando acrescenta: "- O Espiritismo, por sua vez, vem pronunciar a SEGUNDA PALAVRA do alfabeto divino. Ficai atentos, porque essa palavra levanta a lápide dos túmulos vazios e a reencarnação, vencendo a morte, revela ao homem deslumbrado o seu patrimônio intelectual". Com efeito, nenhuma perspectiva de vida futura, para estar consoante com a grandeza excelsa de Deus, deixa de passar obrigatoriamente por essa lei, que nos abre a todos ampla visão da Vida Infinita, ajustada, com exatidão, à lei maior, que é a do Amor.

A idéia das vidas sucessivas ou das múltiplas existências planetárias casa-se perfeitamente àquela das muitas moradas da Casa do Senhor, ampliando-se em termos de reencarnação em diferentes mundos, de forma a sustentar a tese da progressão dos mundos habitados. Com isso, assume o Espiritismo uma amplitude significativa, deixando de ser uma corrente avançada dos conhecimentos humanos para ajustar-se à concepção ciclópica do Universo em suas infinitas dimensões têmporo-espaciais e morais.

A Reencarnação, como princípio filosófico, impõe-se: a) pela lógica, explicando as desigualdades morais e intelectuais entre as criaturas, as aptidões, as tendências e as idéias inatas; b) pela função, como instrumento de aperfeiçoamento e de redenção do homem na sua qualidade de Espírito eterno; c) pela moral, integrando-se à Justiça Divina por um conceito bem superior ao dos diferentes credos que insistem numa punição eterna.

Poderemos alinhar como objetivos da Reencarnação: **1.** desenvolver as faculdades da alma, a inteligência sobretudo e as aptidões; **2.** melhorar-lhe sucessivamente o caráter pelo aprendizado moral continuado, pelo cansaço e exaustão do mal, assinalando exemplos e realizando experiências; **3.** influir cada alma pelos valores assimilados (culturais, intelectuais, sentimentais, morais) no progresso da Humanidade como um todo; **4.** permitir que se cumpram, no que respeita a méritos e a deméritos, através das provas e de expiações necessárias, a lei de causa e efeito ou de ação e reação; **5.** preparar-se o Espírito através do progresso realizado para atuar mais e melhor como parte do concerto universal, em sua ação co-criadora.

Haveria então reencarnações, na Terra, de Espíritos em diferentes níveis: a) de resgate e de regeneração; b) de aprimoramento de conhecimentos e virtudes; c) de possibilidade a que, evolvidos, aceitem missões e tarefas de auxílio. Longe portanto a idéia, prevalecente em alguns círculos pouco familiarizados com o estudo, de que o conceito de reencarnação se resume naquela de castigo. Mesmo com vistas ao futuro dos homens na Terra onde nos situamos, lembremos a observação de Delanne ("A Reencarnação", pág 309 da edição vernácula): "As nações reencarnam por grupos, de sorte que existe uma responsabilidade coletiva como existe a individual; daí resulta que, qualquer que seja nossa posição na sociedade, temos interesse em melhorá-la, porque é o nosso futuro que preparamos."

Temos, sim, uma responsabilidade muito grande aqueles sobretudo que alcançaram um certo grau de conhecimentos. A reencarnação nesse caso nos cobra sempre com novas oportunidades de recomeço e será ideal não marcarmos passo na senda da evolução e do trabalho.

REENCARNAÇÃO E REVELAÇÕES

Ao abrir o Cap. VIII em "O L. dos Espíritos" - Emancipação da alma - Kardec não apenas penetrou na faixa divisória de águas da fenomenologia psíquica, que mais tarde Aksakof retomaria considerando-a *anímica* e *espírita*, como permitiu uma visão de conjunto de toda uma ordem gradativa de fenômenos da mesma índole, tais o sono, o sonambulismo, o êxtase, produtos da liberdade transitória da alma, que se torna assim mais independente dos elos físicos, adquirindo relativa lucidez - o que é inerente à condição de Espírito. E nem é preciso para tanto o sono completo, basta muita vez um simples cochilo, uma fração de segundos.

Hoje em dia se fala muito em projeção da consciência, ou seja, nos *vôos* do Espírito, em condições bem próximas. O sonambulismo é um sono mais profundo, em que se acentua a clarividência (dizemos clarividência sonambúlica). Começemos por considerar a visão em sonho; este tanto pode projetar-nos no presente como no passado, quiçá no futuro. Pode tratar-se de uma visita (ou de uma revelação) *em Espírito* realizada em ambiente nosso conhecido, pondo-nos

em contato com pessoas igualmente desdobradas ou com Espíritos. Mas também pode acontecer que nos vejamos em outra forma física, em outra posição, dispondo de outra linguagem; mesmo assim sabemos que somos nós (ou que fomos...). Fantasioso? Nem sempre. Uma ordem de fatos relacionados a esse sonho lúcido dar-lhe-ão respaldo, emprestando-lhe valor probante. Resumindo, no sono (e sonho) natural, no induzido por fármaco ou no hipno-magnético, pode haver observações importantes: a) da vida atual; b) de uma vida anterior; c) do período de intermissão; ou d) serem premonitórios. Podemos dizer isso mesmo do sonambulismo. Acresce que o sonâmbulo pode transmitir-nos as suas impressões diretamente nesse estado, atendendo ao hipnotizador e acontece esquecê-los ao voltar à vigília. Como também de todos os sonhos a rigor não nos lembramos. E podemos estar diante da mediunidade sonambúlica, quando outro Espírito ocupa a instrumentação mediúnica enquanto o próprio Espírito "viaja".

A lucidez sonambúlica tem permitido observações curiosas. Há casos de discordâncias entre a opinião da pessoa em vigília e as afirmações no estado sonambúlico. Edgard Cayce só veio a aceitar a reencarnação pela insistência com que, estando mediunizado, os Espíritos, por seu intermédio, a expunham com fatos irrefutáveis.

Admitamos agora, porque vimos falando dos sonhos, que alguém tenha visitado em sonho determinado lugar, fixando cenários atuais ou acontecimentos por vir. Sem registro contido na memória cerebral. Se, em pessoa, visitar esse lugar (proximamen-

te, de preferência) há possibilidade de que reacenda a lembrança, dando a sensação de familiaridade, como se realmente conhecesse de antemão o ambiente, os fatos. Pode ser que ocorra um fenômeno ou uma sensação extremamente rápida, mas de efeitos persistentes. No caso, tudo se nos aparece como vimos. Se, pelo contrário, estamos agora visitando um certo lugar e de repente dá-se que conhecemos, sem saber como, tudo que lhe diz respeito, tudo nos é familiar, mas temos consciência de *como fora antes* tudo aquilo; ou então dá-se que reconhecemos de forma inusitada interiores de templos, de palácios, acidentes geográficos, velhos bairros e ruas antigas; entendemos de repente idioma local como se fosse o vernáculo, circunstâncias dessa ordem, com a mais absoluta probabilidade tivemos uma visão retrospectiva, que pode nos trazer à memória não apenas um sonho cognitivo; muito mais que isso, tal o impacto: rememorações diretas de outra vida, projetadas na mente. Essa, a típica sensação do *já visto*. E não seria uma simples fantasia. E o que o francês chama de "déjà-vu". Com toda a certeza, uma experiência pessoal intransferível.

Diz-se, em Medicina, *paramnésia* à falsa memorização, considerando-a patológica. Em Paranormalogia diz-se da memória pela qual o paciente tem recordações latentes, confusas por vezes, que se presume terem ficado adormecidas no subconsciente. Difícil é estabelecer paralelo entre aqueles fatos exuberantes e estes que envolveriam tais conceitos, pouco brilhantes por sinal. A vida passada positivamente desponta, por necessária, na explicação dos eventos dessa natureza. Além do mais, sonhos premonitórios e comuni-

cações mediúnicas são citadas anunciando reencarnações e as características previstas se verificam com impressionante exatidão em tantos exemplos apontados, fora de qualquer alegada coincidência casual. Não raro essas crianças ainda por cima trazem reminiscências, recordam a personalidade anterior. Mesmo em se filtrando com cuidado para não vermos passar *gato por lebre*, entrando na intimidade dos casos para ter tudo *explicadinho*, como convém, o campo da fenomenologia psíquica, numa série de observações tomadas, nos permite evidenciar a presença da "outra vida" ou das "outras vidas" numa impressionante somação de relatos. Dentro da conjuntura dos próprios fenômenos. Repetimos assim que a Reencarnação, em nossos raciocínios, não é um fato que possa ser isolado ou deixado de lado por qualquer motivo ou preconceito.

Outro ponto importante que os estudiosos consideram, com suas razões, na filtragem dos casos, é a predisposição em aceitar os fatos como tais. Pela posição filosófica em que se coloca o paciente, têm eles maior ou menor relevo na pesquisa. Pessoas que nunca se preocuparam antes com essa ordem de fenômenos são surpreendidas com eles. Outros escamoteiam narrativas por presumir processo patológico ou por ferir sua formação religiosa. Já em se processando entre reencarnacionistas poderá parecer a alguém que se trata de um devaneio motivado pela crença. Muitos nada revelam ou o fazem com todas as medidas de segurança para evitar o que lhes parece uma posição incômoda. Finalmente, o assunto é normal e corriqueiro para outros, vivenciando na prática o aspecto filosófico que lhe é absolutamente tranquilo. A explicação é natural na rotina dos seus dias.

REENCARNAÇÃO - CONCEITO E DISCREPÂNCIAS

Falamos em conceito espírita de Reencarnação para defini-la com precisão. Não basta aqui o conceito literal, como veremos. Digamos então, para evitar ambigüidades, que Reencarnação é a volta da alma (do Espírito, mais exatamente) à vida corpórea, mas em um outro corpo humano especialmente constituído para esse retorno e que, por sua composição, nada tem a ver com o antigo. O cuidado se justifica, pois a reencarnação não é uma afirmação originariamente espírita e dessa forma os seus conceitos podem variar, como efetivamente variam de escola assim como variam as interpretações semânticas das palavras.

Entrar um Espírito, de alguma forma, provisória ou definitivamente no corpo (de outrem, já constituído) - não se discuta aqui a propriedade ou impropriedade do que se alega - não é o mesmo que reencarnar ou simplesmente encarnar. Há estudiosos que confundem as cousas e até mesmo, por que não dizer, escritores muito nossos conhecidos... Assim, certos bons escritores franceses escorregaram na linguagem usando **encarnar** por incorporar: "Ele (o médium) encarnou o Espírito tal..." Ou então "o Espírito encar-

nou no médium Fulano..." Significaria uma encarnação *efêmera*. E não é isso em absoluto que se passa na psicofonia, o Espírito não entra corpo a dentro do médium. Muito menos isso poderia ocorrer em caráter definitivo, em face do processo encarnatório pelo seu mecanismo, pela necessidade de agregação lenta dos elementos constitutivos do corpo através do modelo organogenético fornecido pelo perispírito.

Há uma obra - conhecemo-la apenas por citação - em que o autor combate a tese reencarnacionista por um lamentável equívoco de conceituação. Ele, o Dr. Wickland, não aceita de modo algum que o Espírito possa reencarnar numa criança (já nascida, é o que parece) porque se assim o fizer a estará obsidiando, substituindo-lhe a personalidade... Ora, a subjugação, a nível de possessão, é um capítulo inteiramente à parte em termos de fenômeno. O que se diz é que o próprio Espírito que retorna une-se célula a célula, desde a formação do ovo, ao instrumento físico modelado para ele próprio. Nesse caso, a individualidade reencarnante leva a própria bagagem na mudança de estado, é ela própria que chega, não outra.

Não fica por aí a confusão. Certa obra, abordando o avanço da Parapsicologia no mundo soviético, emprega erradamente o termo em questão (ou eles próprios por lá o fariam) conceituando o que chamam erradamente reencarnação *artificial*. Talvez pensem eles que é uma novidade. Trata-se na verdade de indução hipnótica da personalidade estranha, já experimentada no século passado no Ocidente e a que Lombroso se refere na primeira parte de sua obra "Hipnotismo e Mediunidade". Novidade apenas o mau emprego da palavra.

Consideremos agora uma outra questão ligada ao significado das palavras. Kardec nos fala na reencarnação como fazendo parte dos dogmas judeus sob o nome de ressurreição (O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap IV). E nos fala ainda da vida futura (idem Cap II). Aqui nos fala textualmente: "Esse dogma pode ser considerado como o ponto central do ensinamento do Cristo". E não fica aí. Já antes, em "O L. dos Espíritos", a pergunta 171 é assim formulada: "- Sobre que se funda o dogma da reencarnação?" Ora, porque consideramos o Espiritismo uma doutrina fundamentada na razão, fere-nos à primeira vista a sensibilidade essa expressão. Dogma no Espiritismo? O que acontece é aqui existirem dois significados próximos, um estrito, outro amplo, para a mesma palavra. Dogma - afirmação indiscutível e imutável, fundamental à Fé, que deve ser aceita obrigatoriamente por todos, uma vez estatuída pela Igreja. E, por exemplo, o caso das penas eternas. Do Céu e do Inferno. Do Diabo. De Adão e Eva. Mas temos também: Dogma - Ponto fundamental de doutrina em religião ou filosofia. Abranda-se o conceito e teremos encontrado cabimento pleno para o emprego do termo. Pois, sem dúvida, a multiplicidade das existências é fundamental ao entendimento da revelação espírita. Henri Eine, em comunicação dada em 1863 e colocada no "O Evangelho segundo o Espiritismo" nos diz: "- A Reencarnação, esse belo dogma, eterniza e precisa a filiação espiritual. O Espírito chamado a prestar contas do seu mandato terreno compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retorna da (...)."

As discrepâncias são observadas, pode-se concluir, pelo mau entendimento do processo ou pela diversificação semântica quanto ao sentido do termo. Foi assim que, dominando a mente dos antigos filósofos a idéia absorvente de que reencarnação fora um castigo dos deuses, das forças superiores regentes do Universo, essa punição se traduziu até mesmo na hipótese retrogradativa da Metempsicose. São escorregões que ocorrem pela pouca iluminação das mentes perscrutadoras das Leis Divinas. Ainda hoje, até mesmo entre espíritas, se não estivermos despertos à maior compreensão dos fatos, cairemos insensivelmente nas considerações referentes a penas futuras como se foram elas a única e absoluta razão do nosso retorno. Se duvidarmos muito estaremos enxergando o Deus vingativo de Moisés à nossa frente. Se a reencarnação existe, se a correção existe, impõem-se antes de mais nada pelo impositivo do progresso incessante. E esse progresso é a Lei.

REMINISCÊNCIAS - DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL

Parece-nos apropriado chamar de *reminiscências* as lembranças que crianças e mesmo adultos têm, marcantes, significativas, de uma outra existência física, em geral brotando espontâneas, a partir de um fato ou circunstância desencadeadora, cercada por sua vez de comemorativos que emprestam a essas lembranças alto potencial de crédito. Nesse caso, é imperioso considerarmos tais experiências com toda a isenção de ânimo, fazendo como que um *diagnóstico diferencial* com outras aventadas hipóteses prováveis ou pelo menos discutíveis. Buscam-se com isso as *evidências*. Consideram-se evidências diretas as recordações e os comemorativos que as vivenciam, como por exemplo, digamos, o anúncio premonitório de uma gestação improvável, que se cumpriu, somado à verificação de um certo sinal de nascença referenciado, tudo isso associado às rememorações expressivas do paciente. Tem acontecido. Digamos que tudo isso estivesse obedecendo a uma sucessão de acasos coincidentes e, então, que se invalidem todos os conceitos que podemos ter de lógica e de bom senso. Chamam-se evidências indiretas aquelas em que a tese re-

encarnatória aplica-se como uma luva, justificando plenamente o fato sem necessidade de subterfúgios. Exemplo: as crianças-prodígio. Há ainda a considerar duas circunstâncias: **1º** - A personalidade anterior foi perfeitamente identificada, sabe-se que realmente existiu e as informações conferem. Fácil de verificar-se especialmente quando são bem próximas as encarnações. Diz-se que o caso "está resolvido". **2º** - Tudo está indicando a exatidão das lembranças, mas não se conhece e não se identificou diretamente a personalidade anterior. Diz-se que o caso é "não resolvido".

Admitamos que alguém, sem má fé, por inexperiência e uma certa dose de entusiasmo, qualifique eventos e sensações subjetivas à conta de reminiscências. Ou estivéssemos diante de fraudes intencionais, por parte de pessoas industriosas com o fim de atrair atenções. Daí a necessidade de parâmetros, de que se valem os estudiosos do assunto.

Uma das hipóteses, a seguir, é a da criptomnésia (memória escondida). Nossos opositores insistem nessa tecla, o que nos parece uma escamoteação, quando jogada ao sabor do inverificável. Seriam fatos esquecidos, mas desta vida mesmo. Se isso porventura acontece, digamos que sim, volta-se ao que dissemos acima, não se aplica à generalidade dos casos, especialmente aos ditos "resolvidos".

Devem distinguir-se também relatos sugestivos espontâneos dos quadros típicos de personificação sob indução hipno-magnética, que nada têm a ver com reencarnação. E bom insistirmos nisso.

Tratar-se-ia de uma simples manifestação mediúnica? Se alguma personalidade *intrusa* assumisse o

comando do médium mesmo assim faltariam às suas afirmações as características conhecidas. As comprovações não ficam na superfície dos relatos. A subjugação, mesmo atingindo porventura o seu clímax - a possessão -, é sempre perturbadora e só poderia aplicar-se a um número exíguo de casos.

Os relatos poderiam enquadrar-se no âmbito da PES, que inclui clarividência, telepatia, retrocognição. Não haveria porque rejeitar em princípio o conceito, desde que as rememorações são ditas extracebrais. Só que se referem a alguém já falecido que o paciente afirma ser ele próprio. O sentimento do paciente é aqui suficientemente forte para que nos permitamos uma indefinição, admitindo tratar-se de erro de pessoa. E tem mais: o alegado sensitivo habitualmente não apresenta nenhuma outra qualidade psi ou perceptiva nem quantidade de acertos requeridos para esse enquadramento. Sugestão telepática? Teria a ação que influir decisivamente num cortejo de circunstâncias, não apenas na memória, e ser persistente o bastante. Essa hipótese de captação, não se sabe precisar de onde, se parece muito com a tese dos "psicons"... Na psicometria pessoal a visão do psicômetra exorbita espaço e tempo. Não haveria absurdo que se descobrisse a si mesmo, o que não vem acontecendo. Deve distinguir-se essa percepção das reminiscências, que efetivamente não se confundem.

Já nos referimos à alegada "memória genética" e se isso acontecesse positivamente em algum caso, seria restrito a muito poucos...

Muito de passagem, para concluir, citemos as experiências de regressão de memória. Elas seguem

retroativamente da adultícia à fase intra-uterina, revelam o período dito de "intermissão" - a vida espírita, na Erraticidade, e reencontram a individualidade, ela mesma, em outra personalidade, às vezes investida em sexo diferente, em época diferente, em condições sociais que podem não ser as mesmas. Diferem das reminiscências espontâneas porque há aqui uma indução dirigida. Como acentua De Rochas, uma indução não a fatos predeterminados, que propiciaria erros (conduziria a uma indução hipno-magnética de determinada personalidade, portanto a erro). Uma indução ao estado que leva à exteriorização, permitindo a *viagem* no tempo e no espaço. E guiando a consciência projetada às épocas desejadas. E a moderna Terapia das Vidas Passadas se baseia exatamente nessas experiências.

Se essas experiências são exitosas, se por sua vez as reminiscências têm merecido cuidadosa observação, e a pesquisa realmente entusiasma pelo valor probante, ainda assim havemos por absolutas as reflexões da Doutrina por setis termos filosóficos, falando-nos à razão, à inteligência humana.

REENCARNAÇÃO - PRÓS E CONTRAS

Curiosa não deixa de ser a obstinação com que muitos, no Ocidente, reagem à idéia de ter voltado ou de ter que voltar à Terra em outro corpo. Ser-lhes-ia incômoda ou até assustadora uma contingência dessa ordem. Enquanto isso, outras tantas pessoas pretendem ter sido no passado a personalidade A ou B, quase sempre ilustre, alinhando infundados elementos de persuasão, o que se não deseja, diante da seriedade do assunto.

Surgem inúmeras refutações de ordem filosófica ou de embasamento científico assim como teses que procuram descartar a possibilidade de retorno à vida física. No primeiro caso, as mais mezinhas seriam, como por exemplo, esta: Por que iríamos pagar pelo "outro", pelo que o "outro" fez? Prevalece a idéia de castigo. E acrescentam: Se de eventuais faltas não nos lembramos, qual o mérito que adviria daí? Ora, desde que a vida não se limita ao percurso do berço ao túmulo, ser-nos-á a experiência física porventura dolorosa como preciosa lição e a melhor oportunidade de assimilá-la será contemplá-la num plano de visão sem os obstáculos do corpo. Ademais, não será pre-

ciso desencarnar para isso, a bem dizer. Contudo, se claramente nos recordássemos dos velhos erros, possuindo ao mesmo tempo a certeza de que a correção dolorosa estaria prestes a operar-se, essa antevisão de fatos iminentes, da hora do resgate, seria simplesmente cruel e inibidora. Outra cousa que comumente se diz: Se, desencarnados, sofreremos pelo mal praticado na Terra, como se sabe que acontece, seria justo pagarmos duas vezes? Primeiramente lembremos que, se o sofrimento tivesse de ser eterno, seria bem pior... E bem verdade que purgamos os nossos erros. Mas é preciso aditar que o propósito da lei não é o sofrimento em si mas a reparação, com vistas ao progresso. Não se trata propriamente de castigo como forma de pagamento da dívida e pronto, sofreu, ei-la liquidada. Antes, é uma oportunidade de ajustamento, corrigindo imperfeições, reabilitando-nos.

O testemunho na carne é sempre precioso. Quase sempre, aqui tivemos a nossa lavoura e aqui teremos a colheita. Mas André Luiz nos fala em "Ação e Reação" que há expiações no Céu e na Terra; e acrescenta: "Por nossas ações deploráveis, *aqui*, é natural que venhamos a padecer na carne" (pág. 92). E na mesma obra, mais adiante, percebamos o diálogo: "- Não bastaria sofrer na dolorosa purgação, aqui deste lado, sem renascer na esfera carnal?" R. "- A bênção do olvido temporário é preciosa para a renovação de forças."

Certifiquemo-nos de que é o Espírito, muita vez, que aceita ou pede uma nova experiência, como o aluno que requer segunda época ou segunda chamada, na expectativa de ser favorecido. E as lembranças.

ainda que vagas, não estão perdidas. Quando não se exteriorizam através de deficiências e de autênticas provações. Mas é bom refletir que nem tudo na vida, por outro lado, são expiações. O Espírito recorda compromissos em momentos de emancipação. Esforça-se, não raro, para resistir às más tendências.

Outro argumento, pretensamente eficaz: Muitos Espíritos comunicantes não falam em reencarnação. Muitos até mesmo negam essa possibilidade. E a explicação é bem simples. Quando nos falam de suas experiências, estas podem estar voltadas para outros problemas, que os absorvem. Ademais, não são eles sábios porque *morreram*. Muitos não aceitavam a idéia e não quererão, ainda agora, admiti-la. Em contrapartida, muitas comunicações mediúnicas referem-se às próximas reencarnações, em circunstâncias que se confirmam, confirmando a mensagem. Fala-se de que os espiritualistas de língua inglesa, em suas obras, passam ao largo em termos da reencarnação. É preciso, para dizer isso, desconhecer simplesmente o assunto. Há, de um modo geral, tantos livros de origem francesa como anglo-americanos, estes últimos em edições mais recentes, sobre o palpitante tema.

Teorias têm aparecido para explicar casos sugestivos como se nada tivessem a ver com reencarnação. Assim, a da memória ancestral global que seria captada por certas pessoas em algum lugar metaetérico e que responderia pela falsa idéia de uma vida anterior. Tudo nos parece muito bem arranjadinho. Outra, a da memória genética, ou seja, transferência por via genética (hereditariamente) não apenas dos caracteres, mas também da memória. Ora, os caracteres físicos

são evidentes. Por que ordem de cousas a memória, nesse caso, só desponta aqui e ali com raridade? No caso de a memorização não ter nada a ver com algum ascendente conhecido, talvez não faltasse quem houvesse de apelar para o mal-passo de algum ancestral, quem quer que fosse, surgisse ele da mais longínqua região do planeta... Ponderado, Hernâni Guimarães Andrade ("Reencarnação no Brasil") lembra que há "uma grande diferença entre *caracteres de comportamento* herdados geneticamente e a *evocação* de eventos e imagens por parte de alguém que se *recorde* de cenas passadas" (pág. 74) - os grifos são do autor citado. Outra teoria recente, no mesmo diapasão, é a dos *psíquons*, fragmentos de psique ou de consciência captados pelas pessoas por conta de uma possível sintonia vibratória. Com isso, a incorporação de idéias e sensações que certo indivíduo assimilaria ao seu patrimônio. Com isso as doenças mentais. E no mesmo nível, as rememorações extracerebrais ou extrapersonais. Interessante engenho, sem dúvida...

Esses e outros tantos seriam os caminhos havidos para contornar a todo custo a cidadela em que se situa, firme como a rocha, por lei natural, a lógica imperturbável da Reencarnação, tão simples de entender.

Para as pessoas bem intencionadas entenderem a lei reencarnatória de forma simples e intuitiva, servem os bons romances mediúnicos, onde se identificam as individualidades em litígio na Terra em diferentes existências, lutando pelo seu próprio aperfeiçoamento. Desaparece a sensação do "outro" personalidade...

REENCARNAÇÕES EXPIATÓRIAS - ASPECTOS PARTICULARES

Kardec diz textualmente que "certas pessoas repelem a idéia da Reencarnação pelo motivo único de que ela não lhes convém aos propósitos, dizendo que lhes basta uma existência e não desejam iniciar uma outra semelhante". Toca, a seguir, nos aspectos de aptidão, das idéias inatas, dos impulsos precoces para vícios ou virtudes, nos sentimentos inatos de dignidade e de baixeza contrastantes com o meio, no contraste entre selvagens e civilizados...

Há, hoje em dia, muita gente ainda assustada com a possibilidade de uma reencarnação, do retorno em outro corpo, e como seria isto, até porque das penas eternas muitas delas já se "curaram", considerando a insubsistência da tese. E portanto natural que se perguntem, um tanto aflitas, acerca da problemática que surge em função desse retorno. E que as doutrinas antigas, em geral, a respeito do assunto, olhavam-no tão-só como medida punitiva dos erros cometidos, nada mais que isto; e ainda hoje a preocupação dominante é essa. Ora, que se imponham corrigendas, não há como duvidar. Importante, contudo, entender-lhe a magnitude dos fins a atingir. Isto pos-

to, restará a cada um de nós viver naturalmente a vida como ela deve ser realmente vivida, em função de seus nobres fins que são, com toda a certeza, o aperfeiçoamento incessante na faixa de evolução em que ainda nos demoramos. Certo, não é o Espírito obrigado a passar por toda a sorte de tentações. Não passará por aquelas que não se tornem necessárias, se tomou de moto-próprio o caminho que delas o afasta. Dito isto, considerando agora então uma vida expiatória, vejamos o que se contém na questão 262-a de "O L. dos Espíritos": "- Deus sabe esperar, não precipita a expiação. Entretanto, pode impor certa existência a um Espírito quando este, por inferioridade ou por má vontade, não está apto a compreender o que lhe seria proveitoso, e quando vê que essa existência pode servir para a sua purificação, o seu adiantamento, e ao mesmo tempo servir-lhe de expiação."

Nas obras de André Luiz, ricas de ensinamentos sobre o mecanismo das provas e expiações, ao mesmo tempo esclarecedoras da intercessão benfazeja dos mentores espirituais, recolhemos algumas definições preciosas do que chamaríamos provisoriamente de reencarnações *especiais* ou de aspectos especiais ou particulares de reencarnação expiatória. A intervenção misericordiosa da Lei supre muitas vezes a incapacidade temporária do Espírito recalcitrante. E então o caso da reencarnação *compulsória*. Na balança da Justiça e da Clemência vai predominar o prato do determinismo sobre o do livre-arbítrio. Por definição, processa-se a reencarnação sem qualquer consulta aos que estão necessitando dela, por não terem condições de opinar quanto ao seu futuro. Leva, muitas

vezes, a alterações congênitas. É o caso, por exemplo, de Sabino, figura que aparece em "Ação e Reação", veja-se o que está nas páginas 179 a 181.

Em "O L. dos Espíritos", através das afirmações feitas pelos Espíritos a Kardec, aceita-se a tese de que os órgãos se desenvolvem pelo exercício das faculdades. Gênios, sábios, poetas, artistas, etc, não são gênios tão-só porque têm órgãos capazes de exprimir a genialidade. A qualidade está no Espírito assim como a virtuosidade não poderia resumir-se na excelência do instrumento. Os órgãos físicos são esse instrumento, e porque capazes, o Espírito deles se servem em plenitude. Mas, se é verdade que os órgãos exercem inegável influência sobre a manifestação das faculdades inerentes ao Espírito, é verdade conseqüentemente que, se imperfeitos, pela força de um determinismo, não ensejarão que o Espírito evidencie o potencial de que seja capaz, ou seja, toda a sua capacidade. Instrumento defeituoso, mesmo que em mãos de exímio executor. Pode, assim, uma tal expiação ser imposta em face do abuso de certas faculdades. E o que se diria um "tempo de suspensão", isto é, uma vida apenas no infinito dos tempos. O veículo físico em que estagia como deficiente mental certo Espírito pode impedir-lhe certas manifestações por penosa reparação, impedindo-lhe ao mesmo tempo novos compromissos nas sendas do mal, uma bênção portanto. - Bênção, porventura? - perguntarão. O remédio, por ser amargo, não é por isso menos eficiente. Dizem até mesmo que "o que amarga cura"... E é bem melhor que a irremediável hipótese penalística do sofrimento eterno, sem comparação. Vol-

temos a André Luiz e ele nos informa que as reencarnações expiatórias se processam "como auxílio aos náufragos da vida" ("No Mundo Maior", Cap VII) e ainda em "Nosso Lar" (página 39): "A carne terrestre é campo bendito de curas radicais". Cura moral do Espírito recalcitrante, quererá dizer.

E aquele autor espiritual nos fala, ainda adjetivando de outros aspectos da reencarnação do tipo expiatório para chamá-la agora *retificadora*. E nos diz que as reencarnações retificadoras são uma alternativa inevitável para a internação na carne em condições realmente penosas, que representa um regime de sanção. Isso está em "Ação e Reação", páginas 250 e seguintes. Aqui, as almas acolhidas nas instituições de socorro refizeram-se pouco a pouco e pedem a internação na carne como o doente que pede a cirurgia através da hospitalização. Enfim, atende aos próprios rogos.

Ainda uma vez adjetivando, André Luiz denomina reencarnação de **emergência** aquela que é providenciada pelos mentores e assistentes espirituais como medida urgente, de emergência mesmo, em consequência de ter ocorrido um decesso prematuro, não obstante certos méritos adquiridos por algum Espírito, significando medida interveniente de apoio. Lemos isso em "Sexo e Destino" a páginas 275 e seguintes: "A desencarnação precoce acarretara-lhe (a Marita) prejuízos. Ele, porém (Félix) rogara de orientadores antigos as possíveis concessões (...) de modo a que se não perdessem medidas em andamento para o resgate do pretérito. O decesso prematuro representara fundo golpe no programa estabelecido ali no **Almas Irmãs** anos antes."

Na obra "Entre a Terra e o Céu", a páginas 208 há a designação de encarnação *malograda*. O malogro aqui é aproveitado. É uma das formas de reencarnações que se processam como expiatórias, mas que atuam como remédio heroico. A carne funciona nesse caso como filtro depurador, retendo impurezas do perispírito. Nesse caso, a cada malogro e nova tentativa de sobreviver, o Espírito irá se exonerando da carga de imperfeições, de fluidos deletérios e densos, refazendo-se, resultando assim em potencialização de valores preciosos nessa forma de resgate em relação aos méritos da vida corpórea que haja porventura vilipendiado. Temos em "50 anos depois" um exemplo dessas tentativas na individualidade de Ciro.

Outra forma ainda, a reencarnação devedora, ou antes, *restituidora*, se quisermos assim chamar. Tem o fim especial e explicitado de fazer o delinquente, usurpador, nesse caso, restituir às criaturas o que lhes deveria caber de direito. Será dado Espírito compelido, em nova existência, à devolução. Veremos isso em "Ação e Reação", na página 77: "Breve encarnação no círculo em que delinquirá a fim de restituir aos irmãos espoliados os sítios de que haviam sido expulsos". Ou o inverso, que também acontece e se encontra na obra "No Mundo Maior", na página 168, em que o espoliado, no ajuste, vai reassumir, por herança, legitimamente, na época própria, em novo corpo, a posse dos bens, renascendo no seio dos usurpadores. A moral desses fatos é clara: a Lei é equânime, justa, irretratável.

Diante de tudo isto, o medo de reencarnar e pagar tais dívidas e erros do passado pode perfeitamen-

te substituir-se pelo desejo de acertar os passos na vida atual, antes que seja tarde: "- Concilia-te com o teu adversário enquanto estás a caminho com ele..." - dissera o Cristo; e quanta sabedoria nestas palavras.

Nunca nos esqueçamos, todavia, de que a reencarnação, se tem inegavelmente estes aspectos, não é por si mesma, por sua índole, punitiva; ressarcidora - diríamos melhor. Não deve ser olhada pelo prisma exclusivo do pagamento de dívidas, se bem que nos é suave a sensação de tê-las resgatado. E, por excelência, enorme campo de crescimento do Espírito com vistas às Esferas Superiores. E toda subida exige esforço e direção.

ESQUECIMENTO: COMO EXPLICÁ-LO?

Certo que ao reencarnarmos não guardamos na memória, de ordinário, os fatos que se desenrolaram nas existências precedentes. Eventos em contrário constituem exceção à regra geral e são estudados em capítulos especiais. Podemos, sim, reconhecer em cada um de nós tendências, qualidades, aptidões inatas, que escapem às expectativas, também fobias, idiosincrasias. Muitos guardamos uma vaga intuição de coisas distantes, como que um eco longínquo a indicar um passado envolto em densa penumbra. Por vezes trazido no veladouro dos sonhos retrocognitivos.

Tentemos questionar o problema do esquecimento: além das razões biológicas, pois trazemos em nosso cérebro o que diríamos aquela fita virgem onde serão gravados os elementos constituintes da nova personalidade, há profundas razões de fundamento filosófico, de raiz psíquica, a partir do conceito providencial da própria autodefesa do novo ser. Em que pesem os fenômenos de memória extracerebral, de regressão de memória (experimental ou também empregada como recurso terapêutico), de reconhecimento, por algumas pessoas, de suas personalidades préteritas, do chamado "déjà-vu", de casos semelhantes, registrados nos anais das ciências psíquicas, o co-

mum de nós todos não sabe quem teria sido senão inferindo-o através das tendências, das vocações, dos vícios e virtudes, das provas e/ou expiações que experimentamos, da bagagem de conhecimentos alicerçados com que já amanhecemos para a vida. Dissemos autodefesa... Para isso, vamos procurar amparo na Psicanálise. Fala-se muito em *"ato falho"*, toda vez em que nos escapa o que desejaríamos guardar. Traições do Inconsciente... E, quanto aos *lapses de memória*, os esquecimentos, involuntários, dizemos sempre, concluem os psicanalistas que o Inconsciente esquece aquilo que o desagrada. O Inconsciente manobra, ardisoso, inteligente, o mecanismo das lembranças... Esse Inconsciente é o Espírito! Ele se resguarda então de recordar uma vida anterior ao ponto de que não interfira sobre os novos valores da existência em curso. Sábia determinação.

Assim argumenta Leon Denis em "O Problema do Ser, do Destino e da Dor":

"O esquecimento é necessário durante a vida material. O conhecimento antecipado dos males e das catástrofes que nos esperam paralisariam os nossos esforços, sustariam a nossa marcha para a frente".

Discutindo o assunto, "Revue Spirite" (1863) aborda o pensamento de um correspondente segundo o qual o esquecimento tiraria aos males da vida o caráter de expiação. A Revista começa por declarar:

"É um erro. A lembrança completa dessas faltas teriam inconvenientes extremamente graves por isso que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo, trariam até mesmo perturbações nas relações sociais e travaria o nosso livre-arbítrio".

E acrescenta:

"Esse esquecimento não é absoluto. Só se dá na vida exterior, de relação, no interesse da Humanidade. Tanto na erraticidade como nos momentos de emancipação o Espírito se lembra e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz na voz da consciência, que o adverte do que deve e do que não deve fazer. Se não a escuta a culpa é então sua. Suas tendências más lhe ensinaram o que resta de imperfeito a corrigir".

"Nada há de irracional em admitir que um Espírito na erraticidade escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar os erros do passado".

Esse conceito é conforme com o que se lê em "A Gênese":

"Não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento. O Espírito é sempre ele, antes, durante e após a encarnação. Esta é apenas uma fase especial de sua existência. Durante o sono o Espírito, emancipado, conserva as lembranças. É que sua vista espiritual não está empanada pela matéria".

Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", Cap V, Kardec volta ao assunto e é bem claro:

"O Espírito renasce freqüentemente no mesmo meio em que viveu e se encontra (de ordinário) com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenha feito. Ora, se a elas reconhecesse quais houvessem sido, talvez o ódio reaparecesse. Esse esquecimento só existe durante a vida corpórea. Trata-se de uma interrupção momentânea como a que temos na própria vida terrena, durante o sono. Não é somente após a morte do corpo que o Espírito recobra a lembrança do passado. Ele a rigor não a perde, pois, durante o sono, goza de certa liberdade e tem consciência de seus atos anteriores. A falta de uma lembrança

precisa que poderia ser-lhe penosa e prejudicial às relações sociais, permite-lhe haurir novas forças nesses momentos de emancipação da alma, se ele souber aproveitá-los."

Em "O que é o Espiritismo" a exposição é longa e preciosa:

"Se em cada uma de suas existências um véu esconde o passado do Espírito, com isso nada perde de suas aquisições. Amadurecido na escola do sofrimento e do trabalho, terá mais firmeza; longe de ter de recommençar tudo, ele possui um fundo que vai sempre crescendo e sobre o qual se apoia para maiores conquistas. Uma vez terminada a vida corporal poderá julgar do caminho que seguiu e do que deverá fazer; dessa forma, não há solução de continuidade: a vida espiritual é a vida normal do Espírito".

Prossegue Kardec elucidando o assunto para dizer mais adiante:

"Se em verdade os sofrimentos em si mesmos nos parecem longos, que seria se a tanto se juntasse a lembrança de um passado culposo?" - Pois, diremos nós, outra não é a contingência de pacientes com fortes cargas obsessivas, presas de dolorosos remorsos, na faixa de expiações remissoras.

Recordando a escala de ascensão dos Espíritos, lemos ainda:

"A lembrança do passado nada tem de penosa nos mundos superiores. A lembrança do que fizeram nos mundos inferiores produz (neles) a impressão de um mau sonho".

Todas as citações até aqui feitas partem do que se encontra em "O L. dos Espíritos", questões 392 a 399. Resumamos:

"O homem não pode nem deve saber tudo. Sem esse véu o homem ficaria ofuscado como aquele que passa da obscuridade para a luz". "Onde estaria o seu mérito se ele se recordasse de todo o passado? A voz da consciência é a recordação do passado, voz que vos adverte para não cairdes nas faltas anteriores. Se souberdes resistir, elevar-vos-eis".

"Pelo estudo de nossas tendências poderemos reconhecer as faltas anteriormente cometidas. Também poderemos ser arrastados a novas faltas, consequência da posição assumida".

"As vicissitudes da vida corpórea tanto podem ser expiações (relacionadas ao passado) como provas, exercitando-nos para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam se as sofrermos com resignação e sem murmúrios".

Duas advertências preciosas também devem ser destacadas:

"Não havendo sempre motivo para nos orgulharmos do nosso passado, é quase sempre uma felicidade que um véu seja lançado sobre ele".

Ocorre tantas vezes entre os reencarnacionistas um anseio de identificação do passado... Valha-nos essa observação criteriosa.

"Algumas pessoas crêem ter vaga lembrança de um passado desconhecido. Essa é algumas vezes real: mas pode ser também uma ilusão, contra a qual se deve precaver".

É o bom senso do Codificador, procurando evitar que caíamos nos círculos da invigilância. Do Codificador e dos mentores da Doutrina.

ESQUECIMENTO DAS VIDAS PASSADAS

Esquecer, esquecemos. O esquecimento das vidas passadas, generalizado, no comum das pessoas, tem sido apresentado como um bom argumento contra a tese reencarnacionista. Fácil seria a quem não estuda o assunto considerar a contrapartida, isto é, as lembranças, como simplesmente fantasiosas. E estaria tudo resolvido. Teses científicas ou pseudocientíficas têm surgido com outras explicações para esses casos, como tivemos ocasião de citar. Sinal de que não é tão sem fundamentos o que se diz.

Afinal, é bem mais fácil negar de raso que pesquisar; e mais numerosa a população que não tem lembranças expressivas ou que não se tenha preocupado com isso em que pese, por outro lado, significativo índice dos que crêem no fato ou pelo menos em princípio o admitem. Do contrário, preconceitos religiosos ou academicistas; o temor de pressupostos ajustes de contas; ou de mudanças de classe social, normalmente fazem a festa. Parece haver um verdadeiro bloqueio, um mecanismo de defesa, inclusive com respeito ao sexo, tendendo a dificultar até mesmo memórias relacionadas a outro sexo, condiciona-

mento admitido especialmente dentro da psicologia masculina (velada forma de machismo?).

De nossa parte, por contra-argumento, poderíamos observar que o esquecimento é coisa natural; nossa memória é fraca, uns esquecem mais, outros menos. E é bem comum esquecermo-nos de pequenos e médios incidentes do nosso dia-a-dia na vida atual, o que funciona como lacunas ou falhas. Como não, nesse caso, o das anteriores? A própria criptomnésia, como expressão da paranormalidade, pretende trazer à tona, circunstancialmente, aquilo de que não nos recordamos, justamente porque a nossa atenção não fixou pormenores ocorridos do que tenhamos presenciado. O esquecimento, portando, em si mesmo, não prova que fatos tenham existido - de que tenhamos participado - ou deixado de existir, nesta vida mesma ou em outra. Pelo menos, não serve como argumento.

E interessante notar que a explicação para esse esquecimento das vidas passadas foi buscada através dos tempos. A Mitologia grega admitia a existência do rio Letes, cujas águas tinham a propriedade de fazer aos mortos esquecer a vida passada. Para os judeus a transição se faria sob o comando do "anjo do esquecimento". Mas, às vezes, o anjo esquece (até ele mesmo esquece...) de remover da memória registros de um mundo anterior e nesse caso os nossos sentidos são perseguidos por algumas fragmentárias recordações de uma outra vida. Isso está em "A Reencarnação através dos séculos", de Nair Lacerda.

Mas a questão, na verdade, nem sempre se coloca precisamente aí. Vai mais adiante. O que muita

gente discute é quanto ao mérito do esquecimento dentro da hipótese que sustentamos. Para elas, naturalmente, uma hipótese. O esquecimento das vidas passadas, querem nos dizer, importaria na inutilidade do sofrimento reparador, uma falha da Providência nesse caso. Pagaríamos pelos erros de um passado de que em absoluto não nos lembramos. Nisso estaria caracterizada uma injustiça da Lei. Ora, mais danosa que isso seria com toda a segurança a doutrina das penas eternas e ninguém quererá questionar em contrário. Além disso, se a Lei assim o estabeleceu - vamos dizer - e é mais equânime, tanto melhor. De alguma forma, não seria inútil o sofrimento quando considerado como experiência de vida, olvidada de pronto a idéia de castigo puro e simples.

As razões do esquecimento estão consignadas na questão 392 de "O L. dos Espíritos": "O homem não pode e não deve saber tudo; ficaria ofuscado como quem passa da obscuridade para a luz. Pelo esquecimento ele é mais senhor de si, é mais ele mesmo." Quer dizer, amplia-se-lhe o livre-arbítrio.

Em "O Evangelho segundo o Espiritismo" se diz que "a lembrança do passado teria inconvenientes graves. Poderia humilhar-nos estranhamente ou então exaltar o nosso orgulho, dificultando o exercício do nosso livre-arbítrio." E acrescenta: "Deus nos deu o de que necessitamos e nos é suficiente, a voz da consciência e as tendências instintivas; e nos tira o que poderia prejudicar-nos." O que pareceria à primeira vista um erro dos Desígnios Superiores des-ponta, numa análise mais profunda e mais séria, como um ato de Sabedoria. "Sem a paz do esquecimento,

talvez a Terra deixasse de ser uma escola abençoada para ser um ninho abominável de ódios perpétuos" - Emmanuel, "Renúncia". E Gandhi reconhece que "seria uma carga se carregássemos tão tremendo acúmulo de lembranças." E Kardec se estende em "O que é o Espiritismo" em algumas páginas preciosas a respeito desse assunto. Lembra, entre outros pontos, que (o Espírito) "nada perde das aquisições, apenas esquece o modo por que as conquistou", trazendo "por intuição e como idéias inatas o que adquiriu em ciência e em moralidade." Diz, mais: "Livre da reminiscência de um passado inoportuno, viveis com mais liberdade; é para vós um novo ponto de partida". Um exemplo: "Suponhamos que Espírito arrependido viesse encarnar-se em vosso meio, a fim de reparar suas faltas para convosco, por devotamento e afeição; não seria embaraçoso se ambos vos lembrásseis das passadas inimizades?" Esclarece ainda: "Esse olvido só se dá durante a vida corporal; uma vez terminada essa, o Espírito recobra a lembrança; esse esquecimento temporário é um benefício da Providência".

Ao afirmar que o Espírito recobra a lembrança ao retornar à condição da lucidez, na vida espírita, certamente o mestre lionês generaliza. E preciso esclarecer que o despertamento também aí não se faz como se das sombras da carne o Espírito entrasse de imediato ao luzeiro das verdades, revelando-se-lhe como se sabe a última existência, como num filme cinematográfico, enquanto só gradualmente, no interesse do aprendizado, irá descortinando novos horizontes. Recobra, sim, as lembranças, mas ainda assim não será sem os resguardos necessários ao equilíbrio

de suas forças. Há mesmo uma citação de André Luiz ("Sexo e Destino" - pág 170) em que ele nos fala de "espessa amnésia quanto ao passado remoto". Seria até mesmo por isso que muitos Espíritos não fazem menção às próprias vidas anteriores, enquanto outros o fazem com tamanha justeza de esclarecimentos e de razões. Também em "Missionários da Luz", pág 254, se fala em tratamento prodigalizado para o olvido temporário, prevenindo angústias emotivas: "somos favorecidos" - é esse bem o termo - "com o tratamento magnético que opera em nós o esquecimento passageiro".

ESQUECIMENTO E LEMBRANÇAS: MECANISMO DO PROCESSO

As provas ou evidências - diretas ou indiretas - da Reencarnação não se limitam irredutivelmente às lembranças, às reminiscências, como fatos *sine qua non*. Estas são um contributo dos mais importantes, não há negar. Nem sempre se completam as lembranças pelo nome, pela localidade, pela época, pelos dados pessoais de identificação precisos de outra vida. Querem-no os pesquisadores sérios por necessários ao seu acervo documentário. Quer a curiosidade das pessoas porque se preocupam em saber quem teria sido ontem este que é hoje fulano ou sicrano. Assim, o retorno do Patriarca da nossa Independência na personalidade do Conselheiro Ruy Barbosa. As evidências de uma outra vida estão, por exemplo, nos gênios precoces da Arte, da Ciência, conhecedores da História Universal aos 2 anos, políglotas aos 3, artistas consumados aos 8 e assim por diante. Nenhuma teoria, a partir da teoria genética, teria condições de explicar o fato e não há como negar-lhe significado. Fá-lo com toda a simplicidade a Palingênese. Mas, de um modo amplo, queremos avançar dizendo que é contestável a idéia de que muitos de nós não temos.

em absoluto, o menor conhecimento, ainda que impreciso, de algo que se pressente relacionar-se a outras vidas, a menos que se trate naturalmente de criaturas embrutecidas. Guardamos, intimamente pelo menos, a noção de quem somos e com isso fazemos um auto-reconhecimento de nossas fraquezas, de nossos arrastamentos, e perante nós mesmos nos questionamos. Pois, somos hoje, basicamente, o fruto do nosso ontem.

E preciso acrescentar que a alma não está totalmente enclausurada na matéria a ponto de não gozar de momentos transitórios de emancipação em que possa recordar compromissos assumidos.

Quando menos seja, chegará o momento de, uma vez desencarnados, verificarmos o saldo positivo ou negativo de nossas passagens pela Terra. As lembranças não ficam perdidas, antes arquivadas: o esquecimento, de toda a forma, não quer dizer destruição, como assevera Delanne. E afinal de contas, a vida não se compõe apenas de sofrimentos e de erros. Também de acertos.

Queremos dizer que a alma conhece, oculta no subconsciente, eventos relacionados às suas encarnações, influenciando decisões conscientes qual como costuma ocorrer nas sugestões post-hipnóticas. É mais ou menos isso o que nos diz Bozzano. Faz-se cumprir, assim, uma espécie de precognição subconsciente. Seria então um determinismo de consequências, em função do livre-arbítrio; a cada causa correspondendo um efeito correlato. A causa está no arbítrio. Mas, se a criatura soubesse de tudo com maior clareza, se pudesse recordar fielmente o passado, é o que pensa Red Cloud, citado por Karl Muller,

seria como o aluno que conhecesse as questões de um exame com antecedência...

Em "O L. dos Espíritos" lemos, questão 393, que "a cada nova existência o homem pode distinguir de melhor forma o bem do mal. E quando entra na vida espírita vê as faltas cometidas e o que poderia ter feito ao invés de cometê-las (...)." E Kardec acrescenta: "Se não temos durante a vida corpórea uma lembrança precisa daquilo que fomos, e do que fizemos de bem ou de mal, temos entretanto a sua intuição. Nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado (...)." E diz, mais: "Se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos a dos atos alheios, e esse conhecimento poderia ter desagradáveis conseqüências sobre nossas relações sociais". Insiste o Codificador: "O esquecimento das faltas cometidas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, podendo guiar-se pela intuição no esforço de resistir ao mal, secundada pelos Espíritos que o assistem, se ele atende às boas inspirações." Quer dizer isso: Basta que estude a si mesmo, de boa vontade, e poderá saber não exatamente quem foi, como se chamou, mas o que foi, o que fez, não bem pelo posicionamento que hoje desfruta na sociedade, mas por suas tendências naturais e pelo esforço maior ou menor desenvolvido para melhorar-se. São evidências essas para o bom entendedor. Sem falarmos aqui exatamente das chamadas **reminiscências** propriamente ditas. Um capítulo à parte.

Na obra "O Problema do Ser do Destino e da Dor" Leon Denis esclarece a razão fisiológica do esquecimento: "O movimento vibratório perispirítico amortecido pela matéria no decurso da vida atual é

excessivamente fraco para que o grau de intensidade e a duração necessária à renovação dessas recordações possam ser obtidas durante a vigília". E explica mais: "O despertar da memória não é mais do que um efeito de vibração produzido pela ação da vontade nas células cerebrais. Para as anteriores ao nascimento é necessário procurá-las na consciência profunda, mas para reaver o fio das lembranças é preciso que a alma saia; é assim no sonambulismo e no transe". Está explicado aí porque a estrutura de apoio é o perispírito e porque essa rememoração é dita extracerebral. Delanne diz que nem todos os pacientes estão aptos a fazer nascer na memória o seu passado. E a explicação é praticamente a mesma: "Isso se deve a causas múltiplas e a principal resulta, ao que parece, do que se poderia chamar a densidade espiritual, isto é, a imperfeição relativa desse campo fluídico, cujas vibrações pode não se ajustarem à intensidade necessária para ressuscitar o passado de maneira suficiente, mesmo com o estímulo artificial do magnetismo". Prossegue: "Acontece, por vezes, entretanto, que a alma, exteriorizada temporariamente, encontra, por momentos, condições favoráveis para que esse renascimento do passado possa produzir-se".

Já escrevemos sobre este assunto em "Desobsessão" (junho 80) lembrando que a diminuição do estado vibratório quando do processo de gestação, com o campo mental (preferimos dizer campo mental e não propriamente corpo...) refletindo-se no perispírito para a modelação do novo corpo físico, enquanto guarde em substrato as aquisições, latentemente, os fundamentos estruturais de sucessivas encarnações,

que animaram a mesma individualidade eterna, vai deixar a "placa" cerebral como se fora um filme virgem de imagens. Refletir-se-ão indelevelmente condições de adaptação, qualidades inatas, aptidões e tendências. Qualidades e defeitos... A lei da Causalidade virá impor predisposições e condições. Ajustar-se-ão condições que não serão em absoluto fortuitas. Mas a redução do movimento vibratório do perispírito, enquanto se impregna de fluido vital indispensável à vida que ressurge no plano físico, vai restringir a memória psíquica, diluir a consciência, em cumprimento de leis amorosas, e porque nada haveria de perder-se, arquivar-se-á todo o acervo de lembranças na faixa que lhe é própria, a faixa perispiritual, expressa na linguagem oficial por subconsciente ou por inconsciente, o *Id* de Freud.

Não é, pois, de estranhar, dizemos agora, que inesperadamente um fato que nos chame a atenção, uma paisagem visualizada, uma melodia que nos enteneça, algo que funcione como despertamento, valendo por sugestão espontânea, desdobrando-se por associação de idéias, nos afaste da realidade vígil e nos leve a consciência a projetar-se a regiões profundas do ser, à subconsciência, onde vigem as lembranças. Isso é comum também nos sonhos lúcidos. Sempre que uma causa acarrete estado vibratório já produzido, criando uma espécie de ressonância, as lembranças com toda a probabilidade reaparecerão, ou tímida ou nitidamente. Ora, isso mesmo acontece, muitas vezes, com relação à vida atual. Questão de aprofundamento maior ou menor, resultando numa viagem ao passado atual ou ao passado remoto-

sempre o mesmo mecanismo. Neste último caso, trazido do extracerebral para o registro memorial do cérebro físico, eis caracterizadas as reminiscências.

Notará o leitor que - não há como fugir - tratar do esquecimento nos forçará invariavelmente a tratar das lembranças.

Há um ditado popular que diz: "A gente nunca se esquece de quem se esquece da gente..." É o contraste, o paradoxo. Assim, para provar que por vezes - nem sempre - nos lembramos torna-se necessário estudar conjuntamente por que razão, tão de hábito, nos esquecemos.

REMINISCENCIAS - FATORES PREDISPOONENTES E PROVAS CIRCUNSTANCIAIS

Para que se avaliem os fatores que possam influir no mecanismo reencarnatório, predispondo a rememorações espontâneas por parte de pacientes, no imenso acervo de pesquisas realizadas ao longo destes últimos anos, os estudiosos reuniram observações interessantes que vêm, afinal, ao encontro exatamente das afirmações sustentadas pelo Espiritismo no que diz respeito ao esquecimento e à memória. Não teriam eles essa intenção, apenas a isenção de ânimo para o estudo.

Um dos fatores em causa é a idade em que ocorrem as lembranças. Os psiquistas palingenesistas verificaram que, em geral, a grosso modo, as lembranças ocorrem entre os 2 e os 4 anos, indo até mesmo aos 7 ou 9 anos. Muitas vezes esmaecem com o tempo, outras tantas permanecem nítidas.

É preciso lembrar que se deve, didaticamente, distinguir rememorações na infância e na adultícia. Podem elas ser fragmentárias, escassas, ricas e até mesmo totais. Ora, poderão, no adulto - vamos evocar um pouco, aqui, os casos em adultos -, ser estimulados por certos estados doentes, crises emocionais, situações imprevistas, por visões ou sonhos; dir-

se-á, por situações análogas ou de toda sorte recordativas do que já teria ocorrido no passado, sugerindo algo em torno de um "déjà-vu"... Podem vir da infância ou brotarem de improviso, independentemente até mesmo de crença e de cultura.

Voltando à criança, em alguns casos observados desabrocham muito cedo a fala, a inteligência, o raciocínio, dentro, é claro, de limitações próprias; com isso, a memória; esta, porém, sem tais limitações... É muito comum a crença de que essas crianças "não se criam" e isso constitui preocupação para os pais, que procuram esconder os fatos dos circunstâncias.

Nessa faixa etária pode-se dizer que ainda não se estabeleceram certas reservas da censura individual, não há um policiamento autocrítico que tentasse dificultar as lembranças. Não está formado o sistema psíquico de bloqueio das conveniências nem há o receio de estar incorrendo no gravame da anormalidade. Poder-se-ia, é claro, pensar em fantasias ou em rejeição do meio ou dos pais. Mas é difícil ficar em termos de fantasias se fatos estranhos ao mundo da criança são referidos com segurança e espontaneidade como se isso fosse natural para com todos. Há um "outro mundo" factual interpenetrado no mundo infantil. Lembremo-nos de que, embora efetivada com o nascimento, a reencarnação só se integraliza a rigor aos 7 anos, como registram algumas observações dignas de crédito. Nomes estranhos, em idiomas estranhos, fatos, locais, cidades, paisagens, hábitos completamente diferentes do atual são referidos e repetidos sem discrepância pela criança. Vai dizer-se que a mãe leu romances durante a gravidez, que viu cenas pela televisão, ou coisas tais... Tudo serão recursos

contra o óbvio. E são os adultos que vão recorrer à pesquisa para saber se existiram ou existem esses lugares, se ocorreram tais e tais fatos, se usos e costumes são próprios daquela região distante e desconhecida. Quando, muito comumente, o levantamento feito chega a reconhecer a personalidade anterior. Ora, seriam fragmentos de memória absorvidos no ar, injetados no cromossoma, qualquer coisa que não o retorno do Espírito ao campo da vida física... O importante é o sentimento de realidade que empolga o paciente.

Consideremos agora outro fator apontado como predispondo às reminiscências: as circunstâncias que cercaram a morte na existência anterior, na medida em que deixam vestígios mais ou menos evidentes e marcantes na estrutura perispiritual, refletindo-se a partir do comando do campo mental. É comum a criança - ela principalmente - e raramente o adulto - referir-se a acidentes ou tragédias, porque esse registro memorial é necessariamente mais profundo, deixando um sulco mais nítido no subconsciente do encarnado, qual terá ficado como desencarnado. Naturalmente as cenas da morte anterior, incidentes ou tragédias, as emoções fortes vividas são as que emergem em primeiro lugar. Muitas doenças são sobras emotivas de uma existência anterior, quem sabe, fobias e recalques transplantados de uma existência prévia.

Fala-se também na questão do tempo de intermissão. Recordando, intermissão é o período em que o Espírito permanece na Erraticidade entre duas existências físicas consecutivas. Nesse caso, quanto mais longo, menores as lembranças, que ficam menos nítidas, menos seguras as revelações que fornecem. Esse tempo é muito variável, não existindo parâmetros

definidos, inserindo-se nas oportunidades conquistadas pelo Espírito no aproveitamento do esforço evolutivo. Em tese, varia de dias a séculos. Bem que se deva ainda considerar o estágio evolutivo do Espírito, as raças a que se afins e em que deva reencarnar e com estas a cultura dos respectivos povos, exercendo tudo isso influência nesse particular. Estamos falando aqui das memorizações que surgem de forma um tanto natural. Mas, em experiências regressivas induzidas, há - também nestas - relatos correspondentes aos períodos de *Vida espírita*, como também a chamaremos, intervenientes entre encarnações. Abordam isso as pesquisas clássicas de De Rochas. No caso que ora estudamos, de reminiscências ditas espontâneas, há também referências curiosas a respeito dessa faixa existencial. Um menino revela aos pais que, Espírito em excursão pela Terra, os escolhera quando, em determinado bosque, os vira namorando... Um Espírito que se tenha demorado na Erraticidade, em colônias de refazimento, preparando-se mais detidamente para o retorno, passando por um processo de magnetização, reeducativo, amortece lembranças de fatos dramáticos na medida intercessória em que isso o protege em benefício da nova oportunidade conseguida.

Falemos agora de certas fobias. Uma das características indiretas de uma outra vida antes da atual são certas fobias que terão surgido sem outra explicação plausível. Ou estariam já por si acompanhando a criatura de uma outra existência, e permanecem nesta, ou se referem diretamente ao trauma resultante de morte última. Lógico, que não se pode ir logo rotulando toda fobia manifesta como de origem tal, mas o conceito vale, e vale muito, quando dentro de um cortejo de

dados inconcussos. Fobias seriam como marcas de nascença, nesse caso, marcas psíquicas. Pois, as marcas de que passaremos a falar serão as físicas. Ora, marcas e sinais podem perfeitamente responder pela herança genética, não há dúvida. O filho traz sempre a "cara do pai", os olhos da tia, aquela covinha do avô e assim por diante. Se é o avô ou o bí que retorna, estaríamos empatados, é certo. Valem-nos, contudo, nesta apreciação, casos especiais, diferentes, fugindo à regra. E valem sobretudo quando eliminados os fatores naturais, respondam a comemorativos, tais: a) anunciados previamente por sensitivos ou através de sonho, ou de médium, quando se disser de uma próxima encarnação de determinado Espírito, anunciando-se também aqueles sinais ou havendo razões determinantes pelos fatos sabidos; b) haja referências espontâneas da criança a acontecimentos que se relacionem com a marca ou sinal (morri em condições tais...); c) ocorram as duas circunstâncias, a premonição e a recordação.

Sabemos que o Espírito é muitas vezes reconhecido por médiuns videntes porque mantenham estereotipado no perispírito aqueles sinais ou aspectos característicos. Reproduzem-nos para fins de identificação, muitas vezes. Ou, se ainda presas de sensações físicas, por sua inferioridade, ainda não se desvencilharam dessas amarras por suas vibrações densas. Ora, sendo o perispírito o modelo organizador, sob o influxo do campo mental do Espírito, é perfeitamente compreensível a tendência de transmitir ao novo veículo que se elabora, para o Espírito renascer, aquelas impressões remanescentes, na medida em que se apresentem mais ou menos profundas. E que ressurgem discretas ou evidentes, conforme as circuns-

tandas, indo de anomalias congênitas a simples sinais de nascença. Em determinadas instituições socorristas do Plano Espiritual - e isso os dentistas não nos ensinam - fazem-se ainda as chamadas "cirurgias psíquicas", operações magnético-cirúrgicas, na conformidade do interesse dentro dos planos de auxílio aos reencarnados em provas. São pormenores que a literatura mediúnica oferece, com André Luiz à frente, aos crentes, aos céticos e aos neutros que sinceramente querem entender a sublimidade das leis superiores que regem a Vida nas duas dimensões.

Em nenhum momento, entenda-se bem, estaremos desconhecendo as leis da herança genética, que se cumprem sem prejuízo de todos os raciocínios aqui levantados. É interessante exatamente evidenciar a individualidade renascida e os reflexos da personalidade anterior sobre aquela que se estará formando.

DÉJÀ-VU" - UM EVENTO E SUAS IMPLICAÇÕES

A sensação do *já visto*, memória de algo conosco já ocorrido, é consagrada pela expressão francesa "déjà-vu" no vocabulário dos pesquisadores psíquicos. Hoje em dia expressões e siglas obedecem ao poderio anglo-americano... É uma ocorrência sem dúvida interessante, intrigante até, que pode acontecer em qualquer idade. Nosso propósito em trazê-lo a estudo prende-se às implicações que representam para o conceito de emancipação da alma. Segundo o Dr. Peter Mc Keller citado por Karl Muller, cerca de 7 em 10 pessoas já tiveram alguma experiência dessa natureza em maior ou menor grau de intensidade e de significação. Segundo Bingham o nome "*déjà-vu*" é engenhoso, porém, deficiente para exprimir o fato de que os outros sentidos também estão envolvidos além da visão. Não há dúvida de que a visão lidera os órgãos dos sentidos. Até segunda ordem, pensamos colocar tais fenômenos na órbita dos fenômenos anímicos paranormais, uma forma toda especial de clarividência. Além disso, é bom registrar que pode ocorrer um simples "déjà-vu", com sua corte de sensações, muitas vezes um desconforto psíquico, e

passar; ou, a partir dele, ocorrerem rememorações ostensivas complementares, mais consistentes, francamente clarividentes, expressivas, visuais, cognitivas. A diferença estará na especificidade da sensação.

Temos de admitir que nesse terreno haja uma probabilidade muito grande de se expressarem fantasias da imaginação, como soem generalizar certas escolas psicológicas; e até de puras invencionices. Todavia, o que seria de estranhar é que pesquisadores eméritos se detivessem numa busca desses eventos e de comprovações dessa ordem ^{rW} tão pouco. Deve, seguramente, haver fundamentos para merecer honrosas preocupações.

FREUD EXPLICA...

Na obra "Psicopatologia da Vida Cotidiana", em tradução de Álvaro Cabral, encontramos um estudo de Freud sobre as ações psíquicas defeituosas, em que ele nos fala dos lapsos de linguagem, de leitura e de escrita - tenhamos portanto o maior cuidado -, das falhas da atenção, dos atos defeituosos combinados, encontrando sempre um determinismo intencional oculto. Mas nisso ele inclui o que chama de "ilusão do sonho profético". Por que a ilusão muitas vezes se confirma, isso ele não nos diz... E há sonhos mais do que proféticos, inspiradores. Sonhos como o de José, o Nazareno. Voltemos a Freud. Considera que sempre existirá uma explicação simples para as chamadas *coincidências notáveis*. Sempre uma fantasia emergente espontânea. Assim, por exemplo: Alguém que não víamos havia tempo e que nos diz:"- Não morre tão

cedo!" Entretanto, nada de telepatia ou coisa parecida. Haverá sempre uma intercorrência não conscientizada a ligar os fatos com as lembranças. Simples... Vejamos agora em que se firma o inolvidável mestre para encontrar a explicação do evento e liquidar a questão de "déjà-vu" como algo trivial. Diz-nos textualmente: "Não sei se foi alguma vez oferecido seriamente como prova de uma existência psíquica anterior do indivíduo, mas é certo que os psicólogos se interessaram pelo problema e tentaram resolver o mistério de muitas formas especulativas". Há um conceito precioso na exposição do mestre Segismund, devemos destacá-lo: "Creio errado considerar a sensação da experiência prévia como ilusão.. Em tais momentos, algo em nós é realmente tocado, algo que já sentíamos antes, embora não possamos recordar conscientemente esse algo, porque nunca fora consciente." Até aí concordamos com ele. Contudo, não haveria muito que esperar de sua posição quanto aos fatos de ordem psíquica, senão, vejamos: "Esses processos psíquicos que, segundo minha observação, são responsáveis pela explicação do "déjà-vu", ou seja, as fantasias inconscientes, são desdenhadas, em geral, pelos psicólogos". E continua: "A sensação do "déjà-vu" corresponde à memória de uma fantasia inconsciente. Existem fantasias inconscientes - ou devaneios - da mesma forma que as criações conscientes." Agora, o caso citado por Freud, que tentaremos resumir. Certa senhora visita pela primeira vez uma casa e tem ali, na hora, a sensação de ter estado antes na mesma, de conhecê-la bem, tanto assim que reconhece os quartos por antecipação, adivinha formato, disposições, dimensões de cada um deles. Antecipa as visões que terá a

seguir ao contemplar a paisagem de cada janela. Puro devaneio. E por que isso? É que a família visitada possuía um filho enfermo gravemente. Ela também o tivera. Conseqüentemente as circunstâncias fizeram que ela sentisse familiaridade e tivesse a ilusão de conhecer os quartos e a paisagem. Ora, a visão não foi de doença ou de doente, de pessoa, muito menos de jovem, mas da disposição da casa, que pouco parece tem a ver com isso, para se falar em associação de idéias. Como essa discutível associação revelou-lhe pormenores com segurança descritiva? É dose para freudiano nenhum botar defeito... Nesse caso, preferimos ficar com Imbassahy em '*Freud e as manifestações da alma*': "Há as chamadas viagens do Espírito, por efeito de sono hipnótico ou do sono comum. Ele dirige-se a lugares diversos, visita amigos, vê cidades, vilas, campos, cenários variados. Tudo isso Freud desconhecia." Não que se esteja pretendendo desconsiderar a Psicanálise, mas evidenciando os equívocos de um posicionamento radical.

A REMEMORAÇÃO

Variam as circunstâncias em que ocorrem as rememorações subjetivas, mas que ganham força e objetividade. Podemos admitir que haja acontecimentos por bem dizer simples e pouco relevantes, quase desapercibidos. E aqueles caracterizados dentro do conceito de paranormalidade. Sem esquecer a possibilidade, também, da condição doentia da mente, porque não? Reserva-se o Temo *paramnésia* em Psicopatologia para o estado em que o paciente julga erroneamente recordar-

se de cousas e fatos ditos imaginários. Já o confrade João Teixeira de Paula, em seu Dicionário, considera *paramnésia* a memória paranormal em que o paciente tem e contunde recordações latentes ou adormecidas no subconsciente. Ensina-nos Delanne em "A Reencarnação" a considerar as cousas. Assim, ao contemplarmos uma paisagem que conscientemente nunca víamos antes nesta nossa vida tem-se, no caso, não só a certeza de que a conhecemos antes, em algum tempo, de alguma forma, um convencimento íntimo, como esse sentimento subitâneo se faz muita vez acompanhar de um conhecimento intuitivo de pormenores da paisagem ou de fatos que não foram vistos, porque não nos estavam ao alcance. E que dão realce ou comprovam a exatidão do informe. Delanne cita para logo Flammarion ("O desconhecido e os problemas psíquicos") e dele extrai o caso do padre Pierre Jules Bertholay quando reconhecia o que vira durante sonhos, incluindo caminhos que o levaram a certa propriedade onde poderia ter ido sem guias; um castelo que visitara pela primeira vez; e uma capela em Rion, também vista antes em sonho.

De quando nos vem essa memória pregressa é o que pode variar. Que ela se nos desperta passando do subconsciente à esfera da consciência um tanto de surpresa, não há negar. Que determinadas circunstâncias predispõem ao seu afloramento, nenhuma dúvida. Podem referir-se a uma visita realizada durante o sono, emancipação da alma, desdobramento, projeções, dê-se-lhe o nome que se quiser, e assim a pessoa relembra simplesmente o que certamente vira em sonho e esquecera, escapando aos registros cerebrais. Ou, pelo contrário, serão recordações de uma existência prévia.

Se são duas as situações, um só módulo da ocorrência, algo que se passou em algum tempo. Os comemorativos que cercam o episódio poderão nos orientar em cada caso -: a) reconhecemos uma paisagem atual qual se nos apresenta, ela nos é familiar. Com toda a possibilidade a visão pregressa diz respeito a uma *viagem astral*, provavelmente em sonho; as cousas estão dispostas como na atualidade; b) identificamos lugares ou situações com a lembrança de como foram antes. Por exemplo, sabemos que ali existira uma certa ponte, um cais, uma velha árvore secular, algo que mudou com os anos, com a urbanização, com o progresso ou a ruína. Com muita possibilidade os fatos se referem a uma vida anterior; c) as personalidades atuais se reconhecem em outra forma física. Daremos mais adiante o exemplo de mulher que se recordou homem, logo, deve referir-se a outra existência. A menos que se inventem questões como a de rejeição do sexo. Acontece ainda que o próprio sonho lúcido a que nos temos referido pode encerrar informações rememorativas, o próprio sonho. E quando deles nos recordamos, naturalmente, e se referem a fatos da vida atual, de alguma vida passada, quiçá, eventualmente, da fase de intermissão (vida espírita, na Erraticidade).

Mas o '*déjà-vu*' precisa ser avaliado com isenção e cuidado, podendo inclusive, em alguns casos, referir-se a um passado da vida atual arquivado nos escaninhos do subconsciente. Tratar-se-ia, no caso específico, de um fato dito como de criptomnésia, memória do esquecido. Mesmo assim, observe-se, de alguma sorte, que a gênese ou natureza do fato em si é ainda a mesma.

Continuaremos com o presente estudo.

O "DÉJÀ-VU" E A EXISTÊNCIA PRÉVIA

Estamos focalizando o fenômeno consagrado pela expressão "déjà-vu", rememoração espontânea de episódios de algum passado, tanto remotas visões de uma encarnação anterior, como algum fato velado de visitas ou reconhecimento durante o sono e os sonhos lúcidos. Não intencionalmente provocados, mas é irrecusável a possibilidade de existirem fatores que o propiciem, mais do que simples associações de idéias. Admitiremos que haja uma como que superposição do passado sobre o presente como se ajustam moldes em fundo transparente numa montagem de cenas. Tudo isso armado de surpresa com a memória extra-sensória e a memória de fixação atual. Daí, circunstâncias de analogia de eventos; a presença de uma pessoa semelhante àquela recordada; idem em relação a fatos, lugares, paisagens; a presença de um sensitivo interferindo quiçá inconscientemente por atingir a tela mental do paciente; a presença mesmo de Espíritos influindo, de propósito ou não, no mecanismo das recordações, podendo, quem sabe, projetar formas-pensamento. Tudo isso, julgamos, em princípio, seja capaz de desencadear súbito estado recordativo de fatos vivenciados. Interessante

anotar, como veremos adiante, pelos exemplos registrados, que tais situações estão a indicar o forte arrastamento dessas criaturas ao palco de suas vivências passadas, que lhe ficam de certa forma marcadas, e que as conduzem um dia a esse como que reencontro consigo mesmo. Uma como se fora imantação, um determinismo. Isso afasta necessariamente a hipótese de acontecimentos casuais, fortuitos. E justifica a forte comoção que traz habitualmente.

Mas não faltam hipóteses de caráter científico. Tantos homens de valor não conseguiram entender o mais simples, complicando as explicações. Bergson considera tudo recordações do presente, falsa retrocognição. Seria apenas distração ou atenção reduzida, que levaria a consciência a um estado dos sonhos. Mas há casos duplos, melhor dizendo, recíprocos, e nesses teríamos de admitir coincidência de sonhos, coincidência de distração, correspondência de relatos. Com as mesmas ressalvas teríamos a hipótese de Wigan. Admite ele que nesses eventos um hemisfério cerebral está sonolento e o outro ativo. O atraso, de um lado só, faz com que esse registro chegue atrasado e já encontre o registro feito do outro, daí a falsa recordação. Engenhoso, não há dúvida. Mas apenas uma hipótese que, por ser inteligente, não significa que esteja certa. O que acontece é que muitas pesquisas feitas trazem comprovações das circunstâncias rememoradas, o que a explicação não cobre. Ribot e Chavot, citados por Delanne, atribuem o fato a doença da memória e nada mais. Chavot começa por entender que a sensação para logo domina a totalidade das percepções. Curta embora, é expressiva e se faz acompanhar de um sentimento de angústia, de irritação,

acrescenta. Ribot cita o caso de alguém que, ao assistir aos funerais de certa princesa, teve a sensação de já ter visto tudo aquilo. Premonição em sonho? - perguntamos. Assim aconteceu a Lincoln, não é verdade? Para ele, simples erro de memória. Continua Ribot citando (vemos em Delanne): Ao lermos um livro conhecemos antecipadamente os pensamentos nele expendidos. Ou reevocamos algo impreciso que já se passou conosco. E porque falamos em livro, lembra-nos o caso de Bezerra de Menezes quando pela primeira vez leu, de um só golpe, todo o volume de "O Livro dos Espíritos" e reconheceu ali tudo como ele admitia, isto é, que era espírita sem o saber... Não se antecipou às idéias nele contidas, é bem verdade, mas descobriu nelas, ao lê-las uma a uma, página a página, que era como entendia as Verdades Sublimes. Identificação. Trazia do passado esses conhecimentos.

Selecionamos agora alguns casos registrados em livros e que falam bem mais da existência prévia. Logicamente resumimos as amplas descrições.

Tanto Delanne como Imbassahy, por certo outros autores citam o caso específico da sensitiva Laura Raynaud, que mereceu pesquisa pelo Dr. Gaston Durville, eminente psiquista. Entre outros prodígios de percepção, levada que fora a Gênova, ao encontro de uma certa casa que teimava em dizer que reconheceria, porque fora sua residência, reconhece-a efetivamente de longe e ao atingi-la. Adentra-a e sente que lhe é realmente familiar. Lembra-se de que ali morrera doente dos pulmões, na flor da idade, havia um século. Fantasia da imaginação, dirão os doutos. Erro da memória... Pois bem, Dr. Durville levou a sério a pesquisa e obteve até a certidão de

óbito. Conferiu ainda outro dado: o fato de que fora sepultada, não no cemitério, mas, na igreja local. Ainda por cima o Dr. Durville levou Laura à presença de uma outra sensitiva sem avisar a esta de seus objetivos. E, em sono hipnótico, a senhora d'Elphes deu exaustivas confirmações de tudo, surpreendendo-se muito quando descobriu por si mesma ela própria que a "morta" a quem se referia estava viva e em sua presença... Mais uma vez, pura imaginação. Só que todas coerentes, desenhando uma fantasia completa, como se todos estivessem de caso pensado, escrevendo uma novela. Sono-lência de que lado do hemisfério no cérebro de quem?

Muller conta a história de certa senhora inglesa que, visitando com o marido um penhasco, em viagem turística, sem mais nem menos desmaiou. E nisso, ficou chamando por socorro, mencionando um certo nome masculino. Passado o susto, eles encontram ali uma lápide que registrava a morte, por acidente, no mesmo local, de um certo casal, com data do acontecimento e os respectivos nomes. Não é preciso muito esforço de adivinhação do leitor para reconhecer que o nome masculino era o mesmo por quem ela chamara, durante o delíquio. Ambos, por uma razão que nos escapa, teriam voltado ao local onde juntos haviam morrido antes. Salvo melhor juízo.

Muller relata que a senhora Maija Sonck Hove, dos EE UU, visitou a Finlândia; durante ofícios religiosos, reconheceu, de início, a igreja, depois a capela do colégio. Eram-lhe familiares. Para logo, porém, desdobra-se um grande drama em sua memória, que ensinara em vida anterior, é o que ela própria reconhece. Não ficou no "déjà-vu". Fora ela homem em

vida anterior, um padre, responsável tanto pelo engravidamento de uma freira como pelo assassinio dela e da criança nascida desse envolvimento. Era uma seqüência de visões de seus erros.

Delanne conta a história de uma francesa de nome Matilde. Casa-se ela com um russo da Criméia, para onde o casal se transfere. Lá, certa feita, integra uma caravana que se interna na floresta, para a caça e o lazer. Nativos e visitantes perdem a rota. Eis senão quando de repente tem ela a certeza de onde está e de que conhecia os caminhos, levando-os a todos a uma aldeia próxima, que descreve em pormenores para espanto geral. O "déjà-vu" abriu-lhe uma seqüência de novos fatos clarividentes e ouviu chamarem:"- Marina, eis que voltas!"

A Dra. Gerda Walther e certo capitão, ao se verem, têm, cada um, a seu turno, no mesmo instante, um "déjà-vu", com reciprocidade de informações. Ela o reconhece e a partir daí passa a perceber cenas de uma outra vida. Era homem nessa ocasião. Enquanto com ele passa-se a sensação de que já havia prestado àquela senhora um grande favor, sem saber defini-lo. Ela, no entanto, soube-o com precisão. Dir-se-ia que a doença de memória afetou os dois por contágio psíquico. Ou que os sonhos se entrecruzaram, enovelando-se.

Certa mulher londrina vai pela primeira vez a um palácio com amigos. Reconhece-o e, ainda melhor, a área da cozinha e dependências similares, bem como os corredores de passagem. Citação de Ross Mier em "Psychic News", colhida por Muller.

A escritora Gervée Baronte visita um convento budista no Japão. Subitamente abre um baú e retira de lá bordados de mais de cem anos, descrevendo, sem saber como, pormenores de sua confecção. Foi uma verdadeira impulsão. Pois bem, mais tarde é-lhe revelado por um sensitico que ela fora uma freira budista. Poderia dizer-se que o primeiro fato, impressionada que ficara, fê-la sugerir ao sensitivo a idéia reencarnacionista, telepáticamente. Mas isso não cobre o "déjà-vu" em si mesmo. Esse não tem saída.

Casal húngaro em lua de mel, é Muller novamente que conta. A esposa durante um passeio reconhece certo castelo e a cidade lhe é familiar. Entra ali e tão logo *'sabe'* que em determinado quarto do castelo há dois corpos insepultos. Teriam sido assassinados ambos. Abriram-se as portas e era exato. Por que lhe era o local familiar? Ela porventura lera isso em algum lugar, a história do crime, e para logo soube de um tudo? Que detetive se estaria perdendo! Sobretudo porque saiu dali louca.

Muller, novamente. O libanês Nagib Abufaray desce das montanhas e ganha a planície. Sente, de um golpe, que tudo lhe é familiar. Reconhece antiga casa. Lembra a seguir do dinheiro que deixara guardado. O "déjà-vu" está na familiaridade do meio e da casa. O mais veio-lhe à memória de acréscimo. Mas serviu.

Sirvam estes poucos exemplos à compreensão do assunto.

REGRESSÃO DE MEMÓRIA

Falemos algo sobre regressão de memória. Com isso, saímos um pouco do embasamento filosófico para o terreno da experimentação.. Regressão de memória é o processo que consiste na retrogradação da consciência do paciente, por indução ao passado, levando-o a reviver fases anteriores de sua vida atual e mesmo de vidas pretéritas. E é nesse pretérito que está o nosso interesse. Exige técnicas adequadas. Nesse caso o paciente não só revive o passado, na faixa em que se coloca, notadamente em termos de memorização - daí o nome - como é capaz de informar aquilo que era de seu conhecimento naquela ocasião, com as respectivas limitações naturais, as inibições, como se estivesse "lá" e fosse "hoje".

Experimentador desassombrado, o autor de "As Vidas Sucessivas" de tal forma se tornou notável que não se pode hoje em dia pensar em regressão de memória sem que o vulto ímpar de Albert De Rochas nos surja à frente, galardoado e imponente, de quem Herculano Pires, numa afirmação bem expressiva, declarou: "Os parapsicólogos atuais terão de pisar em suas pegadas". Entrou nas pesquisas por indicação de Leon Denis, conforme nos esclarece Delanne. Magnetizador,

conseguiu não apenas experiências de sonambulismo magnético como de regressão de memória, de exteriorização da sensibilidade e da motricidade, projeções do perispírito e sua modelagem ao comando hipnótico, finalmente outros efeitos físicos. Suas experiências fazia-as e as ampliava sempre para ver o que iria acontecer, quer dizer isso, sem idéias preconcebidas quanto ao achado, quanto ao desenvolvimento dos fatos. E foi com esse procedimento que chegou ao que chamou de segundo estágio, isto é, conseguiu que pacientes regredissem sucessivamente à vida intra-uterina, depois a um período em que ainda não haveria renascido (Erraticidade - fase de intermissão) e então ao segundo estágio, em que aparece outra personalidade (encarnação anterior), da velhice para a maturidade e para a infância, e assim sucessivamente. Mantinha seu paciente deitado, dava-lhe passes longitudinais a começar pela cabeça, mão direita na frente, produzindo o sono magnético. Reservava-se para só então propiciar o diálogo, evitando ao máximo direcioná-lo. Nesse estágio, o paciente só perceberia o operador, é o sono magnético lúcido. Para acordá-lo usava passes transversais, mão direita para a direita e mão esquerda para a esquerda. Teriam sido ao todo 18 "sujets" os de suas experiências. Estas prosseguiram com outros experimentadores e foram diversificados os resultados.

Há também a técnica regressiva do relaxamento com hipnose superficial, através de sugestão verbal, utilizada especialmente com finalidade curativa, constituindo a chamada Terapia das Vidas Passadas, tão em voga atualmente.

J. Andréa ("Regressão de Memória", in O Imortal jn/89)

lembra-nos que não se deve submeter alguém à regressão de memória sem finalidades; lembra ainda a possibilidade de deformações ou a constituição de símbolos por uma questão de censura interna (mecanismo de defesa), recomendando prudência nas experiências. E desaconselha categoricamente pressa nas sessões de hipnose.

Pois bem. As experiências com Helena Smith realizadas pelo professor Fournoy constituem a nosso ver um capítulo a favor dessa prudência. A existência de uma certa princesa hindu pôde ser comprovada através de um velho livro encontrado numa biblioteca. Pelo menos esta parte. Mas a experiência como um todo, a rigor, fracassou em termos de comprovação, sobrando ao pesquisador a tese de romance subliminar. Outra foi a sorte e outro o brilho quando Fernandez Colavida, no século XIX ainda, obteve de um paciente revelações de quatro encarnações passadas. O mesmo paciente foi submetido a um outro magnetizador e as revelações foram as mesmas, o que eliminou a hipótese de que a indução hipnótica mal administrada tenha conduzido o paciente àquelas primeiras narrativas.

Houve, entre outras, as experiências levadas a efeito por Carl Happich, citadas por Karl Muller: Depois de conhecer o trabalho de Rochas, estudou ele em 1922 um paciente que fora em 1450 um senhor, antes uma mulher loura, antes ainda outra vez homem; sempre com intervalos de vida espírita caracterizados por uma luz azulada percebida pelo paciente.

Virgínia Burns Tighe é o verdadeiro nome da senhora Simmons, norte-americana, estudada por Bernstein nas décadas 50/60 deste século e que revelou ter sido uma irlandesa de

nome Bridey Murphy. Conseguiram localizar o túmulo de um dos personagens com quem conviveu. Cerca de vinte pormenores de suas narrativas foram comprovados. Só não conseguiram provar que ela própria existira, o que é apenas curioso, mas natural. Não fora alguém assim de certa importância na Irlanda do Norte do século XVIII... E só esse fato levou os negadores contumazes a pretender invalidar a experiência. Contra os fatos toda a teimosia é vã.

A professora Ann Ockenden, estudada pelo hipnoterapeuta Arnall Bloxham em 1959, tem relatos de suas *mortes* anteriores. Com 200 horas de entrevistas, aquele pesquisador admite que as doenças seriam sobras emotivas de momentos dramáticos de existências prévias.

A jovem norte-americana Beverley Richardson relatou que fora Jean McDonald num teste a que se submeteu diante das câmeras de televisão, dando inúmeros dados pessoais considerados ajustados à realidade. Note-se que são pesquisas realizadas fora do meio espírita a maior parte delas. E muitas dessas envolvendo pesquisadores e pacientes norte-americanos.

Hermínio Miranda, aqui no Brasil, acaba de publicar "Eu sou Camille Desmoulins", com uma extraordinária riqueza de elementos comprobatórios de regressão por ele próprio realizada nas décadas de 60/70. O paciente é conhecido, o jornalista Luciano dos Anjos. E a obra está ao alcance de todos. Método, o mesmo ensinado ao mundo por Albert De Rochas. Hermínio é minucioso e a obra preciosa no gênero.

Embora se consagre a expressão, passa-se no desenvolver do fenômeno muito mais do que um despertar de

memória. Certa senhora, conduzida ao tempo de uma gravidez teve o ventre distendido fortemente. Uma surpresa para o experimentador, que não esperava por essa.

Longe está a regressão de memória de ser um jogo de imaginação, forçosamente no primeiro como no segundo estágio.

MEMÓRIA ATUAL E MEMÓRIA EXTRACEREBRAL

Um dos aspectos mais interessantes que explicitar em termos de lei palingenésica é a de que as vidas sucessivas são solidárias entre si. Essa noção é para nós fundamental. Dentro dessa ordem de idéias, podemos reportar-nos ao conceito da matemática moderna, mais precisamente à noção de conjunto, para expressar:

$$(v^1, v^2, v^3, v^4 \dots \dots \dots v^n) \in \Sigma^\infty V$$

em que v é cada uma das nossas existências no plano físico e V a vida do Espírito. Destarte, o reencarnacionista poderá afirmar que só existe uma vida se quiser considerar v^a como sendo a do Espírito, portanto eterna. Para entender isso bastaria abstrair-nos do velho e tradicional posicionamento em que a acanhada visão prática do mundo situa a existência v^n entre o berço e o túmulo. Uma viciação que não ocorre apenas entre materialistas ateístas mas de um modo geral também entre os que pensam numa segunda vida ulterior definitiva, uma única vida post-mortem, com o destino selado conforme seus atos na Terra.

Afora o preconceito, a estreiteza de visão filosófica, o hábito de não pensar no assunto, razões dessa ordem, há

ainda um ponto fundamental que pode dificultar o entendimento de muitas criaturas desprevenidas, até mesmo de boa vontade, se apenas *ouvirem falar dessa estória* de retorno à vida física. É uma noção mais efetiva sobre o seu modus operandi. Não basta crer no dualismo Espírito-matéria, corpo e alma... Essa noção não basta. Não prescinde de se entender o papel de intermediação do perispírito, corpo sutil, psicossoma, a vestidura semimaterial do Espírito, elo de ligação e modelo organizador biológico a cada renascimento. Exatamente o que permite se estabeleça aquela solidariedade a que nos referimos, transportando a bagagem de aquisições do Espírito a cada retomada da vida terrena. A individualidade retoma-a fazendo refletir-se na nova personalidade, que se estará formando, qualidades e defeitos, méritos e deméritos. Mesmo que o cérebro físico funcione como uma fita virgem das gravações que se vão seguir na faixa da consciência, arquivos recônditos indiciam o passado na forma de ser e de expressar-se de cada um. Será válido estudarmos um pouco o que seja e como funciona a memória, no conceito da vida presente, para chegarmos, mais adiante, ao que venha a ser a memória das vidas anteriores.

Memória é o processo que nos permite fixar o presente e evocar o passado, situando-o no tempo. Certos autores distinguem a memória, como atributo do homem, faculdade que permite representar na consciência um quadro completo, organizado, de experiências passadas e revividas, chamando ao contrário de *imaginação reprodutiva* a função elementar equivalente própria dos animais. Falam também de evocações, umas espontâneas e outras, de outra parte, voluntárias,

em que a vontade intervém para dirigi-las. Pois bem, dezenas de bilhões de células do córtex cerebral respondem pelo aprendizado e pela memorização. Haveria uma interação de diferentes áreas coordenadoras das percepções com o ambiente - o mundo exterior - através dos sentidos, com suas sedes próprias, e que são as janelas da alma. Cada neurônio ou célula nervosa a isso destinada funciona de sua parte como uma espécie de testemunha do que percebeu, do que se passa. Isso, através de vestígios que nela seriam deixados, indelévels, pelas vibrações específicas do fluido nervoso. Vestígios duráveis, que são de alguma forma ordenados, classificados, estocados, computadorizados. E porque subsista esse registro da excitação como modificação permanente, poderá repetir-se a percepção em dadas circunstâncias via ligações associativas. São as chamadas associações de idéias. Bergson nos fala não só na associação de idéias, mas ainda num utilitarismo ativista e biológico. Vê sempre um caráter utilitário nas funções mentais. E isso é importante considerar. Mas Bergson tem uma idéia interessante sobre o papel do cérebro em tudo isso. Ele o distingue do ser inteligente, reconhecendo a estreita ligação entre ambos, tal como entre a roupa que se pendurou e o prego que a sustém pendurada. Se tirarmos o prego (descerebração por exemplo) a roupa cairá, mas não deixará de existir por nenhum encanto porque o prego falhou...

Gustavo Geley nos fala de um ser subconsciente superior, exteriorizável, com o seu psiquismo superior, o "eu" real; e o ser subconsciente inferior, de perto relacionado à organização somática, o cérebro físico. Estes se ajustariam mais ou

menos perfeitamente e os mínimos desajustes ensejariam as oportunidades de emancipação parcial da alma, as chances de suas escapadelas.

Chegaremos então a reconhecer com eles que não apenas a estrutura física responde pelo mecanismo desses registros e seus efeitos. Até porque nem tudo está ainda definitivamente esclarecido pela Neurofisiologia. Não se sabe bem, por exemplo, como as informações colhidas e registradas se traduzem no comportamento de cada um; como uma palavra ou uma imagem evoca determinadas emoções nessas e naquelas pessoas, sendo nesse caso mais ou menos intensas. O que se sabe pelo menos é que a fixação das lembranças depende da intensidade das impressões recebidas e ainda em função das tendências das pessoas, seus interesses, sua atenção, donde admitir-se que uma exatidão absoluta das lembranças não é regra. Sem omitir que o esquecimento pode constituir-se em proteção ou defesa, nem sempre doença.

Vejamos agora como poderemos acrescentar às teorias em voga algo, quem sabe, mais esclarecedor.

Toda a sugestão que nos chega ao cérebro determinará um abalo vibratório específico do fluido nervoso, e essa vibração atinge o perispírito, refletindo-se nele por contiguidade, tocando então estruturas profundas do ser. Ora, o perispírito está acoplado, no homem vivo, ao corpo físico, por intermédio dos centros de força, inclusive o cerebral. Seria nele que mais precisamente se estabeleceria aquele registro definitivo. Nessa altura, a estrutura perispiritual, porque junto ao corpo físico, é o mais possível material. Jorge Andréa nos descreve energias do inconsciente puro - o Espírito; do inconsciente passado

e do inconsciente atual, em faixas do centro para a periferia, esta última o corpo físico. Poderá ser considerado assim o perispírito a verdadeira sede da memória, a serviço do Espírito, o constituinte ativo permanente do ser. Fácil entender com isto existir uma memória psíquica ao lado daquela dita fisiológica, mas que a rigor é antes psicobiofísica. Esta que traduz a marcha ontofilogenética. Agora sim, chegou a hora de entender o que venha a ser a memória extracerebral, que permanece no ser subconsciente superior e responde pelos arquivos do mais longínquo passado. Esta que comunica as aquisições de vidas anteriores ora nas idéias inatas, nas idiossincrasias, nas predisposições mórbidas, nas fobias sem causa atual aparente, nas reminiscências espontâneas, na memória regressiva, na genialidade precoce, enfim, de variadas formas. Essa memória sofre um processo de redução, e tal se pode comparar com os modernos métodos e técnicas de miniaturização de documentos, mas influenciará no futuro ser renascente, dando-lhe a maneira própria de identificar-se, que vai além do meio físico e social. O perispírito sofre redução volumétrica no processo reencarnatório, reduzindo-se ao extremo os movimentos vibratórios que lhe são próprios. Arquivadas as lembranças, a nova estrutura neuronal estará se formando para as novas experiências e seus novos registros. Por isso, as lembranças, tantas vezes relatadas, dele não vertem, são portanto extracerebrais.

Teremos então MEMÓRIA ATUAL - vibrações das células cerebrais, graças ao fluxo nervoso, exprimindo-se elétrica-mente; vibrações do perispírito, correspondentes, com o registro nos campos profundos do ser, para arquivamento. MEMÓ-

RIA DAS VIDAS PASSADAS - emancipação da alma; participação do Espírito (lucidez) nas evocações revolvendo as profundezas do ser eterno. Poderá dizer-se: participação do inconsciente, busca nos registros do perispírito.

REENCARNAÇÃO NA ANTIGUIDADE

Como se sabe, o Bramanismo ou Hinduísmo tem sua escritura sagrada no Vedas, que reúne uma coleção de obras em que se incluem hinos, cânticos, exorcismos, orações, regras e preceitos. Vêm a seguir outras como Upanichades, Mahabarata, Bhagavad Gita, Ramaiana e outras tantas. No Vedas se declara que "a alma é eterna e a evolução progressiva. Só os que atingiram a perfeição não voltam." A Reencarnação é denominada "samsara" e a palavra "karma" significando ação traduz o que conhecemos como lei de causa e efeito. Do Bhagavad Gita consta uma afirmação de Krisna a Arjuna: "- Eu tive muitos nascimentos e tu também; os meus eu os conheço a todos. Mas tu não conheces os teus". Lá estariam ainda declarações como estas: "Assim como uma criatura se desnuda de velhas roupas para vestir novas, assim também a alma rejeita esse corpo para tomar outro." Nair Lacerda, em "A Reencarnação através dos séculos", excelente fonte de informações preciosas, de que tiramos muitas, extrai dos Upanichades os seguintes tópicos: "- Dentro do útero o homem obtém o corpo, seja ele bom ou mau. A alma é a semente de todos os seres e pela alma é que as criaturas existem. Tal como o ferro

é fundido para ser moldado, é feita a entrada da alma no feto. Tudo quanto foi feito num corpo anterior deve, sem dúvida, ser gozado ou sofrido."

Fundado por Mahavira, o Jainismo deriva do Hinduísmo. Considera a existência do dualismo Espírito-matéria. O Espírito evolve através da reencarnação. "Nossa vida presente nada mais é do que um elo da grande cadeia do circuito transmigratório. A alma existe como entidade independente, espiritual, imaterial, permanente e eterna." Outra corrente é o Siquismo, fundado por Nanak. A Reencarnação, diz, se processa "até que o ser esteja voltado para a eternidade, livre do samsara."

O Budismo, amplamente difundido, sabidamente reencarnacionista, fundado por Gautama Buda 600 anos antes de Cristo, tem por escritura sagrada o Tripitaka. Por ele, "o que chegou ao fim dos nascimentos é dono da Sabedoria". Uma exclamação de Buda:"- Que julgais seja maior, a água do vasto Oceano ou as lágrimas que vertestes quando, na longa caminhada, errastes de renascimento em renascimento?" O Budismo sofreu cismas e assumiu em alguns lugares características próprias, como o Lamaísmo. Certas seitas budistas acabaram por aceitar renascimentos em condições inferiores. Saindo da Índia e de sua influência direta, visitemos a Pérsia com Zoroastro, cujo livro sagrado é o Zend-Avesta. Hoje é representado pelo Masdeísmo. Admite as provas expiatórias visando à redenção: "Se alguém expia, e não fez jus a isso nesta vida, fê-lo em anterior". Têm por símbolo o fogo os seus profitentes e admitem que os maus serão por este purificados, não havendo necessidade de penas eternas. O Maniqueísmo,

modificação do Zoroastrismo, que se desenvolveu na Babilônia, devida a Mani ou Maniqueu, dizia que as almas deviam retornar várias vezes para se reconciliar com o Senhor e obter a redenção. Uma crença que floresceu nos séculos X a XIV no Sul da França, a dos *albigenses*, considerava o mundo um purgatório. Era uma forma de Maniqueísmo e seus profitentes sofreram duros reveses.

No Egito antigo havia uma doutrina popular e uma secreta, dos iniciados, ou seja, para os entendidos. Hermes Trimegista, filósofo egípcio, fez escola. Uma inscrição de 3.000 anos a C diz textualmente: "A criança já viveu e a morte não é o fim". E o papiro Ananã, de 1320 a C, confirma: "O homem volta à vida várias vezes, disso se recorda em sonho ou por algum acontecimento relacionado a outra vida".

Na China tem a palavra o Taoísmo, que não só admite o renascimento como a possibilidade de troca de sexo.

O Judaísmo se baseia no Velho Testamento, atribuído a Moisés, mas tem a sua doutrina secreta na Cabala e no Zohar. E neste estaria dito: "Todas as almas estão submetidas aos transe da transmigração e os homens não sabem os desígnios superiores no que a eles se referem". Concordam, nesse caso, que, se não desenvolverem todas as perfeições durante uma vida, devem ter outra, e uma terceira, e assim por diante. Também é citado o Talmude: "A maioria das almas estando presentemente em estado de transmigração, recebe o homem aquilo que mereceu numa vida passada, em outro corpo...". Curioso é que a transmigração da alma de homem para o corpo de mulher era entendida como punição (N. Lacerda, obra citada). Sabe-se que os judeus em geral admitiam a ressurrei-

ção. Sob esse nome se encobre a idéia da sobrevivência e da possibilidade de retorno à vida.

Do Islamismo ou Maometismo o livro sagrado é o Corão e surgiu depois do Cristianismo, entre os árabes. Nesse livro se encontra (sura II vers 28): "E estáveis mortos e Ele (Jeová) vos trouxe de volta à vida. E Ele fará com que morrais e vos trará de volta à vida, e ao fim vos reunirá Nele próprio". Um ramo do Islamismo é o Sufismo. De sua literatura se extrai: "Morri mineral e converti-me em planta; morri planta e nasci animal; morri animal e converti-me em homem. Na próxima vez morrerei homem para que me possam nascer asas de anjo".

Muitos filósofos gregos admitiam a transmigração das almas. Pitágoras era um deles. Parece-nos que era propenso a aceitar a Metempsicose. Porfírio negava essa possibilidade, a de renascer fora do gênero humano. Jâmbico afirmava que não há acaso, nem fatalidade nem injustiça: O sofrimento prende-se a uma vida anterior. Finalmente Sócrates, Platão e Plotino nos falariam da imortalidade e das vidas sucessivas. Platão chegava a afirmar que "educar-se é recordar".

Entre os romanos ilustres Ovídio entendia que, uma vez purificada, a alma tinha acesso a outros mundos. Vergílio expressava a crença de sua época de que a alma, chamada para o Letes, privava-se das lembranças, voltando assim ao corpo. Curiosa lenda germânica bem antiga dizia que a deusa Holda acolhia os mortos e os devolia à Terra como crianças. Havia uma analogia com o ciclo das chuvas.

O Druidismo, nas Gálias, admitia: "As almas não perecem, passam de um a outro corpo. E a Evolução se completa no Infinito". Allan Kardec seria o nome do sábio lionês, na

existência em que o futuro Codificador do Espiritismo fora sacerdote entre os druidas.

Não há, pois, como fugir a uma conclusão: Em todas as épocas, diferentes povos, de culturas diferentes, através de mensagens inseridas em obras que se perpetuaram, afirmam o retorno da criatura à vida terrena em outro corpo. É uma constante.

CRISTIANISMO E REENCARNAÇÃO

Considerada a crença comum entre os judeus na ressurreição dos mortos, seriam naturais algumas passagens do Novo Testamento, como estas: "- Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" "• Uns dizem que é João, outros que Elias ou Jeremias ou algum dos profetas" (Mateus XVI13.14; Marcos VIII 27.28). Essa mesma preocupação era a do tetrarca Herodes: "- Se mandei decapitar João, quem é este?" A mesma suspeita de que fosse a ressurreição de João ou de algum profeta.

Mas se o fato não fora esse, bem esse, não eram sem nenhuma razão as referências feitas a Elias, de quem Malaquias (4:5) já profetizara o retorno. E o Cristo iria confirmar: "... Elias já veio e eles não o conheceram; antes, fizeram dele quanto quiseram. Os que tenham ouvidos de ouvir ouçam..." E lá está escrito para quem quiser ver: "Os discípulos compreenderam (porque tinham ouvidos de ouvir) que era de João que Ele falava". (Mateus XVII 11.13). Jesus testemunhou aí o fato líquido da reencarnação, não há como fugir. Voltou Elias *em outro corpo*. Portanto, herética, anticristica a decisão do II Concílio de Constantinopla quando seus pares, todo-podero-

sos, resolveram banir uma lei natural, como se pudesse destarte descumprir-se...

De Jesus, ainda:"- Estais sãos. Não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior" (João V14). Se aquele cego, que se soubesse, não houvera cometido nessa vida falta de tamanha relevância, o Mestre lha houvera identificado em outra. Ao restituir os movimentos ao paralítico de Cafarnaum (Marcos II-3 a 12) Jesus afirmara: "- Perdoados te são os pecados". E aos que estranharam as suas palavras, explicou que poderia ter-lhe dito: *Levanta-te e anda*. Com isso (Kardec, "A Gênese") "Ele nos ensina pela lei da pluralidade de existências que os males e aflições da vida são *muitas vezes* (grifo nosso) expiações do passado (...)"'. Chegara-lhe o momento de redenção, tomado de suprema fé. O mesmo sucedera com a mulher hemorroíssa (Marcos V-24 a 34). Em outra passagem, dando vista a um cego de nascença, perguntaram-lhe quem havia pecado, os pais ou ele próprio.

Negando as duas circunstâncias, Jesus deixou entender que não se paga por outrem, nem mesmo pelos pais. Nesse caso, sempre que o fazemos é por nós mesmos... Partindo, agora, do fato de que não devesse Ele se contradizer, e em face das afirmações categóricas já feitas, "não peques mais", entende-se que, no caso em apreço, não havia bem a cobrança da Lei, mas *uma prova escolhida*, apropriada ao progresso do Espírito. Como sabemos, nem todos os problemas constituem obrigatoriamente dívida e resgate, mas são sempre meios de ascensão. Do que dissera o Mestre se deduz também que aquele caso serviu como instrumento, ainda, para que se manifestasse o poder divino aos olhos dos homens. Se repug-

nasce ao Mestre a hipótese implícita de uma vida anterior, tê-la-ia condenado na oportunidade, como de hábito. Pelo contrário, Ele não só a sanciona como ainda se admira da ignorância de Nicodemos: "- Sois mestre em Israel e não sabeis destas cousas?" Percebendo a perplexidade criada, haveria de completar: "• Se vos falo das cousas terrenas e ainda assim não me credes, como seria se Eu vos falasse das cousas celestiais? (João III -1 a 12). E insiste: "- Não vos maravilheis de Eu ter dito que é necessário nascer de novo". Explícito. Portanto, é por demais pueril a argumentação de que se trata de nascer para a vida espiritual. Até porque nos fala em renascer da água e do Espírito, cobrindo os dois sentidos. Em todas as cosmogonias conhecidas a água simbolizou sempre a vida material, a fonte de geração da vida. E não fica aí, Jesus deixa claro: "- O que é nascido da carne é carne, o que vem do Espírito é Espírito". E ainda por cima: "- O Espírito sopra onde quer."

Não ficamos nas referências a Elías, de uma clareza meridiana, nem na passagem de Nicodemos, que as evasivas em contrário não conseguem desfazer, mas ainda em outros ensinamentos em que o conceito de reencarnação fica implícito. Senão, vejamos: "Se tua mão ou teu pé escandaliza, corta-o e lança fora de ti. Melhor fora *entrar na vida* manco ou aleijado..." E ainda: "Se teu olho te serve de escândalo, arranca-o fora de ti." Nessa forma tão forte de expressão está subentendida a escolha das provas em futura existência. E é claro isso quando completa dizendo ser preferível essa contingência a outra: a Providência Divina, ao invés de lançar-nos no fogo do Inferno acha melhor que entremos (de novo) na vida trazendo a marca dos nossos gravames para corrigir-nos dos

antigos vícios. Isso fora melhor: entrar na vida manco ou aleijado. Poderia remotamente dizer-se fora isso um atestado da preciência divina... Tantos são, no entanto, aqueles que apresentam um corpo perfeito e cujos atos são motivo de escândalo...

No Sermão das Bem-aventuranças (Mateus V.4) perguntaríamos como os brandos e pacíficos herdarão a Terra desde que tenham desta partido em definitivo. Seriam mansos os que a viriam habitar no final dos tempos, se fossem todos ressuscitar para o Juízo? Em outra passagem (Mateus V. 44/48) há um supremo apelo que Kardec considera não possa ser tomado na forma da letra: "Sede logo perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito". Não temos a mínima condição de chegar a esse ponto. Mas, de alguma forma, cobra-nos esforços na meta do aperfeiçoamento. Ora, se em uma vida única nosso progresso é desconsoladoramente lento e incompleto, como entender a continuidade desse progresso sem as experiências sucessivas neste e em outros mundos? É lúcido o Codificador quando em "O L. dos Espíritos" nos adverte, complementando a questão 171: "Não estaria de acordo com a equidade, nem segundo a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade, no próprio meio em que foram colocados. Se a sorte do homem fosse irrevogavelmente fixada após sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade".

Por essas razões, e quem sabe outras, eram reencarnacionistas os primeiros cristãos. Citam-se pelo me-

nos Sinésio, bispo e doutor da Igreja, Santo Agostinho, São Clemente, São Jerônimo, Nicolau de Cusa, Apolônio de Tiana e outros cujos nomes engrandecem a galeria dos cristãos autênticos.

Quanto à ressurreição, a que de início nos referimos como crença vulgar entre os hebreus primitivos, há uma explicação interessante que Carlos Imbassahy ("A Evolução", pág. 154) colheu por sua vez em Lobo Vilela ("O Problema do Destino"): "A crença na ressurreição origina-se do fenômeno da aparição dos mortos. É fácil compreender que, sendo o fenômeno da morte tão evidente, a aparição do fantasma com um corpo de aparência idêntica à daquele que se decompusera, seria de molde a estabelecer a crença na ressurreição."

Perdoem-nos uma explicação ainda: Ao admitirmos, acima, o conceito relativo à *prova escolhida* pelo cego de nascença, expressamos uma opinião pessoal. Confrades de muita erudição, que respeitamos, entendem que o Cristo, no episódio em apreço, observara o homem na personalidade de então, abstraindo-se de considerar as vidas em que tivesse pecado e, porque de nascença, anteriores. Não se sabe naturalmente, a tanta distância dos fatos, que tipo de alterações causava-lhe a cegueira. O que não se discute é que adquirira méritos para tanto, isto é, para ter ali encerrada a experiência a que se submetia. Em testemunho de uma vontade superior, dentro das Leis que presidem à vida.

REENCARNAÇÃO NA LATINIDADE

Célebre filósofo e sacerdote italiano, Giordano Bruno, não está esquecido. Pagou com a vida o direito de discordar. Passou do Catolicismo para o Calvinismo e para o Luteranismo e de boa-fé deixou-se emaranhar na rede preparada para levá-lo à fogueira como apóstata. Conseguiu contudo deixar registrado na História que a vida é eterna, infinita, inexaurível, que nada se destrói. De uma conferência que pronunciou extraíram-lhe as seguintes afirmações: "A alma do homem é o verdadeiro Espírito, para o qual são formados os diferentes corpos, que devem passar por diferentes tipos de existência, nomes e destinos" (Nair Lacerda, obra que vimos citando).

Melhor sorte teve outro italiano, Pietro Ubaldi, cuja obra-prima, "A Grande Síntese", abre longos capítulos ao encontro da tese, onde transparece por implicar o próprio sistema por ele montado, sendo difícil verificar onde não está ela implícita no contexto. Destaquemos um conceito dessa ordem bem interessante: "A gênese de uma vida não pode ser efeito do egoísmo de dois, agindo em dano de um terceiro, impossibilitado de consentir". Mas os italianos vão longe. Calderone, de Milão, por volta dos anos 30 deste século reuniu numa obra, "A

Reencarnação-pesquisa internacional", o levantamento que realizou com o depoimento dos maiores vultos do mundo em sua época a respeito da palingênese, revelando alto índice de profíctos da idéia, especialmente na velha Europa. Há ali de interessante, entre outros, o depoimento do monsenhor Passavalli, por sua vez citando os esclarecimentos que recebeu do então falecido monsenhor Estasnislau, em que aquele prelado declara-se "feliz por haver podido verificar o efeito salutar dessa verdade". Reúne ainda aquele pesquisador o arcebispo Louis e o escritor católico Towianskly e outras personalidades do seio das Igrejas. São citações de Leon Denis. Mas, além dos pesquisados de Calderone, de Leon Denis ("A Reencarnação"), o outro nosso confrade Gabriel Delanne por sua vez cita o Dr. Maxweel, Lancelin, professor Tummo, Carreras, Vesme, De Rochas, Dr. Geley, André Pezzani, Dr. Pascoal, Charles Bonnet, Ballanche e outros. A lista do Dr. Geley complementa com Fourier, Leroux, Godin, Michelet, Lamartine, Georges Sand, Sardou, Gerard de Nerval e outros. Nomes ilustres é que não faltam. Não há a menor dúvida de que a França e a Itália lideraram o chamado Mundo Ocidental na veiculação dessas idéias.

A divulgação das obras da Codificação, a partir de 1857, dera um novo impulso ao estudo do assunto no ambiente latino, não há como negar. A imensa produção de obras mediúnicas e muitas delas romances, tem contribuído para isso. A estagnação decorrente dos reveses ocorridos por questões políticas na Península Ibérica, a guerra que atingiu a França e a Itália, a suspensão das liberdades de crença e de manifestação do pensamento por muitos anos, tudo isso influ-

enciou bastante no ritmo mais lento das grandes conquistas do ideário maior. Mas não suprimiram a crença ou a pesquisa. Eminentemente franceses beberam dessa sabedoria em outras fontes, há que reconhecer, e são elas as doutrinas socráticas, por exemplo. Outros foram encontrar seus alicerces nas religiões primitivas, indianas e egípcias.

Vamos enumerar algumas obras do mundo latino de um modo geral: "A pluralidade das existências", de André Pezzani; "A Evolução humana", de Pascoal; "A Palingenesia", de Charles Bonnet; "Ensaio de Palingenesia Social", de Ballanche; "A Reencarnação", de Edouard Bertholet; "Terra e Céu", de Jean Reynaud; "As provas da Reencarnação", de André Nataf; "A Reencarnação das almas segundo tradições orientais e ocidentais", de Albion Michel e A. Georges; "As vidas sucessivas", de Albert De Rochas; "Nós somos imortais", de Patrick Dronot; "A Cidade do Silêncio", de Bodier; "Reencarnado", de Luden Grann; "O filho de Marousia", de Gobron; "Um morto vivia entre nós", de Jean Galmot; estes últimos são romances. Teríamos com o mesmo título - "A Reencarnação", obras de Denis, de Delanne e de Geley. De Geley ainda, "Do inconsciente ao consciente". Mais a citada, de Calderone. E outras tantas, que nos escapam. E estamos até aqui na Europa.

Por isso mesmo, citemos expressões de personalidades notáveis que por lá passaram. Balzac dizia que "as virtudes que adquirimos e as que se desenvolvem em nós lentamente são elos invisíveis que ligam cada uma das nossas existências às outras das quais apenas o Espírito tem lembranças". Gustave Flaubert, seguindo a mesma linha de raciocínios: "Eu não tenho esse sentimento de uma vida que está começando, a

estupefação de uma existência iniciada. Parece-me, pelo contrário, que já vivi! E tenho lembranças que recuam ao tempo dos faraós". Figuiier dizia que "a alma do homem permanece sempre a mesma, apesar de suas inúmeras peregrinações". Victor Hugo, entre outras afirmações do mesmo teor, dizia: "Quando eu descer à sepultura poderei dizer: Meu dia de trabalho acabou. Mas não posso dizer: Minha vida acabou. Meu novo dia de trabalho se iniciará na manhã seguinte. Fecha-se ao crepúsculo e a aurora vem abri-lo novamente". Albert Schweitzer foi colher a doutrina diretamente na fonte indiana e presta homenagem à sabedoria hindu. Romain Rolland, escritor de Arte, exclama, comovido, considerando a vida um caminho que percorreu:"- Nada do que vi era região desconhecida. Conhecia tudo muito bem, mas não sabia onde tinha visto. Repetia de memória a lição que aprendi em algum tempo anterior..." Flammarion, astrônomo que popularizou o conhecimento da Astronomia, é autor de inúmeras obras em que focaliza, em romances poéticos de grande beleza e riqueza de imaginação, os mundos estelares. Proclama a vida universal. Evocando os sábios e os santos, exclama: "A vida eterna vós a conquistastes, almas ilustres, não pelos trabalhos de uma só existência, mas pelos de muitas vidas, continuando-se umas às outras".

Vamos agora ficar em casa um pouco. Além dos inúmeros trabalhos estrangeiros traduzidos e publicados em português, dos artigos insertos em revistas, jornais, plaquetas, etc, temos a mais farta bibliografia mediúnica. Examinar as obras saídas das editoras brasileiras onde a Reencarnação é lugar comum, rever então necessariamente todas as publicações do

gênero seria já agora, se bem que interessante, um trabalho antológico e demorado, a exigir ainda por cima constante atualização. Isso não nos impede de, pelo menos, citar algumas obras específicas, de autores encarnados, numa relação que de antemão sabemos incompleta, como de resto incompletas serão as que anteriormente citamos durante estes apontamentos. Vamos lá: "A loucura sob um novo prisma", de Bezerra de Menezes; "A Psiquiatria em face da Reencarnação", de Inácio Ferreira; "A Voz do Antigo Egito", de Lorenz; "Reencarnação", de Levindo Mello; "Ensaio sobre a Reencarnação", de Djalma de Farias; "A Reencarnação através dos séculos", de Nair Lacerda, ed. Pensamento; "Reencarnação e Imortalidade" e "A Reencarnação na Bíblia", de Hermínio Miranda; "A Reencarnação e suas provas", de Mário Cavalcante de Melo e Carlos Imbassahy; "Palingênese, a Grande Lei", de Jorge Andréa dos Santos; "Morte, Renascimento e Evolução" e recentemente "Reencarnação no Brasil", de Hernâni Guimarães Andrade. Tem, pois, razão este último autor quando diz: "A Reencarnação, há algum tempo considerada uma simples crença e até mesmo uma superstição, está atualmente ganhando outro nível conceitual nos meios mais cultos".

P.s.: Temos em mãos no momento a obra "A Reencarnação", de Postiglioni e José Fernandes, tradução de Klórs Werneck.

REENCARNAÇÃO NA LITERATURA MUNDIAL

Temos ouvido repetidas vezes que os povos de língua inglesa, em seu Néo-Espiritualismo sem Kardec, também se caracterizam por deixar de lado a tese reencarnacionista. Dir-se-ia mesmo que, afora os povos do Oriente, por influência de suas religiões, praticamente só os espiritistas insistem nisso. Por outro lado, têm-se alhures a intenção de considerar o assunto como sendo um mero problema de "cultura"... Por isso, esforçamo-nos numa pesquisa que pretende tornar in-conseqüentes esses conceitos. E vamos começar propositamente pelos povos de língua inglesa, em todo o mundo, seguindo depois mais adiante. Se a enumeração é, reconhecemos, cansativa, lembramos ao leitor de sua importância e pedimos que nos releve. Vamos dar as versões em português. São obras citadas pelas poucas de que dispomos para consulta, não nas temos em absoluto: "Reencarnação", de George Brownell; "Reencarnação - Antologia Oriental e Ocidental", de Joseph Head e Crauston; "Reencarnação, o anel de retorno", de Eva Martin; "Reencarnação, estudo de uma verdade esquecida", de Walter; "Muitas existências", de Denys Kelsey e Joan Grant; "A procura de uma alma (as vidas de Taylor Calwells)",

de Jean Stearn; "Edgard Cayce sobre Reencarnação", de Lynn Cayce e Noel Langley; "A procura de Bridey Murphy", de Bernstein; "Mais vidas do que uma", de Krotch; "O Eu e a transformação", de Herbert Fingarette; "Reencarnação e Carma", de Alban Widgery; "Reencarnação baseada em fatos", de Karl Muller; "Um caso de Reencarnação", de Gupta, Sharpe e Matur; "Muitas Moradas", de Gina Carminara; "Reencarnação - um novo horizonte na Ciência, Religião e Sociedade", de Crauston e Williams; "As três vidas de Naomi Henri", de Blythe; "O Enigma da Sobrevivência", de Hornell Hart; "Terapia das Vidas Passadas", de Shiffrin; "Americanos que estão sendo reencarnados", "Casos Sugestivos de ECM", "Vidas Pretérita e Futura" e "Vidas Ilimitadas", de Banerjee; "Vinte casos sugestivos de Reencarnação" e "Evidência da sobrevivência através de alegadas memórias de anteriores existências", de Stevenson. Em matéria de livros publicados, esta lista deve bastar.

Citam-se como externando suas simpatias pela tese em apreço filósofos e escritores ingleses e norte-americanos como Sir William Jones, filósofo William James, Waldo Emerson, Walt Whitman, Thomas Huxley, Macneille Dixon, Bernard Shaw (irlandês, viveu em Londres), além de muitos outros. Gibran Khalil Gibran, libanês que escreveu em árabe e em inglês (emigrou para os EUA) asseverava:"- Retornarei para vós. Um pequeno espaço, um momento de repouso sobre o vento e outra mulher me dará à luz."

Do grande Shakespeare: "A vida é um conto de fada que se escuta diversas vezes".

O inventor Benjamim Franklin, francamente reencarnacionista, mandou que se inscrevesse em sua lápide: "Aqui jaz o corpo de Benjamim Franklin, livreiro, como a capa de um livro velho, despedaçado e despido de seu título e de seus dourados, entregue aos vermes. Mas a obra não está perdida, pois aparecerá mais uma vez, em nova e elegante edição, revista e corrigida pelo autor".

Henri Ford escreveu: "O trabalho é fútil se não podemos utilizar a experiência que reunimos numa vida para usá-la na próxima. Quando descobri a Reencarnação, foi como se tivesse encontrado um plano universal. Compreendi que havia uma oportunidade para pôr em jogo as minhas idéias. Gênio é experiência. Algumas pessoas parecem pensar que se trata de um dom ou de um talento, mas é fruto de longa experiência em outras vidas".

A escritora norte-americana Louise May Alcott escreveu: "Penso que a imortalidade é a passagem da alma por muitas vidas e experiências; conforme cada uma delas seja vivida, ajuda a próxima." Romancista, sua patrícia Edna Ferber narra um caso pessoal de "déjà-vu" e admite: "... Eu seria uma pequena escrava judia em terras do Nilo". Edgard Cayce teria sido um sacerdote egípcio; e, ainda antes, um médico na Pérsia. Joseph Ricard Myers, dos EUA, sugere que se verifique um dado curioso: as impressões digitais poderiam ser bastante similares. Uma suposição que indica a sua preocupação com o assunto.

Recentemente, a estrela do cinema americano Shirley Mc Laine declara:"- Sei que fui filha de minha filha durante reencarnação que tivemos na França." E ainda: "Nunca havia

antes visitado a Índia, mas (ao fazê-lo, em 1960) tive absoluta certeza de haver estado ali antes'. Tudo lhe era familiar. E, por citar a Índia, vamos ouvir Mohandas Gandhi: Faz parte da bondade da Natureza isso de não recordarmos os nascimentos passados. Que haveria de bom no conhecimento pormenorizado dos numerosos nascimentos pelos quais tenhamos passado? A vida seria uma carga se carregássemos tão tremendo acúmulo de lembranças'.

Poderíamos seguir pelo mundo anglo-americano ou anglofônico. Mas visitemos outros povos, buscando a sua intelectualidade representativa. Há seguras referências sobre a Reencarnação feitas por Emmanuel Kant, von Herder, von Goethe, von Schiller, von Schlegel, Johann Peter Hobel, Schopenhauer, Carl du Prel, Hermann Hess, dentre outros alemães. Frederico, o Grande, da Prússia, diria que "... Embora possa não ser um rei, em minha vida futura, tanto melhor. Nem por isso deixarei de levar uma vida ativa e, além disso, receberei menos ingratidões".

Maurice Meterlinck, belga, escreveu: "Nunca houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora e até certo ponto mais verossímil que a reencarnação. Só ela, com sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas, dá conta de todas as desigualdades físicas e intelectuais, de todas as iniquidades sociais, de todas as injustiças abomináveis do destino. É a única que não é odiosa e a menos absurda de todas."

Jung, suíço, discípulo que se afastou de Freud, declarou: "O renascimento é uma afirmação que deve ser contada

entre as afirmações primordiais da Humanidade. Essas afirmações primordiais são baseadas naquilo que nós chamamos arquétipos."

Emitiram opiniões complacentes com a idéia o escritor sueco Áxel Munthe, o poeta e escritor austríaco Rainer Rilke, o escritor russo Tolstoi; outro austríaco, Rudolf Steiner ("Reencarnação e Carma - sua significação na cultura moderna"). Nicolai Berdyacv, filósofo russo, declara que "O ensinamento da reencarnação é simples. Torna racional o mistério do destino humano e reconcilia o homem com os aparentemente injustos e incompreensíveis sofrimentos da vida." Recentemente, Bárbara Ivanova, cientista russa, que confirma a ação dos passes curadores que ela mesma aplica e cujo uso difunde em revistas especializadas, recorda-se de ter vivido no Nordeste brasileiro e explica com isso a facilidade com que aprendeu o nosso idioma.

O filósofo e educador polonês Wincenty Lutoslawski escreveu "Preexistência e Reencarnação". E disse ali: "No século XIX o número dos que acreditam na palingênese aumenta muito em todo o mundo, mas em nenhum como uma unanimidade tão expressiva como na Polônia. Todos os grandes vultos como Mickiewicz, Slowacki, Krasniski, Norwid, Wyspianski mencionam vidas passadas como cousa natural. Na obra prima de nossa literatura, "O Espírito do Rei", Slowacki narra suas encarnações passadas. Também o filósofo Cieszkowsly e o místico Towianski admitem a palingenesia."

Henry Mores é outro que enumera reencarnacionistas. São citados por esse filósofo inglês (voltamos ao ingleses) os vultos mundiais de Eurípedes, Euclides, Jâmblico, Prócio,

Boécio, Cícero, Hipócrates, Galeno, Fermellus e muitos outros.

Agora, diante desse passeio pelo mundo nas asas da literatura, sem enfoque religioso, continuem os *entendidos* a repetir que a Reencarnação é assunto restrito a pequeno número de crentes, em geral de acanhado nível cultural.

Corre em todos os meios culturais uma pequena e delicada obra literária, dentre outras de Richard D. Bach, originária dos EUA, "Jonathan üvingston Seagull" em versão brasileira "*A História de Fernão Capelo Gaivota*". Não havendo compromisso filósofo-religioso ostensivo, sente-se no entanto que o autor nos deixa à vontade para interpretar os relatos como o desejarmos. Anotemos isto: "Quase todos nós percorremos um longo caminho. Fomos de um mundo para outro, que era praticamente igual ao primeiro, esquecendo logo de onde viéramos, não nos preocupando para onde íamos, vivendo o momento presente. Tem alguma idéia de por quantas vidas tivemos de passar até chegarmos a ter a primeira intuição de que há na vida algo mais do que comer, ou lutar, ou ter uma posição importante dentro do bando? Mil vidas, Fernão, dez mil! E depois mais cem vidas até começarmos a aprender que há alguma cousa chamada perfeição, e ainda outras cem para nos convenceremos de que o nosso objetivo na vida é encontrar essa perfeição e levá-la ao extremo. (...) Escolheremos o nosso próximo mundo através daquilo que aprendermos neste." Podem tirar-se do texto as interpretações mais variadas, quem sabe, mas que aí está implícita a pluralidade das vidas, está!

REENCARNAÇÃO NAS OBRAS BÁSICAS DE KARDEC

Nascido em lar católico e educado em colégio dirigido por um sábio reformista, Pestalozzi, as idéias filosóficas do Prof. Denizard tiveram de ser reformuladas a partir do momento em que se fez renascer na figura austera do Codificador. Se a formação moral era a mesma, outros eram os princípios em que se solidificou.

Daí ser interessante uma busca às obras básicas e complementares por toda a qual se encontram os estudos atinentes à *reencarnação*, espinha dorsal da Doutrina dos Espíritos, que ele codificou.

Em "O L. dos Espíritos" começa pelo Resumo da Doutrina Espírita: "A vida material é uma prova a que devem (os Espíritos) se submeterem repetidas vezes até atingirem a perfeição (...)". Todos nós "tivemos muitas existências e teremos outras mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra ou em outros mundos". "Seria um erro acreditar que a alma ou Espírito pudesse encarnar num corpo animal."

O Cap II de "O L. dos Espíritos" refere-se à encarnação dos Espíritos, discutindo a finalidade da imersão na matéria, não entra ainda no que respeita ao retorno. Só no Cap. IV fala

na Pluralidade das Existências. São as questões 166 a 170. Sobre a Justiça da Reencarnação são a questão 171 e seu desenvolvimento. Encarnação em diferentes mundos (172 a 188), transmigração progressiva (189 a 196-a) e sucessivamente a sorte das crianças após a morte, sexo dos Espíritos, parentesco e filiação, semelhanças físicas e morais e idéias inatas, assuntos todos relacionados ao tema principal, indo até à questão 221-a. Como se não bastasse a lógica da arguição, o Cap V é todo ele de considerações sobre a Pluralidade das Existências na palavra do próprio Codificador. Mais adiante, ao entrar no mérito da escolha das provas nela está embutida a idéia do retorno (questões 258 e seguintes). Ainda o Cap VII versa sobre esse retorno exatamente indicando o que se passa na fase que preludia a volta, como se dá a união da alma com o novo corpo. Já aqui uma explicação filosófica para o esquecimento do passado (392 e seguintes). Falará ainda das penas e gozos futuros e das penas *temporais* (683 e seguintes), duração das penas (1003 e seguintes) e ressurreição na carne (1010).

No "O L. dos Médiuns" - Cap XXVII - há referências a contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos. Ora, Kardec partiu sempre do ponto de que os Espíritos são as almas dos homens e de que a morte física não opera o milagre de os tornar todo sabedoria. Judicioso e com isenção, formula aos orientadores a pergunta que ficaria marcada em seus estudos, embora de si mesmo já pudesse antecipar a resposta em seu convencimento íntimo: "- Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como nem todos os Espíritos a ensinam?" Na indagação feita não é posta em dúvida a neces-

sidade da reencarnação - é uma necessidade da vida espírita - mas o motivo de nem todos a ensinarem. Podemos resumir a resposta, que é longa e está ao alcance do interessado:"- A reencarnação é para eles uma necessidade em que não pensam enquanto ela não chega..." E Kardec volta a perguntar por que, a seu turno, outros falam, até insistentemente, na necessidade de resgatar o passado. Também é longa a explicação. Note-se que as perguntas de Kardec são, muitas das vezes, aquelas que ele retira da boca de quantos a formulariam em qualquer tempo. Ao término é o Espírito de Verdade que ensina: "A melhor doutrina é aquela que melhor satisfaz ao coração e à razão e que dispõe de mais recursos para conduzir os homens ao bem. Essa, eu vos dou a certeza, é a que prevalecerá."

No "Evangelho segundo o Espiritismo" logo de início encontramos um resumo das concepções de Sócrates e de Platão como precursores da Doutrina Cristã e do Espiritismo, onde o princípio da reencarnação está claramente expresso. Kardec apenas anota a diferença em termos de "*dom*" e de mérito no item XVII. Logo no Cap III - "Há muitas moradas na casa de meu Pai" - o progresso incessante do Espírito está implícito, podendo como pode habitar outras moradas; conceito de expiação e de provas, de mundos regeneradores. Mas é o Cap IV que vem todo ele ao encontro da reencarnação: "• Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo." Nascer da água (da matéria) e do Espírito. Síntese perfeita e precisa com base em textos bíblicos, tendo a coroá-lo o ensinamento crístico. Não fica aí, porém, pois no Cap V trata das aflições, causas atuais e anteriores, esquecimento do

passado com a bênção do recomeço. No Cap IX - "Bem-aventurados os mansos e pacíficos" - anuncia, com o Cristo, que os mansos herdarão a Terra... No Cap XVII - "Sede perfeitos" - está inserida a idéia do progredir continuamente. E uma sùmula o que estamos trazendo.

"O Céu e o Inferno" troca o conceito de penas eternas pelo de penas futuras, falando em arrependimento, expiação, reparação. Esforço por melhoria e não favoritismo. "A Gênese" no Cap XI trata especificamente da reencarnação (itens 33 e 34), discutindo a reencarnação em diferentes mundos (não há necessidade de que mudem de mundo a cada etapa) e migrações dos Espíritos (35).

Em Obras Póstumas o assunto volta na dissertação intitulada "A Estrada da Vida" e mais adiante em "Morte Espiritual", quando fala no ato da reencarnação. Depois, no estudo das expiações coletivas.

"O Que é o Espiritismo" já na pág 114 - item V da tradução da FEB - volta a falar no esquecimento das vidas passadas. Mas há outras implicações como nas questões de números 139 e 140 (pág 205).

É possível que o leitor estudioso encontre outras tantas correlações. Mas a "Revista Espírita" enquanto dirigida por Kardec também aborda o tema. Resumamos: Revista de abril/58 - Espiritismo entre os druidas; fev/59 - Doutrina da reencarnação entre os hindus; out/60 - Recordação de uma vida anterior; a Reencarnação (mensagem mediúnica); dez/60 - A Reencarnação (mensagem mediúnica); fev/62 - A Reencarnação na América (preconceitos contra a tese e correspondências); março/62 - A Reencarnação (mensagem mediúnica); out/

62 - A Reencarnação na Antigüidade; nov/63 - Pluralidade das Existências e dos mundos habitados (Inserção de texto de obra de 1817 sobre o assunto); fev/64 - Necessidade da Reencarnação (mensagem mediúnica), Limites da Reencarnação (idem), a Reencarnação e as aspirações do homem (idem), Ação dos Fluidos na Reencarnação (idem), As afeições terrenas e a Reencarnação (idem), O Progresso entravado pela Reencarnação indefinida (idem); jan/65 - A Pluralidade das Existências da alma (observações a favor, de um não espírita); out/68 - Efeito moralizador da Reencarnação (comenta artigo de jornal).

E ainda houve quem dissesse que Kardec alimentava dúvidas sobre a tese incontestável...

MUDANÇA DE SEXO NA REENCARNAÇÃO

Enumera-se como sendo uma das objeções quanto à aceitação da tese reencarnacionista exatamente a eventualidade da troca de sexo, que a muitos não agrada. Esse assunto por sinal está relacionado muito de perto com uma outra questão importante, qual seja a de haver diferenciação de sexo entre os Espíritos. Propomo-nos um estudo conjunto dentro dos elementos de pesquisa disponíveis.

Lemos em "O L. dos Espíritos", no Cap IV, item VI, que se refere ao problema de sexo dos Espíritos as questões 200, 201 e 202 e um adendo de Kardec a respeito. Na primeira delas: "Os Espíritos têm sexo?" Resposta: "- *Não como o entendeis.*" Nota-se que a resposta não é simplesmente negativa, e isso para nós é importante.

A Codificação, lembremo-nos, permite considerar os Espíritos como sendo o elemento inteligente que povoa o Universo; e, de outra parte, também os define como seres extracorpóreos. E diz, mais: incorpóreos e não exatamente imateriais. No primeiro caso trata-se de puro Espírito, a essência inteligente. Aqui não nos referimos à escala progressiva. No segundo caso, trata-se da individualização daquele princí-

pio. Na verdade, normalmente referimo-nos aos Espíritos na forma habitual de nossas citações, considerando-os conjuntamente com o perispírito, que lhes empresta a relativa materialidade possível. Seria o princípio pensante de Bozzano. Dito isto, completemos agora aquela resposta acima: "- Não como o entendeis, *porque os sexos dependem da constituição orgânica.*"

Ora, quando se fala em sexo, melhor dizendo, na diversificação dos sexos, pensa-se objetivamente, de início, numa estruturação física, com a qual as criaturas normalmente se apresentam; ou, ainda, de imediato, no que respeita aos condicionamentos de ordem psicomagnética e nas atrações que aproximam as criaturas entre si em termos de polarização, assim, complementa a questão: "Há entre eles (os Espíritos) *amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.*" E preciso reconhecer que estas respostas são de uma grande amplitude, o que, por generalizar, deixa de lado a particularidade do nível evolutivo das criaturas, havendo Espíritos inferiorizados que persistem de modo próprio na mentalização e nos hábitos em que se posicionaram, em que por vezes se viciaram, materializados a bem dizer.

De resto, a nossa constituição orgânica, como seres humanos, a estruturação física que apresentamos, a par das características genéticas, está intimamente *ligada ao campo mental*, que preside a tudo, gerando instintos e automatismos, que se estereotipam através do perispírito, modelo organizador que é. Será por essa razão que, na forma do que está em "Evolução em Dois Mundos" (pág 141) *"a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade*

e na masculinidade, conforme os característicos passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios". E acrescenta André Luiz: *"A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa"*. E na mesma obra, página 177: *"A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporia ao sexo, manifestando-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher segundo a vida íntima, através da qual se mostra com as qualidades espontâneas acentuadamente ativas ou passivas"*. Prossegue: *"A desencarnação libera todos os Espíritos da feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva, atendendo a provação necessária ou a tarefa específica, portanto, fora do arcabouço físico a mente exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem. A identificação pessoal, via de regra, porém, conserva a ficha individual da última existência, até novo estágio evolutivo."* Na página 142 da obra já citada diz que *"o sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo a quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo..."*

Em "O Consolador" atentemos para a questão 160: "Os Espíritos se dividem igualmente, nas esferas próximas da Terra, em seres femininos e masculinos? Resposta: "- Nas esferas mais próximas do planeta as almas desencarnadas conservam as características que lhe eram mais agradáveis

nas atividades da existência material, considerando-se que algumas que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores à reencarnação, então enriquecidas, se souberam cumprir os seus deveres no plano das dores e das dificuldades materiais." Na obra "Ação e Reação" André Luiz diz que "grandes corações reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, mas também a execução de tarefas especializadas (...), renúncia construtiva para modelar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual." Pondera, entretanto, *fora dessas exceções, que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser e é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas de mulher e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo na experiência de homem."*

Mudança como imposição reparadora

Mantenhamos o fio do pensamento: "Contudo, em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, desorganiza-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da

Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus; ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrebatado o homem à devassidão e à delinquência, cria para si terrível alienação mental..."

Admitir, contudo, bem se vê, *que toda troca se enquadrasse numa medida dessa ordem, um impositivo de reparação, seria exagerar, bem entendido.*

Voltemos ao que diz "O L. dos Espíritos" na questão 201: "- O Espírito que animou o corpo de um homem pode vir a animar o de uma mulher numa nova existência, e vice-versa?" Resposta: "- Sim, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres." Simples. É bom lembrar que esse conceito é bem antigo por sinal. Já o Taoísmo não só admitia o renascimento como a troca de sexos. Mas os hebreus iam mais longe, admitindo que a troca de condições de homem para mulher representaria uma forma de punição. Seria isso fruto do antigo conceito, hoje praticamente abandonado, da inferioridade da mulher perante o homem.

Insistamos em "O L. dos Espíritos" examinando a questão 202: "- Quando na Erraticidade, preferimos encarnar como homem ou como mulher?" Resposta: "- Ao Espírito pouco importa, propriamente. *Vai depender das provas por que deva passar*". E Kardec acrescenta: "- Como devem progredir em tudo, cada sexo e cada posição social podem oferecer provas e deveres especiais e novas experiências. Aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens". Essa ponderação toda pessoal não chega a ser categórica em

termos de opção, encara apenas o aspecto das oportunidades. Já Leon Denis em "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", páginas 177/180, é bem positivo dentro do assunto: "Quanto à escolha do sexo é também a alma que, de antemão, resolve. Pode até variá-lo de uma encarnação para outra, por um ato de sua vontade criadora, modificando as condições orgânicas do perispírito (grifo nosso). Certos pensadores admitem que a alteração do sexo é necessária para adquirir virtudes mais especiais, no homem a vontade, a firmeza, a coragem; na mulher a ternura, a paciência, a pureza." Isso foi escrito no século passado, bem se vê, hoje em dia as coisas estão um tanto mudadas... Vai adiante uma opinião também pessoal, do grande Denis: "Cremos que a mudança de sexo é, em princípio, inútil e perigosa. É fácil reconhecer as pessoas que numa precedente vida adotaram sexo diferente (...). Quando um Espírito se afez a um sexo é mau para ele sair do que se tornou a sua natureza'. Só então trata do problema dos reajustes:"- A mudança de sexo poderia ser considerada como imposta pela justiça e reparação, quando maus tratos e graves danos são infligidos a pessoas de um outro sexo, para assim sofrerem os efeitos das causas a que deram origem; mas - acrescenta ainda - existem outras formas de reparação..." A tese em estudo e isso lhe toca fundo à sensibilidade, como se vê, deixa perceber a manutenção de certas tendências instintivas, de certos maneirismos, a denunciar uma provável *transmutação* ocorrida em muitos casos, nem sempre. A troca, todavia, não condiciona a *foriori*, por isso mesmo, desvios de comportamento porventura admitidos como resultantes, nem os abona em absoluto. Não é propósito deste modesto traba-

lho de compilação avançar no terreno do intersexualismo, ainda que ensejasse digressões interessantes para fins de estudo.

Denis, a seu tempo, não se teria lembrado provavelmente da severa advertência que se encontra na obra "No mundo maior", página 151 - Sexo: *"A genética, mais hoje, mais amanhã, poderá interferir nas câmaras secretas da vida humana, perturbando a harmonia dos cromossomos no sentido de impor o sexo ao embrião; todavia, não atingirá a zona mais alta da mente masculina ou feminina, que manterá características próprias (...)"* Também o que está no Cap. XVI - 2ª parte de "Evolução em Dois Mundos", que se refere a *inversões desnecessárias que poderão imprimir graves compromissos ao foro íntimo dos pacientes.*

Mudanças de sexo nos registros das ocorrências

Há algumas citações curiosas a respeito de troca de sexo nas pesquisas de Reencarnação e de passagem citaremos algumas poucas.

A senhora Spapleton, de Londres, citada por Delanne, declara: "O fato mais curioso a respeito desses sonhos é que me via sempre *como homem*, nunca como mulher." A senhora Katherine Bates, em "Os mortos falam", conta que havia cem anos fora *um oficial da Guarda*. Delanne cita ainda que Blanche, aos sete anos, recordava ter sido *um farmacêutico em Bruxelas*, dando os elementos de convicção que foram devidamente comprovados. Fala de um certo Francisco que voltou como Francisca. E a previsão, em sua obra "A Reencarnação", "ele

voltará, mas não será homem." Karl Muller também cita exemplos em "Reencarnação baseada em fatos"; Há o caso de Maing Mon, de homem para mulher. E o dos gêmeos birmaneses, esposos que renasceram gêmeos, homens. Dos dois, o que fora mulher deixava perceber nos gostos, de alguma forma, a transformação ocorrida. Quase sempre isso se dá na infância, *havendo readaptação a seguir.*

Na obra "Reencarnação no Brasil" Hernâni Guimarães Andrade cita dois casos: o de Ronaldo, que reencarnou mulher, conforme havia sido anunciado em mensagem mediúnica: "O Ronaldo não virá como homem, mas como mulher". O de *Maria Aparecida*, que retornou no sexo masculino, como *Dráusio*: "- Mamãe, eu voltei; eu sou aquela menina que tinha aqui."

Reafirmando, é bom lembrar que em todos os casos anotados não parece ter ocorrido conflitos íntimos ligados à verificação da troca.

O VELHO EGITO DOS FARAÓS NA PAUTA DA REENCARNAÇÃO

No estudo dos fatos relacionados à Reencarnação costumamos considerar como **evidências** aquelas provas ditas indiretas, de um lado; e as absolutas ou diretas, de outro. Alinham-se como **indiretas** as que nos permitem inferir do cumprimento da lei palingenésica, nela se encontrando a explicação mais racional e lógica. Como **diretas** as que se referem às reminiscências, quer se considerem espontâneas ou incidentais, quer provocadas intencionalmente, como no caso da regressão de memória por indução hipnomagnética. Muitas fobias e idiossincrasias sem causa atual plausível desencadeante; certas marcas ou sinais de nascença, especialmente quando se associem a reminiscências ou confirmem relatos premonitórios de renascimento; expressivas simpatias e antipatias repentinas sem motivo aparente; psicoses obsessivas; caráter diferenciado de irmãos, tendências, gostos e idéias inatas; e a genialidade precoce, de que se relatam tantos casos. Estão todos no primeiro caso. No segundo uma série inesgotável de dados pesquisados por estudiosos do assunto.

E sabido que os **iniciados** egípcios conheciam a Reen-

carnação, a qual tê-la-ão transmitido aos hebreus. Como de resto o Monoteísmo. Inscrição de 3.000 a.C. dizia: "A criança já viveu e a morte não é o fim." Mais perto, a 1.320 a.C, o célebre papiro Anana afirma: "O homem volta à vida várias vezes, disso se recorda em sonho ou por algum acontecimento relacionado a outra vida." Pois bem, fatos ligados àquele povo, como veremos, trazem à luz evidências da Reencarnação, quer indiretas quer mesmo diretas. É o objetivo de nosso estudo nestes apontamentos.

Na verdade, tudo que se refere aos egípcios é envolto num ar de mistério e cheio de curiosidades. Certo, aquele povo viveu uma das civilizações marcantes em termos de cultura e religiosidade. Em "A Caminho da Luz" Emmanuel os inclui entre os exilados do Sistema Capela, daí entendermos como flamejavam em suas mentes uma sabedoria e uma vivência cósmica sobremodo grandiosa, que deixariam traços inapagáveis na esteira dos milênios. Pensamos que alguns desses Espíritos que por lá militaram, os mais rebeldes e menos ilustrados, ainda estarão cumprindo ciclos reencarnatórios. A História registra por excelência - e vamos citar de passagem - o segredo da mumificação, com suas implicações ético-religiosas; o uso mais primitivo do arado e os primeiros canais de irrigação; o emprego da tinta, da pena, da folha (de papiro); os cálculos matemáticos, incluindo os de área e de volume; a numeração, o sistema decimal, o calendário, a moeda, a escrita... Como se sabe, foram importantes os períodos do Antigo, do Médio e do Novo Império, antes das invasões sucessivas dos persas, dos macedônios, dos romanos, mais tarde pelas forças napoleónicas. Registram-se como suas

capitais as cidades de Tinis, a primitiva, a seguir Mênfis, no tempo do Antigo Império; Tebas e transitoriamente El-Amarna, durante o Médio Império; e Saís no Novo, até à fixação na cidade do Cairo. Quanto à língua - e isso vai nos interessar no momento - consideram-se os períodos Antigo (4.000 a.C), Médio (aproximadamente 3.300 a 2.700 a.C), o Popular (popularização como postulado universal de linguagem, haja vista o latim); e finalmente uma mistura com o grego, tão importante na época - o Céptico. Sem esquecer que hoje em dia a língua egípcia é a árabe.

Champolion - "o egípcio"

Uma prova indireta de Reencarnação pelas características marcantes de sua presença, podemos sem receios incluir o que se sabe sobre a vida predestinada de Jean François Champolion (1790-1832) não só considerando o gênio como em si mesmo os fatos a seu respeito. Conta-se que o seu nascimento ocorreu sob os cuidados de um certo senhor Jacquou, conhecido como curandeiro, certamente médium, que conseguiu salvar de riscos fatais mãe e filho. Teria ele predito então ao pai, o senhor Jacques Champolion, que aquela criança que ele acabara de salvar se destinava a grandes cousas e teria o seu nome imortalizado nas páginas da História. Se se disser que isso tudo é lenda, não se irá desconhecer que o menino era diferente dos irmãos, todos eles louros e de olhos azuis. Ele, pelo contrário, vem a ser bem moreno. Teria sido por sua tez queimada que ele recebeu desde cedo o apelido que, em última análise, marcaria seu

futuro, se não fosse estar indicando a um tempo o seu passado: "o egípcio". Pois o menino cresce revelando uma facilidade incrível por aprender o árabe, o sírio, o persa, o caldeu, o copta e revelar ainda conhecimentos inatos dos assuntos relacionados aos respectivos povos. Como se conhecesse pessoalmente esses países. Aos 11 anos promete ao físico Fourier que decifrá os hieróglifos. Afirma, contrariando a crença vigente, que os egípcios falavam uma língua própria, não importada. Aos 17 anos publica uma obra, "O Egito dos Faraós". Com a invasão francesa, ao tempo de Napoleão, chega-lhe a oportunidade de ter em mãos a célebre pedra de Roseta, cujas inscrições consegue ler, por comparação com versões paralelas. Decifra, assim, como prometido, o segredo da escrita. Aos 38 anos, já um egiptólogo de renome, ei-lo nas águas do Nilo, onde, segundo seus biógrafos, tudo lhe é familiar, corrigindo erros históricos, denunciando segredos milenares. Deixaria para a posteridade uma Gramática Egípcia. Que forças poderosas, que obstinação dariam a Jean François todas as condições de conhecimento e interesse para o mister? Que nos tragam uma explicação que suplante a da Reencarnação. Estava com ele descoberta a escrita, era de se lerem as inscrições e isso efetivamente foi decisivo.

Contudo, embora decifradas as inscrições, reconheceu-se que elas apenas registravam os elementos consonantais das palavras. O jeito seria convencionarem-se certas regras aleatórias mas necessárias na tentativa de expressão oral. Ninguém poderia imaginar que o aparentemente impossível iria acontecer. O passado iria debruçar-se sobre o presente e

trazer, por via mediúnica, através da xenoglossia, o que faltava...

Fala a voz do passado

Por volta dos anos 20 a 30 deste século, na Inglaterra, a mesma das pesquisas de Crookes, fria e objetiva, eis que esplende a mediunidade de Rosemary, é o que nos conta Francisco Valdomiro Lorenz na obra "A Voz do Antigo Egito" (FEB, 1946). Resumamos a obra. O Dr. Frederico Wood é um cientista e doutor em Música, não pode ser acusado de se deixar levar por trapanças. Interessa-se pelo que tem a dizer o Espírito comunicante, Lady Nona, revelando dados que indicam haver habitado o Egito em época bem antiga. Avançando na observação conclui que estavam sendo descritos fatos relacionados ao Médio Império Egípcio, mais exatamente à XVIII Dinastia, havia 3.300 anos atrás. O centro de projeção era Tebas, no Alto Egito, a capital do Médio Império. Cauteloso, Dr. Wood procura o Dr. Hulme, conhecido egiptólogo, para ajudá-lo na pesquisa e na autenticação meticulosa dos fatos narrados. O centro das novas pesquisas é Londres, contatando com Brighton. As narrativas se encaminham para o tempo do faraó Amenhotep III ou Amenofis III, filho de Tutmés IV e pai de Amenhotep IV (Akenáton). Lady Nona, como se fez conhecer, seria naquele tempo Telika. E Rosemary, a médium, uma sua protegida de nome Vóla. O Dr. Wood não está em cena por acaso. Fora outrora o General Rama. Por ordem real, saqueara a Síria e trouxera Vóla como prisioneira. Um reencontro, portanto, em condições bem diferentes... Nona não passa-

va de uma esposa secundária do faraó. A primeira rainha era Tie, da qual recentemente se descobriram estátuas. Princesa babilônia, irmã do rei, fora solicitada em casamento por Amenhotep, a quem amou sinceramente e a quem pretendeu defender da trama dos sacerdotes apoiados por Tie, numa conspiração. Condenada por sentença real, pois o faraó se deixara envolver no episódio pelos próprios inimigos, ignorando-lhe a lealdade. Vola morre junto, por saber demais. Motivo da conspiração: a reforma religiosa não desejada pelos sacerdotes, a mesma tentada pelo filho Amenofis IV e que não vingaria por muito tempo. Era o Monoteísmo que intentava emergir. Seria tudo isso fantasia da médium, mesmo que bem intencionada, uma estória da carochinha? Não, porque não ficou apenas na história. Hulme era filólogo, dicionarista, tradutor, egiptólogo e portanto tinha interesse científico na pesquisa. Por isso mesmo Wood o convidara. Os dois se policiavam ante a matéria tratada, de que eram entendidos, ao se renderem à evidência aprenderam o quanto puderam. Meses e até anos detinham-se numa frase dita em egípcio, estudavam o sentido de uma palavra. Nona, nos diálogos xenoglóticos, usava por vezes duplo sentido para deixar claro que não se tratava de transmissão telepática do pensamento. Diz o relato que Nona preparou por algum tempo os órgãos vocais da médium para os sons guturais do velho idioma. Por sua vez, Rosemary, no desenrolar dos trabalhos, desenvolveu ela própria a clarividência, passando a descrever por si, em transe anímico, cenas, pessoas, trajes, costumes, danças, rituais e tramas palacianas. Vidente e clarividente, Mason foi procurado por Wood e confirmou visões paranormais da médium e de Lady Nona, antes

que se lhe revelassem as pesquisas. As convenções de pronúncia foram corrigidas por Nona e gravadas para servir de orientação aos estudiosos.

De tudo isso se infere que, além dos pormenores históricos até então desconhecidos, revelam-se:

de importância filosófica

- a) a imortalidade da alma;
- b) a comunicabilidade dos Espíritos;
- c) a palingênese.

de importância cultural

- d) a pronúncia correta de uma língua morta.

METEMPSICOSE E COMUNICAÇÃO

O termo genérico transmigração significa o ato ou a faculdade de o princípio inteligente migrar de corpo em corpo em sucessivas experiências. Antigos filósofos, que fizeram escola, entendiam que esse "princípio" ou "alma" deve migrar por diferentes espécies animais, tendo assim múltiplas encarnações. Surgiu para caracterizar essa ordem de idéias o termo específico metempsicose, querendo expressar ainda mais a possibilidade de a alma humana - o Espírito - vir a animar seres de espécies inferiores. Aconteceria mesmo isso, no modo de ver dos defensores da idéia, como forma de castigo. O termo oposto a esse é metensomatose, sinônimo de palingênese ou reencarnação. E o Espírito que retoma o campo somático, que segue além, através da matéria.

Ora, sabemos que Espíritos infelizes, recidivantes no erro e nas paixões, espelhando em seus atos e vivenciando em suas mentes qualidades inerentes a certas espécies animais, como a rapina, por exemplo, podem, transitoriamente, revestir o perispírito de formas as mais esdrúxulas, com que se fazem ver, e a isso se chama licanthropia. Daí surgiram lendas, como a do lobisomem. Tais visões e aparições poderiam, quem

sabe, ter inspirado a idéia da metempsicose... Mas daí supor-se que, nessas condições, viriam assumir um corpo, a distância é enorme. A própria situação, ainda que transitória desses Espíritos, em dolorosa desarmonia vibratória, não permitiria o seu retorno à matéria. Nem isso, e se porventura admitido, a bem da verdade aproveitaria ao seu progresso, a cuja lei está jungido por determinismo providencial. Lemos, na obra basilar da Doutrina Espírita, questões 118 e 612, que o Espírito pode permanecer estacionário, mas não pode retrogradar; E que assumir o corpo de um animal (inferior) seria retrogradar: "o rio não remonta à nascente". E o próprio Kardec acrescenta que a idéia de transmigração direta de animal ao homem e vice-versa não ocorre, muito menos haveria alternância".

Dito isto, é preciso ainda considerar uma outra expressão, definindo-a, para compreensão de certos fatos. É a palavra **encarnação**; geralmente confundem-se finalidade da encarnação e finalidade da reencarnação. A primeira é a necessidade de a alma adquirir experiências no campo da matéria, e, dessa forma, cumprir a sua parte na obra da Criação, ao se tornar um ser corpóreo. Para a doutrina dos anjos, por exemplo, isso não seria necessário. Já o Espiritismo declara que Deus, sendo justo, não faria seres felizes sem esforço, submetendo todos os seres inteligentes à escala evolutiva, em função da lei do mérito. Pois bem, certas obras, traduzidas do francês, registram a palavra **encarnação** equivocadamente por "incorporação"... É uma confusão terminológica que deve ser evitada, declara João Teixeira de Paula em seu Dicionário. Reiterando: Encarnar é assumir (o Espírito) vida corpórea, para as experiências de uma existência, mais ou

menos longa, visando ao aperfeiçoamento. Não significa assumir (o Espírito) os órgãos vocais do médium para transmitir a sua palavra, a sua mensagem. Aliás, o fenômeno da psicofonia ("incorporação"), sobretudo este, para processar-se, exige pelo menos compatibilidade vibratória para que se estabeleça a fusão ou o acoplamento necessário à comunicação.

Tudo isto vem a pêlo porque, segundo nos foi referido, em certo programa de grande audiência, que trata de assuntos pertinentes, comentou-se teria um sensitivo, provavelmente em transe, emitido sons guturais, não os da linguagem humana. E pessoas presentes, inadvertidamente talvez, teriam atribuído ao fato significação muito especial, dizendo tratar-se de metempsicose. Deve haver engano, quiçá dos informantes, dos audientes. Nessa hipótese, porém, haveria duas impropriedades: primeiramente, porque nem mesmo os partidários da tese de metempsicose confundem-na com nenhum fenômeno mediúnico. Em segundo lugar porque psicofonia - admitindo-se que no caso tivesse havido - é manifestação inteligente de um Espírito, essencialmente isso. Fica a ressalva, por via das dúvidas.

E estaremos com Erasto:

- "Mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única teoria falsa".

Com as nossas escusas.

PROGRESSO NESTE E EM OUTROS MUNDOS

O dístico "Nascer, morrer, renascer ainda, progredir continuamente, tal é a lei" proclama um princípio e uma lei natural correlacionada. O princípio é o da reencarnação, meio pelo qual nos é dado cumprir como contingência natural a lei do progresso. A reencarnação traz a idéia da preexistência e da sobrevivência da alma e só assim se pode entender a razão de ser da vida na Terra, sua transitoriedade, tendo o sofrimento por norma: reconhecendo a perfeição por destino.

Mas é ainda preciso ligar todo esse raciocínio a uma outra afirmativa de Jesus:"- Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse eu vo-lo teria dito..." Com as moradas outras entende-se outras Humanidades e de certa forma acesso a essas outras moradas. Não estamos sós no Universo.

Tem-se com isto uma compreensão bem maior da Majestade do Criador Supremo, dando-se sentido à existência, descortinando-lhe a Justiça, onde se configura a condição do mérito contrariamente ' à do privilégio. Por certo estaríamos indagando da parcialidade de uma justiça bem menor se justiça fosse, em que, numa única existência, selada para

sempre a sorte de cada um, as almas viventes teriam diversificadas oportunidades de sofrimento ou gozo, sem poder reconstruir o próprio destino. Tão diferente da realidade explicitada pela Doutrina Espírita.

Progredir é preciso, é lei. Aleatoriamente pode-se ter idéias diferentes quanto ao progresso. Comporta uma visão imediatista e outra de mais amplos horizontes. Na concepção do homem comum pode ser a conquista de valores transitórios constantes dos bens terrenos, por vezes riquezas, vassalagem, conforto. E nem é condenável que melhoremos de vida e que aspiremos a tanto. Para muitos, aquisição de conhecimentos técnico-profissionais, títulos que destaquem, postos de relevo na sociedade e na política. Serão criaturas úteis quando no bom desempenho desses postos. Mas é necessário considerar também o progresso como conquista inalienável do Espírito não só quando lhe abre as portas da inteligência e da cultura mas também quanto as dos sentimentos enobrecidos. Diremos então de um progresso material, de um progresso intelectual e de um progresso moral, que não marcham nem sempre no mesmo ritmo, é bom lembrar. Pode-se ainda falar do progresso coletivo da Humanidade como um todo, das civilizações, ou isoladamente de um povo, de uma nação, de um grupo, de uma instituição, de uma causa. Há Espíritos que se afeiçoam a determinadas tarefas, que se reúnem para cumpri-las, que se especializam no campo da ciência, da técnica, ou em missões de condutores de povos. São grandes almas, muitas vezes, que sacodem a inércia em que se demora a Humanidade, agigantando-se por devotamente Sem o conceito da reencarnação seriam prodígios inexplicáveis

os grandes sábios, os grandes inventores, os grandes santos, São naturalmente ajudados por Espíritos Superiores empenhados por sua vez em ajudar o progresso. Executam missões ou concluem tarefas a que se afeiçoaram e em que se aperfeiçoaram. Sem esquecer aquelas almas que passam pela Terra dando o exemplo vivo da humildade, sem destaques, desconhecidas do mundo, mas por si mesmas engrandecidas.

Mas, como vimos, a reencarnação não pressupõe apenas a idéia estritamente terrena de Espíritos que convivem conosco neste ou conviveram naquele tempo. Dilata-se-nos o conceito se admitirmos - e por que não? - que *outras humanidades* se permitem intercâmbio conosco trazendo-nos o fruto de seus avanços e trocando experiências por solidariedade ou por compromissos assumidos para o seu próprio melhoramento. Um gênio extraordinário que se antecipa de milênios à nossa ciência, como é o caso de Leonardo da Vinci, para citar apenas um, não adquiriu na Terra o conhecimento que ela não lhe poderia ter dado por não comportar. Espíritos como esse não só preexistiram com certeza mas trouxeram de outras paragens o aprendizado adquirido quem sabe em escolas superiores do Espaço ou em mundos superiores.

Admitir, no entanto, que um cérebro físico, por milagres de disposição neuronal, houvesse produzido o gênio extraordinário que avança além dos estágios da ciência ou da concepção da arte, seria nada esclarecedor e nada convincente. Sem o Espírito preexistente, com experiências adquiridas alhures, não se explicariam tantas conquistas que constituem eloquentes registros da História. Aqui a idéia dessa fraternidade e desse intercâmbio interplanetário é um novo aspecto

engrandecedor da mensagem espírita. Nessa ordem de considerações as conquistas tecnológicas podem representar experiências trazidas a nós vindas de outras plagas, não tenhamos maiores dúvidas.

As humanidades progridem. Progridem os mundos habitados.

MIGRAÇÕES INTERPLANETÁRIAS

Quando se considera que as existências humanas são solidárias entre si e que somos solidários na responsabilidade de nossos atos, a partir da afirmação do Cristo de que são muitas as moradas, é conclusivo chegarmos a um novo conceito complementar, mas de maior expressão: também a de solidariedade entre os mundos habitados. Essa tese autoriza a admitir migrações interplanetárias. Note-se que um conceito como que puxa outro num crescendo e assim a sobrevivência da alma como noção básica de todas as religiões chega a culminâncias. Com as palavras do Cristo tomadas a descoberto e incorporadas à Doutrina dos Espíritos, a da reencarnação e a da pluralidade dos mundos habitados, vistas em conexão, fica a Terra em sua verdadeira posição no Cosmo assim no entendimento da Ciência como no campo da conceituação intelecto-moral da filosofia, pelo menos da filosofia espírita, com a interpretação desmistificada e decodificada dos textos da Nova Escritura. E deixa de envergar a hegemonia dos velhos conceitos bíblicos do geocentrismo. Já não é tida e havida por única residência de seres inteligentes. E por força não estão brincando os cientistas que gastam tempo precioso,

muito dinheiro e que cansam a paciência no afã da investigação dos sinais de vida inteligente além dos Espaços. Mais próximos dos cientistas está exatamente o Espiritismo. Ou vice-versa.

Certo que é preciso muito cuidado com tudo isso. O que já se escreveu de fantasioso a respeito é de admirar. Nomes famosos assinaram descrições não confirmadas... Videntes e sonhadores nem se contam. Nem porque isso seja um fato, outro é o caminho. Cuidado e paciência são necessários. O que a respeito nos falam os Espíritos que reputamos sérios não tem nada de espetacular, mas de cabimento. E por aí que se pode trilhar. Não se trata de descrições de vida em outro planeta. Mal entendemos quando nos falam da vida espírita ainda no âmbito da psicosfera terrestre...

Enumeramos, em resumo, pelo menos o que seriam cinco noções que podem nortear o nosso raciocínio. Elas são tiradas das afirmações constantes de "O L. dos Espíritos", de "A Gênese" e de "A Caminho da Luz". Seriam elas: 1° - Os Espíritos não estão ligados indefinidamente a um mundo, nele não passam obrigatoriamente por todas as fases de progresso até à perfeição. 2° - Não precisam os Espíritos passar pela fieira interminável dos mundos, mas pelo correspondente a cada grau de sua evolução. Em cada um deles ocupará situações diferentes e somará experiências. 3° - Os mundos por sua vez também progridem, com o progresso de sua humanidade, mas haverá sempre retardatários, recalcitrantes no erro, que o novo estágio evolutivo não mais comporta. 4° - Os recalcitrantes, embora com bons níveis de conhecimento, podem então sofrer de decesso provisório. Levam o progresso

adquirido a mundos primitivos, impulsionando o progresso das populações primitivas e a si próprios beneficiando pelo sofrimento e pelo trabalho. 5* - Espíritos devotados ao Bem podem imergir em mundos atrasados em missão de auxílio sem a condição de degredo.

Ora, dir-se-á, trocaria o Espiritismo o Inferno dos pagãos, e que a Igreja levou de herança, por esse outro tipo de castigo? Menos mal, todavia. Mas o que se deseja passar aqui, porque predomina como princípio divino, é não bem o castigo, mas a solidariedade. Aqui a oportunidade de progredir e de fazer progredir dignifica o processo. Na idéia do Inferno e das penas eternas não existe o sentido da recuperação nem do auxílio de ninguém.

Quais seriam os elementos de substancialização da tese? Ela explicaria alguma coisa mais? Perfeito. Ela explica lendas como reminiscências. Ajusta afirmações que sem ela ficariam sem cabimento, no rol dos dogmas que muitos aceitam porque é proibido não aceitar. Adão passa a ser o símbolo de uma raça, a raça adâmica.

E é por isso que ele, o pretense primeiro homem, encontrou cidades e sua descendência encontrou mulheres com quem coabitar. Era uma raça não autóctone, que veio trazer um surto de progresso ao homo sapiens. O pecado original não tem nada de fantasia do Éden. Era a lembrança da culpa, do pecado que originou o degredo. E a lenda deixa entender em seu simbolismo que era sobretudo o da luxúria. Aí se enquadra a idéia da queda dos anjos rebelados. Ora, bons que fossem, não se poderiam tornar maus, rebelados, porque em seu nível de progresso os anjos estão em plena harmonia com Deus.

Rebeldes os Espíritos, embora o progresso intelectual, caíram nas malhas do degredo como um imperativo de ajuste. As saudades do mundo que deixaram formaram o quadro do paraíso perdido. E é por isso que se diz ainda dos deuses que desceram em tempos idos, realizaram a miscigenação das raças humanas e desapareceram.

E fica então a pergunta: estaria a Terra caminhando hoje em dia para um próximo processo de expurgo? É o que deixa entender a questão 1019, exatamente a última de "O L. dos Espíritos". Uma longa dissertação de São Luís. Um expurgo à vista. O que não significa nenhuma hecatombe, mas um trabalho de seleção em curso. E será então que os mansos e pacíficos herdarão a Terra, um mundo que terá passado para a fase da regeneração. Promoção que poderá ocorrer por todo o decorrer do próximo milênio, ao que podemos supor. Porque a Lei do Progresso abrange os seres inteligentes e os mundos no Infinito.

O PASSADO CULPOSO

Perdoem-nos, como exceção, um testemunho de caráter pessoal. Relutamos em juntá-lo aqui, mas vale o exemplo como tal. É uma experiência interessante quanto ao que significa o passado culposo.

Estávamos há muitos anos assistindo a uma pequena reunião familiar em modesto círculo de trabalhos, com muito poucas pessoas, em ambiente reservado à prece, eis se não quando certa entidade se manifesta e nos fala; a nós, ou porque não, ao nosso amigo Alberto Rosas Vianna, também presente, pois se dirigia ao *"amigo Alberto"*. Tanto que, intimamente, os dois tomamos a mensagem como dirigida respectivamente ao outro. E o que informava era mais ou menos isto, são nossas as palavras: - Dentro de uns quinze dias V. irá rever, reencarnado, em expiação dolorosa, alguém que fora um particular *amigo* do passado, da existência anterior. Eram jovens companheiros, em boa posição social, com a diferença de que V. já aceitava a Doutrina Espírita. Nosso amigo tornara-se pai de uma menina, negando porém à mãe e à filha o amparo da paternidade responsável. Inúmeras vezes V. lhe fez apelos no sentido de reparar a falta, a que ele jamais

aquiescera. Justo porque tudo tomáramos como se dirigido ao homônimo, não voltamos a pensar no assunto. Pois, uns 15 dias são passados, e estamos no nosso gabinete de trabalhos no setor de Radiologia do Centro de Saúde quando o auxiliar técnico nos pede a interferência porque um débil mental desejava radiografar o ombro traumatizado após uma queda. Explicamos que o técnico tinha razão, que o setor era abreuográfico, isto é, destinado a chapas de pulmão, mas que nós mesmos iríamos colocá-lo em posição para o exame do ombro. Satisfeito, ele se foi. Cessou o impasse. Causas dessa natureza acontecem sempre, quem não sabe disso? E o incidente ficaria esquecido como tantos outros. Só que... aconteceu... Daí em diante o tal homem não mais nos esqueceria. Inúmeras vezes, não uma nem duas, ao nos ver em algum lugar, ao passar na rua, proclamava em altas vozes: "Ah!, é ele! Este é o doutor que é *meu amigo!*"

Sinceramente, entendemos que isso é próprio dos débeis e desprotegidos, quando recebem alguma prova de carinho. Marca de uma gratidão que se registra em confronto com a indiferença da sociedade em geral. Não entendemos nesse '*amigo*' mais do que isto. Seria natural que assim fosse, embora nos causasse constrangimento essa distinção pública.

Soubemos depois que o homem prestava pequenos serviços domésticos e, certa feita, foi cortar lenha exatamente para família vizinha. Ainda não havia a esse tempo tantos fogões a gás na cidade, eram poucos. Aproximamo-nos e, porque nos reconhecesse logo, falou-nos particularmente. Disse-nos que muitos o julgavam um espúrio, um "porcaria

qualquer", mas que em absoluto não era verdade, pois ele era filho de pai e mãe casados direitinho, filho de família, sim senhor. Seus pais seriam fazendeiros, gente boa. Mas os vizinhos que alugaram os seus préstimos e que lhe conheciam a origem nos disseram, sem molestá-lo, que ele era de fato *ilegítimo*, sendo este exatamente o motivo de todo o seu drama íntimo, com que não se conformava, uma idéia fixa.

Creiam-nos, por favor. Só aí e então, só então mesmo, é que ligamos as antenas, como se costuma dizer, pouco atilados que somos na verdade. Descortinou-se-nos na lembrança com suficiente nitidez a revelação que havíamos tido. Era para nós, afinal de contas, aquele aviso, não restava mais dúvidas. Ajusta-se tudo sem tirar nem pôr.

Passam-se muitos anos. Tudo isso se deu quando residíamos em Campos, nossa cidade natal, nos anos 50 a 60 aproximadamente. Mudamo-nos, nunca mais vimos o nosso *amigo*. Ficou a lição.

AS MUITAS MORADAS

Não se trata de uma afirmação originariamente dos Espíritos ou dos espíritas, foi o Cristo quem asseverou: "Há muitas moradas na Casa de Meu Pai". E insistiu: "Se assim não fosse Eu vo-lo teria dito".

É preciso lembrar que àquela época, para todos os efeitos, a Terra era o centro do Universo, estando acima dela o Céu e abaixo o Inferno. Não teria sido muito fácil entender tal afirmativa dentro do que poderia o homem comum conceber. Até mesmo a esfericidade e a possibilidade de existirem terras do outro lado nem sequer seria de compreender-se. É bem verdade que filósofos jônicos, muito antes da era cristã, já se preocupavam com a origem e formação da Terra e muito provavelmente antes deles certas hipóteses fantásticas a respeito estivessem no ar. Anaximandro e depois Anaxímenes admitiram a pluralidade dos mundos, enquanto Anaxágoras já se referia ao movimento dos astros e explicava os eclipses da Lua, antecipando-se inclusive à idéia da força gravitacional enunciada por Newton. Tales admitia a esfericidade da Terra. Pitágoras, os movimentos de rotação e de translação. Eram eles precursores, mas as suas idéias não chegavam ao con-

senso geral. Nada de admirar, quando até ainda hoje sistemáticos seguidores de textos bíblicos se recusam a aceitar a evolução das espécies...

O avanço da Ciência, ampliando a exploração do Universo, a partir da luneta de Galileu até, hoje em dia, o envio de naves interplanetárias e os ultratelescópios, a par dos estudos da Física e da Astronáutica sobre a origem e a vastidão do Espaço Cósmico não deixam dúvida das moradas celestes. Sábios e não místicos, pesquisas idôneas e não suposições metafísicas ou ficção científica, estão estabelecendo, por uma questão de bom senso, que devem existir mesmo outras humanidades nesse colosso imensurável das galáxias que se movimentam no Macrocosmos com a mesma segurança e muito provavelmente obedecendo às mesmas leis gravitacionais que se encontram na estrutura dos átomos. Investigações sérias dos astrônomos e físicos utilizam verbas portentosas e estão sendo dirigidas no sentido de um diálogo interestelar. Dessa forma não há como fugir ao reconhecimento de que há boa lógica na palavra dos Espíritos que instruíram Kardec dizendo de outros mundos habitados e estabelecendo categorias entre eles.

Dir-se-á que os seres inteligentes progridem moral, intelectual e tecnologicamente enquanto os mundos em função deles, de modo a tornar a vida mais agradável e protegida. Aqui o Espiritismo, acrescentando ao ensinamento seguro do Cristo, e em apoio do mesmo, traz um conceito complementar, o da progressão dos mundos. Diante dos desacertos humanos, isso pode parecer irreal, fantasioso, mas no cômputo da História, apesar de tudo que vem acontecendo, há de sentir-se

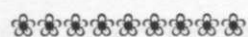
uma caminhada lenta no sentido do progresso. Porque atrasados, andamos devagar.

Justifica-se que o assunto ocupe a obra "O Evangelho segundo o Espiritismo" no que respeita ao ensinamento do Cristo. Mas vê-lo-emos tratado nas outras obras básicas. E naquela citada ainda se explica: "Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser interpretadas pelo estado feliz ou infeliz dos Espíritos na Erraticidade (...)". Estas também são, portanto, diferentes moradas, embora não localizadas nem circunscritas". Nesse caso, céu e inferno são estados ou condições, não propriamente regiões fixas e delimitadas. Embora existam faixas umbralinas na vizinhança do nosso globo como simples extensão da psicosfera terrestre. E outras faixas e construções ideoplásmicas destinadas a intenso trabalho preparatório. De certo, os telescópios em vão tentariam descobrir esses pousos ou colônias espirituais denunciadas mediunicamente. Mas já estão sendo reconhecidas nas transmissões em vídeo nas chamadas "transcomunicações instrumentais" recentemente obtidas na TV.

De toda sorte, geograficamente, a Terra deixa definitivamente de ser o centro do Universo para se tornar um ponto obscuro na Imensidão, sem nada que a destaque na obra da Criação. O plano divino é majestoso. E mesmo comprovando tudo isso o homem é esse orgulhoso, gabando as suas grandiosas descobertas, sua posição na escala animal, seu gênio inventivo, sua audácia na pesquisa. Sem atinar que essa grandeza, até aonde haja chegado, é um átimo têmporo-

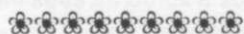
espacial no caminho do progresso intermínio do Espírito, partícula inteligente criada por Deus.

No encadeamento lógico do estudo do Espiritismo harmonizam-se conceitos como o da progressão dos Espíritos e o da progressão dos mundos; da pluralidade das existências com a pluralidade dos mundos habitados. Numa rápida citação, sugerindo a busca do desenvolvimento feito na Codificação, tão seguramente exposto, lá se diz que há mundos inferiores, iguais e superiores à Terra, que é naturalmente o nosso ponto de referência. Classifica-os em mundos primitivos, o das primeiras encarnações da inteligência humanizada; de expiação e provas, como atualmente o nosso, e é tão fácil verificar a exatidão com que ele assim se coloca; mundos regeneradores, a cuja condição aspiramos; felizes, onde o bem supera o mal, note-se que este ainda está presente; mundos celestes ou divinos, onde reina o bem. E se explica que não há ainda aqui nenhum privilégio mas o fruto de árduas conquistas. Daí se justificar todo o esforço para a ascensão a condições melhores, tanto física como moralmente. Fazendo-se por progredirem as pessoas, a sociedade, as comunidades, as nações, sucessivamente trabalharemos para o progresso geral da Humanidade. E no crisol do sofrimento reparador. Resta considerar que nada obstante a nossa teimosia e sem detrimento do respeito ao livre-arbítrio de cada um, imensas falanges do bem diligenciam em nosso benefício pacientemente esperando que nos cansemos dos erros e nos resolvamos a reconsiderar o caminho. Uma paciência sem limites, sem dúvida alguma.



SEGUNDA PARTE:

DIGRESSÕES FILOSÓFICAS



COSMOVISÃO ESPÍRITA

A curiosidade legítima, a indagação constante, a busca dos grandes porquês ou dos grandes enigmas da Vida, face à realidade em que o homem se descobriu envolvido, logo assumiu a Razão, deram-lhe respostas que em cada época o satisfaria, verdades provisórias com que conviveu. Verdades sim, muitas vezes, posto que veladas dentro da relatividade a seu alcance. Adivinhou leis que não apenas mecânicas. Sentiu que não era senhor absoluto, que algo havia superior a ele próprio, impondo-lhe adversidades, pelo menos. Então, atribuiu qualidades a seres que não via; atributos a forças diretivas. Estaria procurando, portanto, de alguma sorte, a causa causarum de tudo. Nisto, sob certa forma, pressentiu Deus como lhe foi possível. Hoje a Filosofia Espírita no-Lo apresenta com a magnitude suprema, como a suprema Inteligência criadora, compreendendo-o em seus atributos e sobretudo inaugurando uma nova maneira de O sentir, fugindo ao clássico e vicioso antropomorfismo. Lá está em "O Livro dos Espíritos" a célebre questão número 1: "Que é Deus?"

A visão do mundo ampliou-se de Ptolomeu a Copérnico; deste, passando por Galileu, aos nossos dias, quando a Terra

tenta entrar em contato com inteligências de outros sistemas no descomunal continente galático. Ora, a Bíblia e mesmo o Cristianismo se ressentem das velhas crenças e teorias do geocentrismo. O Espiritismo, sem fugir ao Cristianismo, antes restaurando-o, acompanha também aqui o avanço da Ciência porque tem na Filosofia leito suficiente para caminhar com ela e largueza de horizontes para fazê-lo. Tem para isso autoridade por projetar a luz que identifica os contornos de uma realidade antes mal pressentida, hoje evidente. Quem no-la trouxe foram os Espíritos, que já falavam aos homens e hoje o fazem com desenvoltura, recapitulando aspectos de velhas filosofias, como as de Sócrates e Platão.

A autoridade está na universalidade dos ensinamentos, na coerência dos raciocínios, no princípio da concordância com que pode escoimar-se de adaptações espúrias. Ainda: na marcha inexorável dos fatos e da Ciência, ao encontro de suas afirmações. Inventem-se nomes, estabeleçam-se sistemas, ressalvas; criem-se sofismas e ponham-se em guarda os descontentes: a verdade, pelo que ela é, sobreviverá.

Não fica, porém, o Espiritismo na grandeza espaço-temporal. Identifica não apenas o que se chama hoje em dia de universos paralelos. Descobre que as mesmas leis naturais regulam o Universo moral em que concomitantemente vivemos.

É no roldão das transformações incessantes dos mundos e dos seres que o princípio inteligente se individualiza e eclode à luz da razão, continuando a percorrer os Infinitos dos tempos e dos espaços.

Temos, assim, a mais avançada concepção compatível com o estado atual dos conhecimentos humanos sobre o sentido e o ritmo de evolução dos seres e dos mundos, dizendo bem melhor da grandeza imensurável do Criador do Universo e de suas Leis. Esta é a que chamamos cosmovisão espírita, panorâmica, intemporal.

Muitas das grandes conquistas que embasam e estruturam o conhecimento científico nesta era da tecnologia podem encontrar o seu germe em idéias bem antigas. O homem moderno, tão cioso de suas vitórias, de seus avanços, não pode negar isso, não pode deixar de reverenciar seus antepassados, que lhe abriram as primeiras clareiras que anteciparam, nos domínios do Saber, as grandes estradas que hoje percorre. O que hoje em dia é pura ciência terá sido ontem especulação filosófica muita vez, trazendo conceitos mais ou menos vagos, mais ou menos precisos, mais ou menos aceitáveis, mas testemunhando um esforço em busca da compreensão das cousas, encerrando em sua essência, em seu bojo, o que diríamos a idéia-germe. É o gradualismo com que a luz penetra a razão, sem que a deva ofuscar, providencial portanto. Naturalmente, os gênios que as conceberam, ou que intuitivamente as receberam, não puderam ser mais explícitos face aos estreitos limites da compreensão à época, ou mesmo aos escassos recursos de manifestação, como da própria linguagem. Assim, quando se desintegram átomos e se chega afinal à energia de que são formados, não há como fugir à lembrança os filósofos Leucipo e Demócrito, que de alguma forma os anunciaram ao mundo buscando compreender a

origem da matéria, pouco importa que os considerassem então como partículas indivisíveis.

Literalmente, filósofo é o amigo do saber. Filosofia, em nosso entender, é uma síntese de conhecimentos e concepções sistematizadas, direcionando o comportamento humano. Pode-se falar em Filosofia educacional, política, religiosa e assim por diante, mas não se pode prescindir de uma lógica, que a sustenta, e de uma ética, que a resguarda. Nem esquecer que ela induz a um questionamento, conduzindo-nos a um terreno que se dirá ulterior ou, se o quiserem, metafísico.

Ora, no prisma de visão de todo o conhecimento humano esses serão sempre os ângulos ao nosso alcance, o da Filosofia, o da Ciência e o da Religião. Fácil identificá-los no que diz respeito ao conhecimento espírita. Fácil identificar no Espiritismo aqueles elementos que lhe garantem o sentido fundamentalmente filosófico, dentro desse tríplice aspecto a que não podemos fugir. Senão, vejamos. Idéias básicas, como as de uma vida futura; de uma Justiça que premia e que cobra pelos nossos acertos ou pelos erros praticados; da sobrevivência e da transmigração das almas; da presença de forças inteligentes interferindo na vida dos homens; e outras que tais, tomaram, na Revelação Espírita, uma nova feição, novos contornos de definição, uma projeção nova em que a razão se assenta confortavelmente. Não mais os milagres. Não mais os deuses ou a ira do Pai; não mais a regressão à forma animal...

Ao tempo em que a Ciência avança esquadrinhando, absorta, os Espaços, a vastidão dos Infinitos no Macro e no Microcosmos, procurando desvendar os segredos da vida física e até mesmo manipulá-los, a Revelação Espírita, confi-

gurando uma Doutrina filosófica de dimensão científica e conseqüências éticas, morais, religiosas, pode oferecer-nos a visão transcendente da vida espiritual. E - curioso - seria a Física, até aqui fria e fleugmática, que incorporou a própria Química à sua área, aquela que iria, embora a contragosto, avizinhar-se do Espírito, estremecida com a evidência, sem muita coragem ainda de confessá-lo... Pouco importa. Certo é que, já o disse Kardec: "As descobertas da Ciência glorificam a Deus ao invés de rebaixá-lo; só destroem aquilo que os homens construíram a partir de idéias falsas que fizeram de Deus".

Doutrina dinâmica, abrindo amplos horizontes conceituais, à medida em que o homem avança, aí está com ele a mensagem espírita, penetrando com novas luzes os meandros da indagação, seja no campo da ciência e da filosofia e consubstanciando as superiores noções éticas da Vida.

ESPIRITISMO: ESTÁGIO SUPERIOR DA FILOSOFIA

O pensamento, todos sabemos, nos leva muito além da fria percepção da realidade que nos fornecem os sentidos, permitindo que atinjamos o terreno fértil da imaginação. E não se trata de simples divagações ou de arroubos de poesia, antes e sobretudo ensejando perscrutar a origem dos mundos e das cousas, a essência da vida. Especulamos sobre forma e substância, sobre concreto e abstrato, para logo buscarmos um finalismo em tudo isso. Na verdade, flutuam os pensamentos e as correntes filosóficas nas indagações, em ânsias de ver e de não ver, de sentir e de não sentir o que seria uma realidade última, conseqüente, inapelável, a imortalidade da alma como partícula inteligente, sua sobrevivência e eternidade. Esse, o aspecto importante, a imortalidade, que nos leva então a conceber o que seria e como seria a vida futura.

O materialismo negativista que volta e meia toma corpo, como nas investidas guerrilheiras, e pelo qual a alma seria simples princípio de vida orgânica sem existência autônoma, tem por aliados os setores mais endurecidos da ciência acadêmica. Por outro lado, embora reconhecidamente ético, o positivismo, com Augusto Comte, proclamaria o reinado exclusivo da Ra-

zão, abolindo quaisquer ordens de pensamentos metafísicos, por indesejáveis. A Razão a serviço de idéias próprias, as suas... Adiante, pretensamente científico, o materialismo dialético com que Marx manipulou o idealismo hegeliano para transformá-lo em doutrina política. E outros surtos passageiros, como o do existencialismo ateu e pessimista de Sartre, originário da França. Todas as idéias materialistas pecam por antinaturais, representando o esforço com que a inteligência humana se rebela ante um poder mais alto, expresso em Leis soberanas, insistindo na vã tentativa de desconhecê-las...

Vejamos agora o outro lado. Já na velha escola animista seria a alma o princípio dos fenômenos vitais e estaria presente até mesmo nas cousas inanimadas. Talvez se pudesse dizer que expressões como esta - "alma da Terra" - provenham desses conceitos... No feiticismo, embora de forma grosseira, não se pode desconhecer a evidência de um plano imaterial de onde proviriam as forças, de alguma forma metafísicas, que manipula nos seus rituais. O paganismo atribuía aos deuses qualidades e paixões humanas, comportando noções de uma vida futura, que iria das delícias do Olimpo aos suplícios do Tártaro. Admitia favores e proteção dos deuses. Todas as religiões monoteístas nos falam de uma vida ulterior em esferas extraplanetárias. O budista espera pelo imobilismo do Nirvana enquanto muitos cristãos se aproximam dessa esperança augurando a chamada paz eterna, contemplativa, para os eleitos, aos pés do Criador. Ora, o de que Cristo nos falou foi de um Reino e não se constrói um reino apenas de criaturas contemplativas... Há extremos conceituais no Idealismo, por exemplo, chegando-se ao ponto de ignorar o mundo físico.

Acontece que se fala hoje em dia de matéria como condensação de energia e na faculdade de formação ideoplásmica, não se podendo deixar de estabelecer aí uma certa correlação pautada na relatividade dos termos. Mais adiante encontraríamos a doutrina panteísta, que tem Spinoza como seu maior representante. Segundo essa corrente, Deus e Universo comporiam um Todo. Deus seria efeito e não causa. Fragmentos que seríamos da inteligência universal imergiríamos nesse Todo e dele emergiríamos para a vida física. Deus seria não o Criador mas a vertente onde se conjugariam todas as inteligências, assim portanto mutável consoante o progresso. Difícil aceitar-mos que uma obra, por mais prodigiosa, fosse ela própria o seu artífice. A idéia de absorção da individualidade no Todo com a morte física como se fôssemos gotas d'água no oceano da existência não nos levaria a melhores caminhos que a tese do niilismo.

Por tudo isso é que voltamos a Kardec para ouvir dos Espíritos a questão primeira de seu livro básico, no qual explicitamente foi dito que Deus é a causa primária de todas as cousas. A anterioridade e a sobrevivência da alma, a integração de cada ser, de cada indivíduo, do princípio inteligente, dentro de suas conquistas alcançadas, num sistema de vida ulterior, tem a virtude de ser intuitiva, lógica, de responder satisfatoriamente à grande inquirição do espírito humano. Então entenderíamos a expressão de enfado de certo psiquista que Denis cita sem nomear: "O Espiritismo, que devia ser uma ciência no seu início, é já uma filosofia imensa para a qual o Universo não tem segredos". E é Delanne que nos dirá, em suas conclusões, em "A Evolução Anímica": "- A

matéria é cega; o Espírito é a única realidade pensante. A reencarnação é a conciliação lógica de todas as desigualdades intelectuais com a Justiça de Deus. O que denominamos forças nada mais é que manifestações tangíveis da Inteligência universal."

Concluiríamos por considerar dois estágios definidos no que diz respeito às idéias da vida ulterior, desde que inegável: o que se encontra nas filosofias de todos os tempos e na crença de todos os povos, ora revestido do caráter de revelação, de doutrina ou de dogma; e o que compõe um só e harmonioso sistema comprovado pela lei de concordância e pela experimentação. Sem trazer em si uma novidade propriamente, é o justo equilíbrio entre muitas outras, sem renegar a Ciência e sem menosprezar a Religião. É a Filosofia Espírita.

PRIMÓRDIOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Religiões e filosofias buscaram em todos os tempos atender às inquietações da alma humana, dentro das respectivas limitações. Bramanismo, Zoroastrismo, Budismo... Filósofos da China lendária, como Fo-Hi, Lao-Tsé, Kong-Fo-Tsé, Meng-Tsé. "A Caminho da Luz" menciona a "cristalização" das idéias chinesas milênios antes do Cristo.

Velhas filosofias, já não tão velhas assim, procuram entender cada uma a seu modo as origens das cousas, do homem, do Universo, embora não houvesse a noção da anterioridade da Criação Infinita em relação à da própria Terra. Referimo-nos aqui às chamadas civilizações pré-helênicas (sumeriana, caldaica, babilônica, persa, egípciana, fenícia, etc) para as quais, de um modo geral, tudo haveria partido de um caos primitivo, certamente aquoso; passou-se de um dado momento das trevas para a luz. Esse pensamento está contido em Homero e em Hesíodo, de envolto à Mitologia, mas que irá projetar-se na Bíblia (Gênesis: "O Espírito do Senhor era levado sobre as águas..." "Que as águas produzam animais viventes que nadem, e pássaros que voem..."). O que ficou de certa forma assentado é que a vida proviera da água,

ou em seu seio se iniciara. E essa idéia se refletirá nas palavras do Cristo: "Quem não renascer da água e do Espírito..." 'Nascer da água' exprime o aspecto físico da vida, a vida na matéria.

Já faziam alguns filósofos a idéia de que o mal acarreta culpa e de que uma Justiça imporia sanções e premiaria boas obras. Para Heródoto, o "Pai da História", acreditavam que a vida corpórea representaria uma forma de expiação. Nota-se que já havia lugar para a noção da alma distinta do corpo. E a da transmigração, ainda que de uma forma primitiva, viciosa, a da metempsicose, embrião da verdade maior, a metensomatose.

Muito de relance, apreciemos algumas idéias de antigos filósofos gregos, que foram numerosos. Tales, 600 antes de Cristo, entendia que a alma, como potência divina, penetra o elemento úmido, impondo-lhe vida e movimento. De certa forma, a vivificação da matéria, antecipando-se à noção do princípio vital nosso conhecido.

Notável, Anaximandro: A Terra seria redonda, a Lua refletiria a luz do Sol, existiriam infinitos mundos a enormes distâncias. As espécies evolveriam para novas formas. Haveria uma "protocousa", ápeiron, sem forma, sem limites, sem contornos, capaz de transformar-se nas cousas conhecidas. Guardadas as distâncias, essa idéia algo nos fala do Fluido Cósmico Universal.

Coube a Heráclito a célebre sentença que se tornou conhecida por adotada pelo grande Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo". Pois Heráclito atribuiu ao fogo a origem de todas as coisas. Ora, se há algum cabimento na idéia de a origem da vida, dos seres vivos relacionar-se à água, não há absurdo

formal em que a origem de todas as coisas venha relacionar-se ao fogo, senão, vejamos: O Sistema Solar derivaria da primitiva massa ígnea. Por outro lado, se substituirmos fogo por energia, reconheceremos que a matéria é a energia condensada...

Pitágoras, 500 A. C, fala da alma como princípio inteligente. Crê na imortalidade e na transmigração. Conhece os movimentos da Terra, os planetas, os cometas.

Para Empédocles a morte não é o fim, mas simples desagregação da forma. Diz que não há vazio no Infinito. E isso se encontra na questão 36 de "O L. dos Espíritos".

Anaxágoras, impressionado com a ordem no Universo, admitia um Espírito ordenador, uma Inteligência superior, que chamava "Nous". Estaria, se pudermos assim dizer, antecipando-se ao monoteísmo. O Sol seria um corpo inflamado, enorme, pelo menos do tamanho do Peloponeso. Absurdo para a época e isso lhe custou severa punição.

Demócrito, discípulo de Leucípo, precursor da Teoria Atômica, admitia múltiplos sistemas planetários. E o Cristo nos dirá: "Há muitas moradas..." Pregava igualmente o Bem sem remuneração.

Com Sócrates e Platão a filosofia ascenderia a elevados patamares, como veremos oportunamente. Mas, dos antigos, restaria uma referência a Aristóteles, filósofo profundo e fecundo, mas que todavia contestou a noção das idéias inatas, de Platão.

O que se pode vislumbrar neste passeio ligeiro pelo mundo dos filósofos e pensadores do passado distante, é que desde os primórdios do pensamento filosófico, podemos per-

ceber raízes profundas do ideário espírita e da confirmação científica em termos de cosmogonia.

Muitos outros se notabilizaram. Mas os que estão citados dão bem a idéia do que se quer.

PRÓDROMOS DO IDEÁRIO ESPÍRITA

Porque se recusasse a aceitar o título de fundador, mas antes aquele de Codificador da Doutrina Espírita, o mestre lionês nos dá inequívocas provas de bom senso, de equilíbrio, de isenção, características que lhe ornaram a personalidade austera e admirável, sem que isso possa minimizar, de forma alguma, os méritos que lhe são devidos. De fato, sua gigantesca tarefa haveria de coroar-se como um novo marco do pensamento humano, mas não que necessariamente trouxesse uma novidade em si mesma, desde que se possa, como realmente se pode traçar os caminhos prodrômicos do ideário espírita. Um corpo novo de Doutrina, novas as palavras que iriam identificá-lo; não tanto o conhecimento, até então disperso, que tomaria forma, estrutura, alinhamento teórico e prático. E sobretudo se submeteria a uma filtragem responsável, com que se apresentaria depurada e harmônica. Um todo. Tarefa que os Espíritos Superiores, em nome do Cristo, confiariam a um sábio, na extensão do termo.

Enumeremos alguns vultos da fase preparatória.

Emmanuel Swedenborg, o vidente sueco que viveu de 1688 a 1772, tornou-se autoridade, em seu tempo, em Física,

Astronomia, Metalurgia, Zoologia e Anatomia. No campo do Espiritualismo teve acertos e equívocos, em que pese a significação de sua obra. Afirmava a comunicação dos Espíritos, embora considerasse arriscado exercitar a faculdade; a atração dos semelhantes: por nossas qualidades e defeitos reunimo-nos onde se encontram os que se afinizam conosco; o homem leva, como Espírito, a personalidade que possuía, de sorte que não há anjos ou demônios na acepção clássica, mas Espíritos em diferentes condições evolutivas; na vida espírita há trabalho e não ociosidade; o chamado fogo do Inferno não passa de alegoria, correspondendo ao fogo das paixões. Lamentavelmente, o grande vidente não assimilou a lei da reencarnação, para ele a sorte do Espírito estaria selada com a morte do corpo. Todos nós herdávamos, ao nascer, a maldade inerente à espécie humana... E o que lemos em "Evolução para o III Milênio", do erudito Prof. Carlos Toledo Rizzini. Deixou uma grande bagagem com obras notáveis, como "Arcana Coelestia", "Céu e Inferno", "A Nova Jerusalém". Viria o Espírito a ser o guia espiritual de Davis e de Cahagnet, adiante citados, e assinaria com outros luminares a própria Codificação.

Mais tarde, entre os anos de 1796 e 1800, surgiram as célebres cartas de João Gaspar Laváter à Grã-Duquesa russa Imperatriz Maria Feodorawna. Extraordinária antecipação das verdades consoladoras, incluindo a comunicação espírita, em que se assentam as narrativas. Menciona, nos planos etéreos, algo correspondendo ao ambiente físico nosso conhecido. Assim, uma comunicação que transcreve episódio ocorrido em regiões superiores elucida: "Paramos ao pé de uma fonte..."

Reunimos, das cartas de Laváter, condensando-lhe as notícias, os tópicos seguintes: Existe um **corpo espiritual** apropriado à natureza ou ao adiantamento do Espírito (embora lhe parecesse extraído do corpo material); perturbação post-mortem; separada do corpo, a alma apresenta-se tal qual é, na realidade; a morte física, por si mesma, não a modifica; o egoísmo produz a impureza da alma e acarreta sofrimento; colhe-se o que se houver plantado (lei das conseqüências); tudo que se assemelha tende a reunir-se, de sorte que pertenceremos à sociedade dos que semearam o Bem, se for o caso (lei das afinidades). E tem mais: como Espírito imortal imaginemos a vergonha que sentiremos diante de apetites menos nobres que conservemos, de viciações... Lêem-se estas cartas em português por incluídas na obra "O Porquê da Vida", de Leon Denis.

Andrew Jackson Davis, norte-americano, viveu de 1826 a 1910, portanto alcançou o início deste século. Tinha 31 anos quando Kardec, aos 53, lançou em Paris "O L. dos Espíritos". Pois, a 31/03/1848 teria recebido mediunicamente notícia de fatos que marcariam a revolução do pensamento filosófico; pela coincidência de datas, só poderia referir-se aos acontecimentos de Hydesville. Sensitivo e médium, fez considerações que o classificam entre os profetas da "Nova Revelação". Escreveu inúmeras obras, como "L dos Espíritos", em 1848, diz-se que em 5 volumes. Em 1863, em desprendimento, visitaria uma cidade e nela uma escola de jovens, no Plano Espiritual.

Outro nome igualmente citado é o do francês Jean Reynaud, que viveu de 1808 a 1863, tendo publicado em 1840

a obra Terra e Céu'. Nela afirma o progresso infinito do Espírito, defendendo a tese da Reencarnação. Kardec exalta o esforço de eloqüentes precursores do Espiritismo e cita Charles Fourier, Pierre Leroux, Louis Joudan e Jean Reynaud, os quais chegaram à teoria reencarnacionista. Reconhecia que muitos escritores semearam através de suas obras, talvez sem plena noção disso, as idéias espíritas. É o que se encontra em "Allan Kardoc", de Thiesen e Wantuil.

Outro destaque, na França ainda, é a presença de Louis Alphonse Cahagnet. Passaria de simples magnetizador a líder de um movimento filosófico preocupado com as relações entre encarnados e desencarnados, separação da alma e do corpo, vida e pensamento dos Espíritos, livre-arbítrio, importância da prece e assim por diante. Também descreveu cidades espirituais e diversificadas ocupações dos Espíritos. Em 1847 publicou "Arcano da Vida Eterna", sendo autor de várias outras obras sobre magnetismo e sonambulismo.

O movimento espiritualista ou neo-espiritualista, notadamente nos países de língua inglesa, resultam de composições ideológicas de valor inestimável, mas que se formaram à parte, desconhecendo, por bem dizer, a Codificação, e a obra de Conan Doyle deixa perceber isso. Impondo-se por seu corpo de doutrina e por sua lógica, o Espiritismo acabou por merecer, nos dicionários da língua inglesa, o termo todo seu, "Spiritism".

Há uma propalada divergência de escolas no que se refere especialmente à Reencarnação. Delanne confirma a "aversão de raça" e Imbassahy enumera, dentro da volumosa bibliografia anglicana, textos em que, até mesmo a despeito do pensamento dos médiuns, as personalidades comunicantes

entram incidentalmente no assunto, afirmando a palingênese. Veja-se o capítulo "A Reencarnação na Inglaterra", na obra "A Evolução". Será o que também aconteceu a Edgard Cayce, sonâmbulo norte-americano. Aceitou a verdade pela constância com que os Espíritos, por seu intermédio, referiam-se a ela.

A verdade, como tal, independe de crença.

RAÍZES PROFUNDAS DO PENSAMENTO ESPÍRITA

De certo, as grandes verdades são por natural eternas e imutáveis, por princípio de ordem. A visão que delas nos é dado contemplar varia com a própria capacidade de assimilação e de percepção. E sofre ainda as distorções causadas pelos tabus e preconceitos a que nos afeiçoamos por tradição.

Sempre aconteceram rasgos de coragem por parte dos que emitiram pensamentos discordantes dos conceitos estratificados, precursores das grandes revoluções do pensamento, e os exemplos são muitos. De passagem, Galileu pagaria caro as afirmações científicas em apoio às suas visões filosóficas da vida cósmica e Giordano Bruno fala igualmente de um Universo ilimitado, de uma vida infinita, da pluralidade dos mundos habitados, exaltando a prática do Bem e da Verdade, e sucumbe por ela.

Sócrates, porém, juntamente com o seu maior discípulo, Platão, ocupam lugar de honra na condição de precursores do Cristianismo e do Espiritismo, conforme textualmente se lê em "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Comete ele - e paga igualmente com a vida - a grande heresia de sua época, afirmar que há uma Inteligência superior, onipotente, oniscien-

te, onipresente, invisível, mas que se revela por suas obras. Que não há acaso, mas uma ordem no Universo, que é obra desse Ser. Enquanto Platão afirmaria que a alma é imortal, guardando reminiscências do mundo das idéias. Propõe uma aristocracia de valores para dirigir o Estado.

Tentemos resumir o pensamento dos dois filósofos, o quanto possível:

- O homem é uma alma preexistente, que encarnou. Com isso está feita a distinção entre o ser inteligente e a matéria;
- Conservamos reminiscências (de outras vidas, de outros mundos, de outros estágios). É a doutrina das idéias inatas, confirmando a preexistência;
- As almas, quando impuras, erram até que sejam devolvidas a um corpo. Aí a Reencarnação e o conceito de Erraticidade;
- A alma conserva (diremos nós, o Espírito) o caráter, os sentimentos, as marcas que deixou através de seus atos. Os Espíritos são as almas dos homens, não se santificam com a morte física, concluímos;
- Mais vale sofrer que cometer uma injustiça;
- Assim como o corpo volve à matéria, a alma deve ir ao encontro de um mundo invisível e algo imaterial, na medida em que esteja mais ou menos pura. Vida espírita e lei do mérito;
- A divindade se comunica com os homens, em vigília ou durante o sono, através dos "daimons" (ou seja, os Espíritos): Comunicação interplanos;
- O que fazemos de bem ou de mal representa alegrias ou sofrimentos futuros: Lei de causa e efeito, código penal da vida futura;

- A morte só é temível para aquele que viveu apegado às coisas da matéria.

E dessa assertiva Sócrates deu o mais evidente exemplo.

Há uma sentença atribuída ao grande filósofo que se diria discutível: "A virtude não pode ser ensinada, vem como um dom, aos que a possuem". Ora, entendemos que o esforço próprio e os bons exemplos constantes podem fazer com que assimilamos, pela vontade, é certo, os dons da virtude. Tal afirmação, a priori, seria a consagração da doutrina da graça.

Muitos conceitos vivenciados hoje pela Doutrina Espírita, sancionados pelos princípios filosóficos que a sustentam e fatos explicados pela Teoria Espírita encontram-se mais ou menos claros ou velados nas passagens dos tempos apostólicos. Aí estão, por exemplo, os chamados "milagres". E as próprias palavras do Cristo prometendo o Consolador e anunciando o Espírito de Verdade. Mas antes que isso nos viesse na plenitude dos acontecimentos anunciados, nada impediria que o campo fosse preparado e com isso tivéssemos Emmanuel Swedenborg, João Gaspar Laváter, Andrew Jackson Davis, Alphonse Cahagnet, Jean Reynaud e muitos outros. Nenhum deles contudo, por maiores méritos que se lhes atribuam, teria, como o mestre lionês, a missão de integralizar e globalizar a Verdade Cósmica Intemporal.

CONCEITO ESPÍRITA DA CRIAÇÃO DIVINA

Em "O Livro dos Espíritos", na questão 38, encontramos esta pergunta e sua resposta: "Como criou Deus o Universo?" - Para me servir de uma expressão corrente, direi: pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese: - Deus disse: "Faça-se a luz. E a luz foi feita." A fala de Deus é aqui evidentemente uma figura de linguagem bíblica que expressa a Vontade Excelsa.

João inicia o seu Evangelho dizendo: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus". Não faremos aqui nenhum estudo aprofundado do texto escriturístico, não somos dados a tal, mas é possível observar que não se trata de nenhuma maravilha verbalística mas de exprimir a força criadora, como adverte Flammarion. Há o intuito de apresentar o Verbo por princípio criador na plenitude de seu poder (no princípio era o Verbo); como o pensamento e a vontade em que a ação se desdobra, soberana (o Verbo estava em Deus), e se, finalmente, o Verbo era Deus, que teria de haver perfeita identificação, logicamente, entre princípio e ação.

No latim encontramos as palavras cognatas *creatio, onis* (Criação); *creator, orís* (Criador, autor); *Creatrix, icis* (Criadora, mãe). Aí estarão presentes o Criador e sua obra; e ainda a idéia de uma como que instrumentalidade geradora, em cujo seio a obra se realiza, a que a linguagem humana, já a partir do Lácio, atribui, com certa lógica, a condição feminina de criadora ou mãe. E é por isso que se fala de "Mãe - Natureza".

Falar da Criação infinita e da Eternidade não é bem falar dos primórdios da formação da nossa Terra ou do nosso Sistema, em um tempo que, de alguma forma, o homem busca fixar, admitindo fases de formação e consolidação do orbe em que existimos. A preocupação do homem sempre fora muito terra a terra, mesmo quando queria transcender um pouco. Pareceu-lhe que a obra divina fora planificada para servi-lo e basicamente só diviso o pequeno universo físico em derredor... Falar da Criação seria o mesmo que falar da formação da Terra, de uma abóboda estelar para sua contemplação, e assim por diante, tudo nos acanhados horizontes do tempo e do espaço que os sentidos permitem equacionar. Seis dias, e o Supremo Senhor estaria cansado, como qualquer mortal. Como seria pequeno demais o Senhor do Universo!

Dilatemos a nossa visão cósmica. Voltemos ao princípio das cousas e verificaremos, como querem filósofos espiritualistas, que a Criação é bem um segundo momento do processo criativo, aquele em que a Vontade, tornada ação, se realiza.

O Criador não se limitou a criar a substância, a matéria em si, criar a "forma", o que tem dimensões e é ponderável. Antes, um elemento primordial em cujo seio se modelam as formas dos mundos e dos seres, a que damos o nome de

Fluido Cósmico Universal. A Inteligência Suprema haveria de criar ainda o princípio inteligente, o agente atuante a povoar o Universo, o qual princípio, individualizando-se, será capaz, um dia, de pensar e de poder, de ter e de manifestar vontade, auto-realizando-se: - o Espírito. É o que nos diz "O Livro dos Espíritos" na questão de nº 27. Com o substrato da *matéria* e com o primado do *Espírito*, para atuar sobre aquela, eis os elementos gerais do Universo, é fácil sentir que o Pai não teria criado tão-só esses elementos, formando com eles o Universo espacial das formas e da velocidade, em que se equacionam tempo e energia; criaria por força as leis que equilibram por si mesmas a revolução das formas no eterno transformar. Leis de tamanha sabedoria, leis naturais que tomam elas próprias o sentido ulterior da Justiça e do Belo. Dir-se-ia um *outro Universo*, a interpenetrar o das formas, este de substrato moral, onde se situam os valores morais, na medida do amadurecimento do Espírito.

Desçamos um pouco do Infinito dos Espaços e nos observemos a nós mesmos. Costumamos reconhecer que existe em nós aquilo que se chama o nosso mundo interior, consciencial, inter-relacionado com o mundo exterior ou mundo das formas. Somos capazes da idéia, da abstração de admitir pelo menos o absoluto embora vivamos no relativo: de fazer, pálida embora, uma concepção do que seja o infinito, de admitir dimensões além das de nossa realidade objetiva. Temos noções de honra e de ética, de dever, que nos ditam condutas ou que nos levam ao remorso e à reparação, que nos sensibilizam à noção de justiça e de perfectibilidade.

Eis porque consideramos que vivemos no plano físico, o das vicissitudes e da vida corporal, mas também no plano mental, onde a imaginação criadora, usando da faculdade de conceber, de co-criar. O próprio verbo conceber admite as duas acepções, gerar nas próprias entranhas e criar intelectualmente. Foi assim que o homem povoou a sua imaginação, criou deuses e criou mitos. Assim as teogonias: Haveria um mundo espiritual, digamos assim, distanciado de nós, representado por sucessivas esferas de maior grandeza. Citemos o Empírio, o último céu de Ptolomeu, último dos seus 11 céus; seria o lugar da eterna bem-aventurança; para muitos seria o sétimo céu. Menciona "O Céu e o Inferno" que a própria teologia cristã ainda admitia três céus, a saber: a região das nuvens e das tempestades, o espaço dos astros e já agora das plataformas espaciais e dos satélites; e mais além a habitação dos eleitos, contemplando Deus face a face. É o privilégio dos afortunados, o lugar dos anjos e dos serafins. Aqui, a Terra como centro e o antropomorfismo do Criador. Lembremo-nos de que Kardec em sua pergunta de nº 1, em o livro básico da Codificação, já indagava: "Que é Deus?" E foi preciso que se aperfeiçoassem instrumentos de ótica para visualizarmos nos sem-fins do Universo as imensidões galáticas. Foi preciso o astronauta contemplar a Terra da Lua ou dos Espaços para que afirmasse o que já havia dito Flammarion, ou seja, que a própria Terra está no Céu, no Espaço Sideral!

Cabe-nos, finalmente, dilatar as visões do plano mental além dos ainda acanhados horizontes conceituais, para entendermos os relacionamentos interplanos, vibrando e sentindo a conjugação perfeita de todos os planos ou, diríamos, de todos

os Universos. E para tal o instrumento já existe: é o Espiritismo. Ele nos mostra que tudo se interliga em ciclos de progresso e transformismo, assim sob aspecto físico ou espiritual, no que seria o universo das formas e no dos valores morais. Em toda a parte vibração e harmonia nas leis e nos espaços, harmonia e consequência nos planos infinitos da Criação Divina.

CONCEITO DE DEUS E DA CRIAÇÃO

Se há um ponto de divergência profunda, e diremos fundamental, entre as velhas doutrinas milenárias, de um lado, e a Ciência, de outro, e o Espiritismo se enquadra nas modernas concepções quanto à vastidão e às origens sobremodo imemoriais do Universo infinito, esse ponto se reflete necessariamente nas noções que se teve e que se tem de Deus e da Criação. De fato, não foi dado aos antigos sequer conceber a idéia de distinguir a Criação infinita, de toda a Eternidade, e a do pequenino planeta em que habitamos, em priscas eras, mas certamente não coincidentes. E as doutrinas filosóficas e religiosas, todas elas de um modo geral, deixaram-se levar pelos equívocos e pelas tradições, ressaltados alguns lampejos de genialidade rejeitados pelo consenso de sua época. Como a criança mimada que se sente o centro em torno da qual gira o pequenino universo do seu lar, também o homem se julgou o centro do Sistema, a Terra ornamentada de astros a seu redor... Não admira, pois, que se firmassem na Bíblia, como verdades incontestes, as idéias dominantes, dentro do estreito raciocínio que se fazia do Criador e da criatura, do mundo e do Universo. Se porventura nela se inserem simbolismos, há que

aceitá-los pelo menos como tal, não porém como verdades literais indiscutíveis.

Dando a seus deuses, no Politeísmo, qualidades humanas, paixões e fragilidades, heróis das guerras de conquistas, facciosos, difícil seria para logo entender um Deus único sem fugir às paixões e ao antropomorfismo. Por essa razão, o Monoteísmo em princípio, a grande revolução do pensamento, foi ainda um avanço gradualista, não aquele que se poderia imaginar sem maiores exames. Se dermos a Moisés, como lhe é devida, a glória da implantação do Deus único, não esqueçamos, de passagem, a sua estada no Egito e o fracassado esforço do faraó Akenaton.

Cotejaremos conceitos da Divindade na Doutrina mosaica, no Cristianismo das Igrejas e no Espiritismo:

No Mosaísmo há um Deus único, antropomorfo.

Apresenta-se ditador, ciumento, vingativo, sectário, institui a pena de Talião.

Castiga culpados e, nos filhos, inocentes, o erro dos pais. Deve ser temido e obedecido.

Preocupa-se muito com as cousas terrenas. Participa de guerras de conquista, inspira massacres e extermínio, protege o seu povo e os seus exércitos.

Destina as criaturas ao Céu ou ao Inferno após a única existência terrena, conforme méritos e deméritos. E ainda herança do Paganismo.

Grava a fogo um rígido código de moral, que impõe a todos, sob severas penas.

Dialoga com Moisés e é até mesmo por ele advertido. Arrepende-se do que fez.

As igrejas que se organizaram à sombra do Cristianismo distanciaram-se do implantador do Monoteísmo, mas se ressentem ainda dos velhos conceitos, como se verá:

Deus único, mas de certo modo ainda antropomorfo, desde que se aceite, ao pé da letra, que somos à sua imagem e semelhança...

Estende a sua misericórdia aos que o aceitam e que o buscam.

Castiga e premia, dispensador de graças. Deve ser temido e amado ao mesmo tempo.

Dá prioridade às cousas espirituais.

Envia-nos a mais alta expressão do amor e do perdão, a que chamamos cordeiro de Deus, cujo sangue lava os pecados do mundo. Contudo, mantém o Céu e o Inferno e institui ainda um Purgatório e um Limbo.

Pela palavra do Cristo, e pelo Amor, convida-nos a todos para o seu Reino. Não impõe, convida.

Ele mesmo terá vindo à Terra na pessoa de Jesus. E o mistério da Trindade. Ora a si mesmo, quando ora ao Pai. A Trindade por sua vez copia a velha trindade brahmanista (Brahama, Siva e Vichnu). Resquício, porventura, diríamos, do geocentrismo.

Se é verdade que seguimos a Cristo e que a Moral Religiosa é a mesma de todos os cristãos, vejamos agora aspectos renovadores do Espiritismo no campo filosófico:

Deus único, Inteligência suprema, causa primária de todas as cousas.

Pai misericordioso, sábio, justo, reúne todas as perfeições ("Eterno, infinito, imutável, imaterial, todo poderoso,

soberanamente justo e bom". "O L. dos Espíritos").

Não vinga, não castiga, mas estabelece leis de Equilíbrio, de Amor e de Justiça dentro das quais todos evoluem infinitamente. O sofrimento é inerente ao estágio evolutivo, aguilhão do progresso. Não há porque temê-lo, mas sim amá-lo.

Preside à ordem e à harmonia universais. Não esquecer que a Terra é menos que um grão de areia no Infinito.

Envia-nos mensageiros do Amor, como o próprio Cristo, que nos anuncia o Consolador.

Estabelece, através das vidas sucessivas, o progresso infinito dos Espíritos ("Sede perfeitos!").

A Lei de Deus está escrita na consciência (questão 621 de "O L. dos Espíritos").

Cristo, segundo João 1:18 - "Deus nunca foi visto por ninguém".

FORMAÇÃO DA TERRA

A Criação Infinita não se limita à Terra, isto é evidente. E a formação desta não teria ocorrido concomitantemente com a do Universo, também é de entender-se. Ainda hoje os cientistas revelam a constituição de novas galáxias. E Jesus já dissera:"- Há muitas moradas na Casa do Meu Pai".

Em "A Gênese", Kardec alude aos períodos geológicos do nosso planeta, identificando os esforços dos cientistas em apresentá-los de maneira a coincidir de melhor forma com o que se encontra na Bíblia, isto é, com os *dias* da Criação. Explicita, porém, que a Bíblia fala mesmo em dias de 24 horas. Descreve ali um primeiro período - o astronômico, com a matéria volatizada, incandescente. Nesse *primeiro dia* Deus teria feito céu, terra e luz. E não havia ainda feito o Sol: a luz o precedeu. Adiante, o período primário marca o resfriamento, a precipitação da água e da matéria sólida. Nesse *segundo dia* Deus teria feito a separação das águas e das terras. Certo. Encaixa-se a seguir um período de transição, antes do secundário e este seria o *terceiro dia*. Emergem os continentes, os raios do Sol só então começam a chegar à superfície. A Bíblia diz que no terceiro dia surgiram a terra, os mares, as plantas.

E acontece que o Sol, na Bíblia, terá sido feito no *quarto dia*... Nesse, além do Sol, teriam sido feitos a lua e as estrelas. No secundário, com as primeiras árvores, surgem os peixes, os répteis, os anfíbios. Dizer-se-ia que eles já poderiam contemplar as estrelas... No período terciário estaríamos no *quinto dia*. Pela Bíblia, só então surgiram os peixes e os pássaros. Nova divergência: os peixes chegaram antes... Aí se formaram os continentes. Veio a seguir o dilúvio. O homem só apareceria no *sexto dia* ou período quaternário, com os animais e vegetais que conhecemos. Houve quem fizesse uma comparação curiosa. Admitindo que todo o período de formação da Terra até hoje se reduzisse a um ano terrestre, o homem teria aparecido à tarde do dia 31 de dezembro.

Embora o Cristo houvesse deixado claro: "- Meu Pai trabalha sem cessar e Eu também trabalho" - um e outro - o certo é que o criador das galáxias inumeráveis pelo Espaço infinito, de toda a Eternidade, e que sobrenadara nas águas desta terrinha em formação, precisaria descansar, como qualquer mortal, no *sétimo dia*...

Se o homem somente apareceu depois do grande dilúvio planetário, Noé deve ter sobrevivido a algum outro dilúvio, o que se pode concluir. Mas dilúvios não faltaram na Antigüidade na Índia, na Mesopotâmia e assim por diante.

Modernamente há uma classificação sem compromissos teológicos. Obedece a pesquisas paleontológicas. Depois de um período indeterminado de caos, o azóico (1), é descrito um período primitivo ou pré-primário (2), quando teriam surgido as algas. Depois, o paleozóico ou primário (3), com seis subdivisões, quando surgiram sucessivamente pelos séculos dos

séculos os peixes, as plantas, os animais terrestres, as árvores e os insetos, os grandes répteis e os ancestrais dos mamíferos. O secundário ou mesozóico (4), mais curto, deu-nos os primeiros mamíferos e as aves. O cenozóico é dividido em terciário e quaternário. No terciário (5) surgiram as grandes florestas, os animais herbívoros, o ancestral do cavalo e os antropóides, estes evoluindo para os pré-hominídeos e para os primeiros hominídeos. O quaternário (6) é marcado também aqui pelo dilúvio e aí vamos ter o homem primitivo numa subdivisão chamada *Pleistoceno*, e de uns cem séculos apenas para cá (*no Holoceno*) o homem atual. Mais uma vez a Ciência, sem o querer, complicando as cousas para o lado dos Livros Sagrados. Nesse caso, o bom mesmo é entender na figura de Adão um simbolismo autêntico, o que não ferirá a ninguém. Como, de resto, na formação da Terra, a boa vontade daqueles que tentaram explicá-la a seu jeito.

Acompanhando o conhecimento científico, o Espiritismo os complementa com reflexões filosóficas de profundo alcance e bom senso, onde o poder de Deus e a sua Sabedoria ultrapassam infinitamente velhos conceitos humanos, com grandeza.

"- E preciso fazer da Divindade uma idéia bem mesquinha, para não reconhecer nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos a sua onipotência". (Kardec, em "O L. dos Espíritos").

DO HOMEM PRIMITIVO À RAÇA ADÁMICA

Para chegarmos às origens do homem teremos que seguir a marcha natural dos seres a partir dos antropóides que, por sua vez, provieram da evolução seqüencial de outros tantos seres, numa fieira a perder de vista. Apareceram os antropóides ainda no período terciário, no *Oligoceno* e se desenvolveram no *Mioceno*, com o *Dryopithecus*. Deram duas ramificações conhecidas. Por um lado os pongídeos, que se multiplicaram nos diversos símios; por outro lado, de um outro ramo, os pré-hominídeos e deles os hominídeos, que se espalharam durante todo o *Plioceno* e avançaram já no período quaternário, na vastidão do *Pleistoceno*. Serão estes, entre outros, o *Homo Habilis*, que já se punha de pé há um milhão de anos, e o *Homo Erectus*, que teria quinhentos mil anos. Enquanto isso, alguns sub-ramos se extinguíram. Pois bem, dos hominídeos, por sua vez, vieram os homens primitivos, como o *Homo Sapiens Neandertalensis*, por exemplo, haveria cerca de setenta mil anos. No período seguinte, em que ainda estamos, o *Holoceno*, está o homem atual, com aproximadamente dez mil anos. O *Homo erectus* caça e conhece o fogo. O *Homo sapiens* primitivo já se veste de pele, sepulta os

mortos e deixa gravuras nas cavernas. Todo esse esquema está sendo simplificado para facilitar o encadeamento do raciocínio. Estas afirmações estão em consonância com as teorias evolucionistas, como a do transformismo (uso e desuso) de Lamarck, a de modificações de espécie, de Erasmus e a de seleção natural, de Darwin/Wallace. E Kardec confirma: "- Seguindo-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior."

O homem, é bem de ver-se, não descende diretamente do macaco, como se propala, embora tenhamos um ascendente comum, o que não é exatamente a mesma coisa. Somos, pelo menos, parentes colaterais. Para Kardec, porém, mesmo que assim fosse, o Espírito teria encontrado nele, como encontrou no hominídeo, um revestimento físico pronto para usar, sendo o mais apropriado ao seu desenvolvimento a partir daí. Assim foi que o *novo habitante*, o Espírito humano, embelezou-o, dando-lhe as condições ideais de progresso espiritual. A origem do corpo, diz, não prejudica o Espírito. De toda forma, o corpo humano é o último elo da cadeia da animalidade na Terra.

A aparição do homem, pelo exposto, é de entender-se, terá sido múltipla e simultânea. Raças diferentes se prenunciaram havia alguma distância, como são os casos do encontro do negroide de Grimaldi, do branco de Cro-Magnon e do Chancelade, ligado aos esquimós. Seriam antepassados do *Homo sapiens*.

A questão 48 de "O L. dos Espíritos" considera quiméricos todos os cálculos que pretendam marcar com exatidão a

aparição dos seres vivos e especialmente do homem. Tratando do povoamento da Terra pelo homem, as questões 50 e seguintes da mesma obra esclarecem que Adão não fora nem o primeiro nem o único a povoá-la. E o Codificador complementa a palavra dos Espíritos dizendo de início que esse homem - que teria sido Adão - provavelmente sobrevivera a algum cataclismo, tornando-se tronco de uma das raças, o que poderia ter acontecido cerca de quatro mil anos antes de Cristo. E se alonga em observações ao alcance do leitor, afirmando: "- As idéias religiosas, longe de perder, se engrandecem, ao marchar com a Ciência."

Em "A Gênese" Kardec fala agora em uma raça adâmica, reunindo Espíritos emigrados de colônias distantes, influyendo decisivamente no progresso do mundo, já povoado de tempos imemoriais. Essa tese é também apreciada na Revista Espírita (1860 e 1862). Abre-se assim o capítulo apaixonante da *migração dos Espíritos*. Teriam tais Espíritos a incumbência de impelir ao progresso os *pré-adamistas*, por serem mais inteligentes que estes. Essa tese terá encaixe perfeito na explicação que se dará à velha lenda bíblica do "Paraíso Perdido". Trazendo aos *terrenos* verdadeira catadupa de conhecimentos nas artes e nas ciências, construíram cidades e trabalharam os metais. O assombroso progresso tecnológico do Egito antigo não encontra melhor explicação. Ora, aquele homem único, Adão, despertando inexperiente numa Terra selvagem, mesmo tendo procriado, logicamente não encontraria população a que levar algum tipo de progresso. Faltariam todas as condições. Sua descendência, por sua vez, não se difundiria como rastilho, prodigamente, pelas várias regiões habitáveis

do planeta, enchendo as nações e construindo cidades.

Mais recentemente, a obra de Emmanuel "A Caminho da Luz" retoma o tema e abre um capítulo para estudar já as raças adâmicas, no plural. E a fixação de novas características raciais.

Tendo em vista a importância dessa raça, ou dessas raças, para o destino da Terra, fica-se entendendo, pelo menos, por que razão aquele marco foi fixado na História Sagrada, como se fora o verdadeiro início do homem terreno.

Não seriam eles Espíritos santificados mas rebeldes, embora cultos e inteligentes, degredados de um dos planetas do Sistema Capela, conforme as revelações recebidas. Se na verdade o Espírito não retroage, isto é, nada perde do que adquiriu, e este conceito é fundamental, estaciona todavia em termos do progresso intelectual já realizado, consideradas as disponibilidades que terá num ambiente físico hostil, primitivo, onde irá por sua vez laborar o progresso cultural dos mais antigos habitantes. Mas com isto, com determinação, os seus próprios valores morais estarão sendo aprimorados, tenderão a crescer. Poriam à prova o orgulho e à mostra reminiscências saudosas de uma vida melhor, deixada além, em alguma parte, no tempo e no espaço. E encheram essa saudade de alegorias, que os textos bíblicos registraram...

MIGRAÇÃO DOS ESPÍRITOS E PARAÍSO PERDIDO

O Capítulo XI de "A Gênese", de Allan Kardec, tratando da gênese espiritual, é de uma clareza e de uma lógica meridianas, valendo muito reler-se o texto por inteiro. E no que concerne às migrações dos Espíritos e à progressão dos mundos compreende aspectos por demais interessantes, sob nossa óptica, naturalmente. Refere-se à raça adâmica com reflexões de muita propriedade. Nossa posição, nesse caso, diverge das demais escolas filosóficas espiritualistas em geral, que aceitam literalmente os livros sagrados; mas os interpreta como pode, sem os desconsiderar, retirando dos mesmos filigranas de alto valor. Lembra Kardec, a certa altura, que a Mitologia pagã na realidade não é senão um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons ou maus da Humanidade. Não é sem razão que a tradição vinda dos povos mais remotos nos fala do Paraíso Perdido, dos anjos decaídos, da salvação pela Fé. Entendemos que o *Paraíso Perdido* serão os mundos felizes de onde vieram os emigrantes do Espaço para novo campo operacional, trabalhando a própria melhoria. Não podendo entender que nos Planos Sublimados tenha havido em qualquer tempo algum levante dos Espíritos puros, angelicais,

uma bipartição do poder de Deus entre o Senhor do Bem e o do Mal, por absurdo, já é fácil entender que os *anjos decaídos* seriam aqueles próprios Espíritos rebeldes de que falamos, rebeldes ao progresso em seu habitat antigo. O Salvador deveria esclarecê-los quanto ao caminho a seguir para retornarem à felicidade dos *eleitos*. Da perseverança com que se fizessem fiéis à segura orientação messiânica dependeria a bênção do retorno.

E então se lê:"- Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a desencarnada de um mesmo globo opera rº igualmente entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer em massa, em circunstâncias especiais."

Daí, quando um mundo atinge período de transformação, operam-se mutações e ocorrem essas migrações coletivas. São excluídos dele os que poderiam perturbar-lhe o ambiente, a sua atmosfera psíquica, agora mais adiantados os que permanecem. Tendo, porém, progredido muito em relação a núcleos planetários nascentes, serão valiosos colaboradores do progresso desses outros mundos. Expulsos por teimosia em aceitar as bases de uma vida mais iluminada, mais espiritualizada, expiarão essa rebeldia através do trabalho árduo, por séculos ou milênios, com o *suor do rosto*, mas sem prejuízo do avanço até então conquistado. O mundo, de que foram expulsos, era para eles o lugar aprazível de que se recordarão como sendo um jardim de delícias - o paraíso perdido. E, porque têm a noção da própria culpa, reconhecem-na como sendo esta o *pecado* que deu origem à expulsão do seu paraíso, a culpa originária, ou seja, o *pecado original*.

Tecem em torno disso a fantasia que se amolda aos recursos da nova experiência. Diremos de nossa parte que, ao invés de ser isso um castigo será antes uma oportunidade. Vão à luta. Estariam trocando o Inferno de uma implacável condenação eterna pelo esforço com que, pelo trabalho, contagiam os seres mais atrasados de sua nova sociedade com os seus conhecimentos, que não se perderam, com sua cultura, com sua habilidade. Nada obstante não se haverem desvestidos dos velhos sentimentos do orgulho e da prepotência, e temos disso confirmação nas páginas da História da Civilização, um retrato sem retoques.

Do que se afirma nos livros sagrados há algo que abandonar: Eloim passeando pelos jardins do Eden à tardinha e toda a vastidão do Universo aguardando o retorno de sua estada neste fragmento de corpo celeste... Mas, com boa vontade, Kardec interpreta Adão como personificando a nova Humanidade. A árvore da vida como o conhecimento das cousas, consciência do bem e do mal. Comer ou não do fruto proibido, seja lá como for, a lei do livre-arbítrio e a responsabilidade pelos atos praticados. A morte prometida, que afinal não houve - e que poderiam eles entender por morte, se não na haviam ainda experimentado -, as consequências dos desvios no caminho do dever. O pecado de Adão e Eva, se porventura algum houvera, seria em si o da desobediência. E raciocina o Codificador: "- Se Adão não houvesse pecado, a Terra estaria inculta e os objetivos de Deus não estariam cumpridos". No caso, Deus os condenou para a seguir recomendar que se fizessem multiplicar... Adão andava nu, sentiu-

se envergonhado, criou-se-lhe, instantâneo, o senso do pudor, o que não seria natural àquela altura dos acontecimentos.

Quanto à serpente palradora, Kardec vai às origens idiomáticas e encontra várias acepções para a palavra hebraica, concluindo que ela pode significar o desejo de saber das cousas; ou a insinuação de maus conselhos...

Caim, perdoado do fratricídio, encontra mulher, não se diz como. E edifica uma cidade, não se diz com que operários nem para que população. Seriam viventes à época como seres humanos seus pais, essa mulher, não se sabe como apareceu, e seu filho. E Deus não conheceu de seu hediondo crime, antes promete punir quem se arvorar em vingar a morte de Abel. Punir a quem? Com isso tudo, a Justiça Divina andaria muito a desejar. Percebe-se nestas contradições que, pelo menos, a primogenitura de Adão está muito comprometida.

E tem mais: Como entender que as gerações, interminavelmente, devam herdar a responsabilidade desse célebre e não esclarecido pecado original? Por que esse "*crime*" persiste punido e não o outro? Pior ainda, partindo de admitir-se - não é o nosso caso - a tese segundo a qual a alma sairia prontinha, feita na hora, para cada novo corpo... Como, essa cumplicidade? E que prossegue irredutível apesar das absolvições concedidas aos fiéis com o banho lustral...

Moral da estória: A Gênese biológica, que acompanha a Ciência, e a espiritual, à luz dos conceitos espíritas, encontram cabimento mais lógico nas circunstâncias; e sobretudo não se chocam entre si com as próprias contradições. Na verdade, não se encontram expostas em algum livro de tradição milenar. Mas no livro da vida da própria Humanidade terrena.

Mais ainda: "A qualificação de *juízo final* não é exata, visto que os Espíritos passam por tais julgamentos a cada renovação dos mundos que habitam, até que atinjam um certo grau de perfeição. Não há, pois, absolutamente *um juízo final*, mas antes *julgamentos gerais* em todas as épocas de renovação, parcial ou total, da população dos mundos, em consequência das quais ocorrem as grandes emigrações e imigrações de Espíritos." ("A Gênese", A. Kardec, Cap XVII).

EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE NA VISÃO ESPÍRITA

Nada terá sido estabelecido por Deus sem uma finalidade, logo, a encarnação do elemento inteligente (na Terra ou em outros orbes) obedece a um propósito definido. Tal o das experiências através das quais segue progredindo, aperfeiçoando-se. Progresso que, para o Espírito, há de realizar-se no duplo sentido: intelectual e moral. Dir-se-ia que a Moral é uma variável dentro da cultura de cada povo e de cada geração. Esta é apenas a sua feição convencional. Referimo-nos, porém, à Moral substantiva. Como se realizam essas experiências? Dentro de um contexto de circunstâncias, na paisagem dos mundos... Quis, mais, a Sabedoria Infinita: Que essas experiências se processem respeitada a Lei da Solidariedade. É, pois, mais uma lei natural, aquela que se cumpre por si mesma. Ora, se os mundos rodam nos Espaços numa composição descomunal de forças - solidariedade das massas - também por sua vez os seres inteligentes haveriam de viver interligados, interdependentes. Interdependência que os obriga a uma solidariedade inicialmente forçada dentro do nicho, da grei, da nação e assim sucessivamente. Não há como sobreviver isoladamente. As formas de vida mais primitivas

começam na fase gregária; e mesmo nas colônias de protozoários... Considerando já agora o homem, identificamos o dualismo egoísmo-altruismo. O egoísmo em se dilatando com relação ao companheiro, à família, sucessivamente a outros campos sociais, vai aos poucos criando condições elevadas de sentido protetor, de devotamento, atingindo esferas mais amplas de cobertura até se fundir no interesse partilhado do grupo, das classes, no idealismo das pátrias, onde o interesse ganha novo sentido. Chega-se ao verdadeiro altruísmo dos grandes gestos humanitários, enfim ao Amor Universal. Diz-nos, a propósito, "O L. dos Espíritos" (pág. 360):

"A natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado. Uma das maiores venturas que lhe são concedidas na Terra é a de encontrar corações que simpatizem com o seu. Ela lhe concede, assim, as primícias da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência: essa é a ventura recusada ao egoísta".

A família é, inegavelmente, o núcleo-base da sociedade humana. É através dela que a criatura avança no sentido dos outros níveis de vida em sociedade. Daí a importância do lar. Pela lise de células destruimos um organismo. Pela destruição de lares desorganizamos a sociedade como um todo.

Através dos tempos não só o homem saíra das cavernas para os aglomerados que resultaram nas febricitantes cidades do mundo moderno; não só aformoseou as suas formas físicas, tornando-as menos grosseiras, como estatuiu regimes de vida coletiva. E admirável como nossos selvícolas, por exem-

pio, em sendo contatados pela civilização européia, já evidenciavam tantas noções inatas de dignidade e de respeito, sua moral, sua cultura, seu próprio senso de justiça, o respeito a potencialidades superiores; e um senso estético notável. E é, por outro lado, inegável que a nossa decantada Civilização abraça, não obstante as conquistas do Direito e da Tecnologia, tantas chagas sociais, não fora o nosso plano de provas e de expiações regeneradoras. Segue, no entanto, o progresso. Aperfeiçoam-se raças animais e vegetais com os recursos da Ciência. Aperfeiçoa-se o homem biologicamente apelando para a Eugenia. Mas, porque somos essencialmente Espíritos, fazemo-lo também através das Ciências que estudam o comportamento humano isoladamente e em sociedade. E há um direcionamento, que é feito pelas teorias e normas de Educação. Tem ela por finalidade: (a) desabrochar no ser as suas próprias potencialidades; (b) integrá-lo no meio físico e social dentro da respectiva cultura; (c) reajustar tendências e modelar procedimentos. Pois aqui está o momento de escolhermos a chave com que abrir ao ser humano perspectivas de aprendizagem formal e/ou informal, através das lições e dos exemplos. A Educação clássica preocupou-se muito com o homem-intelecto e com o homem-físico, mas sob um alcance imediatista, porque na prática voltado para o materialismo, para o que considerou "positivo"; modelou o pragmático, o astuto, o homem "terreno". Nem mesmo a tanto se forrou o instituto do religiosismo literal, aqui no Ocidente, na chamada "Civilização Cristã". Por essa razão mesmo tivemos tantas reações materialistas e existencialistas pregando a derrocada da família, a "morte" de Deus, a volta ao estado de natureza.

A Educação Espírita, todavia, vem estabelecer fundamentos decisivos em termos de compreensão do ser - criança ou jovem - como um Espírito reencarnado; uma abrangência multidisciplinar em que se substituem as proibições, a noção de pecado, pela elucidação, pela razão, pela boa lógica, pelo bom senso; e atinge um objetivo maior, uma dinâmica mais ampla, quando se procura educar concebendo a vida em sua feição verdadeira através de múltiplas existências, de sucessivos estágios, entendendo-se com Platão que "aprender é recordar-se". Essa maneira nova de "ver" o homem no mundo e o mundo no Cosmos, tomada sob a forma de uma pedagogia, de um trabalho metódico a cumprir-se, constitui a rigor uma inovação. Ora, realizam-se experiências na pesquisa do passado buscando encontrar reminiscências justificadoras de recalques, de comportamentos diferentes... Fala-se então em Medicina "alternativa" e em memória regressiva. Por que então não se aprofundarem os pedagogos na Psicologia infantil dentro do mesmo enfoque palingenésico? Não resta dúvida de que aos pais esclarecidos cumprirá importante tarefa no entendimento do "processus" reencarnatório. Tal se enuncia a missão do espírita no recesso doméstico. Leopoldo Machado levantou a bandeira do "Espiritismo de vivos" e definiu-o como obra de Educação. Não se trataria de um Espiritismo sem Espíritos nem de uma divagação teórica. Parece-nos elucidativo o texto seguinte de Tito Bancéscu em "Estudos Psíquicos" republicado por RIE (fev/79):

"Não quer dizer que os pedagogos se entreguem a práticas mediúnicas, mas que aprofundem a psicologia infantil em todos os seus aspectos, intervindo neles a palingenesia

admirável com suas encarnações sucessivas, que levantam um pouco o véu do que foi e é o educando que o mestre tem na sua frente". "... a escola espírita oferece aos professores perspectivas imensas, capazes de transformar inteiramente as sociedades".

A certeza da imortalidade, da predecessão e do prosseguimento da vida ao encontro de uma outra sociedade em pleno vigor, tudo isso importará na constituição de uma sociedade mais justa e mais espiritualizada. Uma questão de amadurecimento.

A INTELIGÊNCIA E SUA MANIFESTAÇÃO

Define-se inteligência como sendo a capacidade ou aptidão do indivíduo para colocar conscientemente seu pensamento de acordo com situações e necessidades novas. Esta definição parece ser a mais aceita dentro dos cânones oficiais. Preferimos, data vénia, considerar que a aptidão não é bem a inteligência em si, que ela nasce do exercício da inteligência, faculdade ou patrimônio intrínseco do Espírito. Evidentemente um patrimônio que tende a enriquecer-se nas sucessivas oportunidades oferecidas ao Espírito. Uma diferença aparentemente sutil, mas que julgamos importante. Teria a inteligência humana começado pela faculdade de aprender e reproduzir experiências. E nesse caso estaríamos bem próximos dos animais que já esboçam essa tendência. Evolvemos no sentido do discernimento das situações e na capacidade de ajustarmos a elas.

Ninguém, a rigor, manifestará inteligência em nível que não tenha atingido, assim como um foco de luz não irradiará além da capacidade que lhe é própria, naturalmente. No caso da fonte luminosa, porém, filtros veladores poderão diminuir a luminosidade, embora a fonte permaneça com sua potência

conservada. Aproveitando o mesmo raciocínio com relação às faculdades intelectivas, estas podem manifestar-se e a alma exercê-las em plenitude; ou serem enfraquecidas consoante condições ligadas de perto ao envoltório material e a circunstâncias que se façam presentes.

O desenvolvimento natural (da infância à maturidade) representa a fase de ajustamento imprescindível; mas o grau de perfeição dos órgãos em qualquer fase da vida será boa ou má ferramenta à disposição do artífice, seja ele um exímio executor ou um operário medíocre. E a ferramenta será, em nosso caso, o corpo físico, instrumento de sua manifestação.

Considerada a bagagem evolutiva de cada ser inteligente em dado momento, importando isso em maior ou menor expressão de sua inteligência, limitações à sua manifestação poderão ser consideradas, como segue: (1) Aquelas relacionadas à idade, como vimos de considerar, uma questão de amadurecimento da estrutura neuronal receptiva, sem questionarmos nenhuma desordem funcional ou orgânica, porventura ambiental. (2) Limitações relacionadas ao ambiente físico e psicofísico, funcionando essas circunstâncias como um *abafador* (falta de oportunidade e de meios de manifestação, falta de estímulos). (3) Desajustes orgânicos e/ou funcionais de diferentes ordens ou intensidades que determinam embargos à livre manifestação das faculdades. (4) Associações dessas diferentes circunstâncias, no comum das vezes. (5) Desordens mais profundas, com graves acometimentos neuropsíquicos, incluindo-se aqui auto e hetero-obsessões e expiações remissoras.

Uma classificação dos "*infradotados*" inclui o simplesmente retardado, passível por excelência de uma boa recupe-

ração; o débil mental; o imbecil e finalmente o idiota. A classificação mais recente, da O M S, considera níveis de oligofrenia como sendo leve, moderada, severa e profunda, com que são suavizadas as expressões. Por que separamos as cousas, distinguindo os dotes da inteligência de um lado e os recursos de sua manifestação de outro, temos uma visão bem diferente da problemática. E há casos mesmo em que essa distinção que fazemos fica bem evidente: o de criaturas que se demonstram estranhamente capazes em áreas restritas de manifestação inteligente.

Alguém poderá perguntar por que razão uma inteligência de alguma forma aprimorada (Espíritos que tenham adquirido certo grau de desenvolvimento) se submeteria a uma organização física deficitária, partindo de reconhecer-se a importância do campo mental como força diretora no planejamento do novo corpo ao ensejo de uma nova encarnação. Entra aí em jogo o peso das responsabilidades, as circunstâncias relacionadas aos débitos e aos méritos pesam na escolha do gênero de provas escolhidas ou das expiações a que não pode furtar-se por terem função regeneradora. O progresso efetivo do Espírito assim o exige quando vencerá os vícios arraigados e obterá as virtudes que harmonizarão o intelecto e a moral.

Como se sabe, estudam-se quocientes intelectuais através de métodos de avaliação convencionais, arbitrários, a partir de padrões que podem até mesmo ser questionados. Houve quem pretendesse relacioná-los a raças, culturas, condição social. Quem levantasse teorias genéticas. Fizeram-se pesquisas dirigidas em busca de uma provável comprovação dessa natureza. De qualquer forma, a realidade é a de que os

testes apuram (bem ou mal) apenas o desempenho por parte das pessoas ou dos grupos. A maior ou menor bagagem intelectual do Espírito não é exatamente aquela que ele manifestará. Se não considerarmos a filtragem através da matéria, estaremos subestimando sempre. É exatamente por isso que um trabalho de educação bem direcionado opera transformações impressionantes. Porque a inteligência é do Espírito.

DUALISMO: ESPIRITO-MATERIA

Dentre os muitos temas em que se configura a presença do dualismo, segundo muitas escolas filosóficas, e a que se filia também a nossa doutrina, está o conceito que podemos fazer de Espírito e matéria.

É bom lembrar de início que, quando procurava o próprio Codificador penetrar fundo na constituição do Espírito, disseram-lhe os orientadores:"- As palavras pouco importam. Cabe a vós (a responsabilidade de) formular a vossa linguagem de maneira a vos fazer entender. Vossas discordâncias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras. A vossa linguagem é incompleta para as cousas que não vos ferem os sentidos." (O L. dos Espíritos).

E disseram mais: "Não estais organizados para perceber o Espírito sem a matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso; pode-se concebê-lo, sim, pelo pensamento. Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós ele nada é, por ser impalpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Coisa nenhuma é o nada e o nada não existe."

Mais adiante, indagando o Codificador sobre se os Espíritos são imateriais ainda uma vez a dificuldade de terminolo-

gia ficou patente:"- Não dispondes de termos de comparação. Imaterial não seria bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deveis compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. E, digamos, uma substância quintessenciada para a qual não dispondes de analogia e tão eterizada que não pode ser percebida pelos vossos sentidos". Delanne, em "A Evolução Anímica", vem em nosso socorro dizendo que "o que distingue o Espírito é a consciência, isto é, o eu mediante o qual ele se distingue do que não está nele, a matéria, o não-eu". Evidente aí o dualismo. E continua: "A alma é uma e cada essência espiritual é individual, é pessoal, uma unidade irreduzível que tem existência em si".

Para dirimir de uma vez por todas o problema do conceito das escolas materialistas, vejamos o que nos diz também "O L. dos Espíritos": "- O Espírito independe da matéria ou é apenas uma propriedade desta como as cores o são da luz e o som o é do ar?" - "São distintos um do outro". "Há, então, dois elementos gerais do Universo, a matéria e o Espírito?" - "Sim. E acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas." Entendemos com isto que há dois princípios gerais, o princípio material ou substrato material, ou seja ainda a matriz energética de toda a substância, capaz de corporificar-se • e esse substrato material ou físico é denominado, na obra da Codificação, Fluido Cósmico Universal -; e de outro lado o princípio inteligente. Os Espíritos serão individualizações desse princípio, constituindo, no conjunto, o que se chama o mundo dos Espíritos, e essa expressão não tem sentido regionalizante, pois que estão eles em toda parte. Esse princípio uma vez individualizado é descrito como uma centelha

em torno da qual se aglutinam elementos energéticos que vão constituir o seu tênue envoltório etéreo, basicamente organogenético, eventualmente perceptível, o perispírito. Nesse caso, porque originário do Fluido Cósmico, também matéria, embora em estado ou fase diferente daquela de nossa matéria densa.

Dá-nos alguma idéia da longa e preciosa caminhada evolutiva do princípio inteligente ou espiritual até adquirir a condição de Espírito aquilo que nos diz André Luiz em "Evolução em Dois Mundos": "O princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos". Sim, pois é esse princípio inteligente, que evolve, que irá intelectualizar a matéria, a qual se constitui em instrumento para o seu aperfeiçoamento. Há necessidade de migrações sucessivas do princípio inteligente nos círculos da matéria nos diferentes estágios; é dessa forma que se extratificam instintos vitais no ser que evolve sucessivamente através dos diferentes reinos até à fase nominal - adquirida a maioridade ou a condição de Espírito - quando se inaugura a Razão.

Por que estejamos focalizando embora sumariamente Espírito e matéria é bom lembrar, ainda que de passagem, daquilo que hoje em dia está sendo chamado de antimatéria. Seria antes uma fase mal entrevistada da própria matéria, não obstante o termo, não seriam valores antagônicos, matéria e antimatéria. Voltemos a "O L. dos Espíritos": "A matéria existe

em estágios que não conheceis. É o agente com a ajuda do qual o Espírito atua'. E adiante: "O vácuo absoluto existe em alguma parte do Espaço Universal?" - Não; não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos". Empédocles já afirmava, aliás, quatro séculos antes de Cristo: "Não há o vácuo no Todo".

Inegavelmente, pelo que temos visto, o Universo, uno por definição, permite-nos uma visão dualista de forças que se compensam, que se equilibram, que se conciliam, dentro de leis e de princípios.

Não seria essa uma grande lição para o homem, para a Humanidade, para esse ser inteligente que somos nós, o de conciliação, por díspares que venham a ser os interesses das partes?

DUALISMO: O BEM E O MAL

Ao nos referirmos a determinismo e a livre-arbítrio, a fatalidade e a causalidade, vimos um aspecto interessante do dualismo que as filosofias nos apresentam. Ora, a Filosofia Espírita tem, entre outras virtudes, aquela de harmonizar todo o universo conceituai, permitindo-nos uma visão panorâmica, abrangente, globalizante. Filósofos e filosofias debateram através dos tempos divergentes pontos de vista essenciais à compreensão da vida e de seus porquês. Velhas teses filosóficas proclamaram a estaticidade do ser com Parmênides e Zeno; e de outro a multiplicidade dos princípios e as transformações ("tudo corre") com Heráclito e Anaxágoras. Viam estes o mundo das contradições e buscavam a conciliação dos contrários, ou seja, das antíteses. A filosofia jónica, aliás, admitia o dualismo corpo material/alma imortal, nascendo daí as recomendações de pureza e justiça. Platão conciliaria mobilismo e estaticidade. Aristóteles distingue matéria e forma. Fala de matéria primária e de forma pura.

Valores existem que não se antagonizam, entrecruzam-se, como as ordenadas e abscissas cartesianas; ou como quantidade e qualidade, tempo e espaço; peso e volume; e assim por diante. Entrevemos, de alguma sorte, por inegável, dualismo sem demar-

cações precisas, como: calor/frio, claro/escuro, dia/noite, norte/sul, oriente/ocidente, zênite/nadir, luz/treva, positivo/negativo, ativo/passivo, direito/esquerdo, luta/paz, sujeito/objeto, passado/futuro, berço/túmulo, masculino/feminino, concreto/abstrato, amor/ódio, bem/mal, saúde/doença, matéria/espírito, vida espírita/vida terrena... Pietro Ubaldi, pensador espiritualista ítalo-brasileiro fala-nos em "A GRANDE SÍNTESE" em um monismo dualista ou em dualismo monista, aventando um princípio de simetria e afirmando: "A unidade é um par. O universo é monismo no seu conjunto, dualismo no particular". A palavra comparação já estabelece relação entre pares, ação de colocar um diante do outro. E é desse modo que subsistem, por mais paradoxal que pareça, a lei da conservação e a de destruição, reagindo entre si para o cumprimento dos ciclos biológicos que renovam a própria paisagem terrena.

Instinto e inteligência igualmente não se excluem, podendo mesmo estar presentes num mesmo ato; apenas o instinto é involuntário, maquinal, quando a inteligência é refletida.

Discute-se a posição dogmática das religiões em geral, em que a fé parece opor-se à Razão. Comte deu à Razão privilégios de uma verdadeira deusa. Tomás de Aquino queria a Razão subordinada ao dogma. Kardec é aqui o grande moderador, com a célebre afirmação: "Fé inabalável é aquela que pode encarar frente a frente a Razão em todas as épocas da Humanidade". Bergson viria acrescentar algo precioso à nossa compreensão: diz-nos que a intuição completa a Razão.

Entre o dia e noite temos o crepúsculo; entre a luz e a treva, a penumbra. Ora, dir-se-á que inexiste meio termo entre o bem e o mal. O mal é sempre o mal. Contudo, se o frio é ausência do

calor, o mal é simplesmente a ausência do bem. "Não é um atributo distinto, como o frio não é um fluido especial. Um é a negação do outro" ("A Gênese", cap. III). "Não praticar o mal é já pelo menos um começo do bem" (Idem). E Agostinho (encarnado): "O mal é o afastamento de Deus". Sem nenhuma apologia do mal, havemos de convir: certos males constituem estímulos à inteligência, empurrando-nos para mais adiante. Deus, providencialmente, e só a Ele isso compete, do próprio mal pode fazer resultar um bem. "A dor é o aguilhão que impele o homem para a frente na senda do progresso" (novamente "A Gênese"). Em "O L. dos Espíritos" - Cap. III encontramos: "No vosso mundo tendes necessidade do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde." E Leon Denis ("O Problema do Ser..."): "O mal é apenas o estado transitório do ser em vias de evolução para o bem; é a medida da inferioridade dos mundos e dos indivíduos; é também a sanção do passado. Tem um caráter relativo e passageiro. Não tem, pois, existência real intrínseca, não há o mal absoluto no Universo".

Consequência lógica dessa visão filosófica é a implosão dos Tártaros e dos Infernos que as teologias de todos os tempos criaram e a que ainda hoje rendem culto; a deposição do imperador das Trevas, desaparecendo a divisão do Universo nos reinos do Bem e do Mal. Subsiste o dualismo como simples estágios e não como departamentos estanques. Essa uma grande contribuição revolucionária da Filosofia Espírita à compreensão humana.

PROGRESSO COMO LEI NATURAL

Quando falamos em progresso, dentro da visão do mundo, encaramo-lo do ponto material e do intelectual, principalmente. Partindo da caverna e das palafitas para os grandes conglomerados humanos nota-se o grande acervo de conquistas feitas pelo homem e isso interessa a todas as criaturas, a todos os grupos de nações. Nisto se distingue a espécie humana das demais, embora reconheçamos o alto preço que paga por isso. E que cobra também da própria Natureza... Mas todo o progresso material inegavelmente é fruto do progresso intelectual. E desde que a inteligência seja um atributo do Espírito, talvez devêssemos falar em progresso espiritual. Com isso, porém, poderíamos confundir as cousas, no caso de a palavra ser tomada em sentido restrito. Até porque existe um outro elemento para nossas considerações, de perto relacionado ao Espírito, que é o progresso moral.

A civilização, embora não tenha abarcado todos os povos - muito longe disso - marca em cada época e em muitas culturas avanços expressivos, ainda que incompletos. A tecnologia e a ciência, em que a inteligência fulgura, geram estágios de bem-estar e aumento da sobrevivência, importando em extrema rapidez da comunicação. Mas não logram realizar o sonho de uma relativa

felicidade terrena... É que as duas vertentes do progresso humano, a intelectual e a moral, como se sabe, não correm juntas. E é exatamente por isso que os avanços da Humanidade são sempre incompletos. Premido pelas necessidades, possuindo não apenas instinto mas também sentimentos e raciocínio, o homem trabalha, pelo exercício da inteligência cria novas condições que resolvam problemas, interferindo no meio físico e psíquico, o mais adiantado ajudando o grupo e com isso todos se beneficiando. Isso em tese. Poderá dizer-se que a solução de alguns problemas muitas vezes acarreta outros tantos. Mesmo assim marcha o progresso. E, no exercício de experiências, despertada a consciência, também o homem formula indagações, institui fundamentos éticos, cria normas de comportamento. Algo o induziu a reconhecer valores superiores, forças regedoras da vida. E toda a noção abstrata de filosofia e as balizas de seu desenvolvimento moral surgem talvez como reminiscência das idéias do Espírito renascido. Veremos então os gênios inventivos a contribuir para o progresso intelectual e material da Terra. E os homens de bem no mesmo esforço a benefício do progresso moral da Humanidade. Quando os seus exemplos frutificam. Mas o egoísmo é ainda uma constante no móvel das ações humanas. Lembrando o velho conceito de cobertor curto, o homem prolongou a sua vida média, prolongou a velhice, como uma conquista de que se orgulha. E agora se vê no dilema de restringir os nascimentos a todo pano, preocupado em como repartir o pão, o teto, o espaço vital...

Até aqui falamos do progresso do homem no seu mundo terreno, embora considerando, como não poderia deixar de ser, os valores da alma. Mas não nos furtaríamos de reconhecer que a vida na Terra objetiva fundamentalmente o progresso do ser

imortal, outra não sendo a própria razão de ser da encarnação dos Espíritos."- Eles devem sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea..." (Questão 132 de "O L. dos Espíritos").

Encarnado ou desencarnado, a marcha do Espírito é progressiva. E esse progresso não é uma dádiva, não é gracioso, antes uma lei. Nas sucessivas encarnações os Espíritos não retrogradam, embora não progridam no mesmo ritmo ou de igual maneira. E assim que, num período, podem avançar no conhecimento científico, técnico, em outro em moralidade. Esse progresso lhes é intrínseco e não se espelha nas evidências das condições de vida social, porquanto nos pudesse parecer. Tantas almas enobrecidas no anonimato. Tantos talentos passam sem que o mundo deles se aperceba. Por outro lado, ninguém se santifica da noite para o dia. Na verdade, a própria inteligência nem sempre é prudente, como se tem visto, dando resultados nada felizes. Com isso estaremos usufruindo, então, do livre-arbítrio na disposição assumida, na busca dos caminhos, bons ou maus. E o determinismo estará presente na contingência diante da qual ninguém se furtará ao progresso, por mais que se atrase.

Considerando agora a condição específica dos Espíritos - nós mesmos, na essência imortal - criados que fomos simples e ignorantes (sem conhecimento), haveremos de *nascer e renascer*, como no-lo disse Kardec, *progredir sempre*. E será ainda dessa forma, enfrentando lutas e adquirindo sabedoria, que estaremos participando da própria obra da criação infinita.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEI DA EVOLUÇÃO - PROCESSO E MECANISMO

Aprendemos em "O Livro dos Espíritos" (resposta à pergunta 115) que "Deus criou os espíritos simples e ignorantes", cabendo-lhes chegar progressivamente à perfeição. A mesma obra, no capítulo VIII da parte 3ª define "estado de natureza" o estado primitivo em que se encontram os agrupamentos humanos antes de atingirem os sucessivos degraus da civilização ("estado de progresso"). Se dilatarmos o nosso raciocínio para uma visão panorâmica do assunto, diremos que, sendo a Vida, em todos os reinos e em todos os quadrantes do Universo, a manifestação do poder criador da Inteligência Suprema, a todos e a tudo se impõe o transformismo incessante como condição do eterno evoluir. Essa verdade esplende como fruto do estudo do Macro e do Microcosmos.

É nosso propósito colocar em evidência, numa sequência de raciocínios, todos simples e conhecidos, o mecanismo pelo qual se processa o cumprimento dessa Lei, a Lei da Evolução.

Vejamos como preside ela aos fenômenos naturais, considerando em primolóquio a gênese e o desenvolvimento das funções orgânicas bem como a perpetuação dos caracteres

somáticos de cada espécie. Partamos da célula primitiva. Uma determinada ação que impressiona a célula gera uma reação adequada. Repetindo-se, determina reações por forças iguais, melhor dizendo, idênticas. Com isso a célula especializa esse tipo de reação. Nascida está a função, isto é, a maneira própria de reação ante uma ação ou causa originária, esta se executa subsequente. E a repetição da função (exercício) desenvolve ainda mais (aperfeiçoa) o instrumento de reação. Passemos à lei do exercício genético, que diz: "O exercício de uma função é condição essencial para a eclosão de certas funções ulteriores." Assim, na irritabilidade, encontrada na célula primitiva, o indivíduo passa à sensibilidade, daí à sensibilidade e finalmente à sentimentalidade... Acompanharemos agora a evolução das espécies; estas evoluem por seleção e aperfeiçoamento de caracteres somáticos. A transmissão desses caracteres, a repetição dos mesmos nos descendentes dá origem ao próprio conceito de espécie. A tarefa que cabe à repetição está exatamente em permitir a supressão de certos fatores genéticos guiada pelo imperativo natural do melhor aperfeiçoamento de qualidades que se desenvolverão em detrimento de outras, ou seja: a) mutações de funções em outras que melhor atendam às exigências das circunstâncias atuantes sobre o ser (indivíduo ou espécie); b) eclosão de funções de grau superior às primitivas, da mesma índole, em dada espécie.

Também na esfera da mente a repetição é mecanismo básico, senão vejamos: Ninguém compreende sem formar imagens mentais. Essas só adquirem coerência, para nascer a idéia, quando se interligam umas às outras para estabelecer

a semelhança (comparação). Só se pode relacionar uma com outra se se repetirem ou se se sucederem. O que se passa com a imagem mental de um objeto é, também, em ponto maior, o que se passará com um estado de cousas que a associação de idéias com outras situações ou imagens semelhantes fará que se reconheça, que se relacione, para daí nascer o juízo. É portanto a repetição que permitirá o discernimento.

Quando tomamos proveito deliberadamente do fruto das operações anteriores para um ato, este por força se realiza sob o controle da consciência. Esta, porém, não se deixa sobrecarregar. Sempre que um acervo de aquisições devam guardar-se para aproveitamento em ocasiões oportunas ela o arquiva numa outra dependência, a subconsciência. O automatismo adquirido nos gestos e nos atos que efetuamos sem mais precisarmos do rigoroso controle da consciência constitui o hábito. A repetição gera o hábito. Este se cristaliza no instinto, que recorda, sabe, prevê... Pelo instinto se regem sobretudo as nossas funções da vida vegetativa. Lembra-nos as célebres experiências de Pavlov.

Ensina Claparède que toda a necessidade tende a reproduzir as reações (ou situações) que lhe foram anteriormente favoráveis, a repetir a conduta que foi anteriormente bem sucedida em uma circunstância semelhante. Essa afirmação é verdadeira do elementar ao complexo. Assim, o homem social pode, diante de fatos relacionados com o seu passado ou com o passado da Humanidade tomar partido, tomar iniciativas. Por isso é que se considera a História como mestra da Vida. A imitação do homem pelo homem, da natureza pelo homem através das Artes e da Técnica, evidencia o ato de repetir. E

nele eclode, sempre que há idealismo, a inspiração de fazer melhor.

Outro não é o mecanismo de aprendizado, desde a soletração e a decoração aos modernos métodos e sistemas de ensino. Tanto se tem falado da prática diuturna como necessária não obstante os conhecimentos técnicos. Na experiência dos velhos, no profissional de tarimba, no treinamento nos esportes e assim por diante.

A Estatística, preciosa auxiliar do homem, opera os seus cálculos de probabilidades baseada exatamente nos fatores ou situações que devam determinar aos fatos a sua repetição em gradação variável de intensidade e de vezes. Quando apura a frequência de certo valor está avaliando a repetição do fenômeno, que nos fornecerá índices ou termos de relação, dentre eles a moda (valor mais repetido).

Há em tudo que foi visto um sentido de seleção, de aprimoramento. Sim, aprimoramento, até porque um mau resultado, em certa experiência, vai repetir-se tantas e tantas vezes que chegará à estafa e, enfim, despertará uma reação natural em sentido contrário.

Vamos, pois, reconhecer que a par da evolução no sentido físico e intelectual corre a evolução dos seres no sentido moral, evolução que se processa num plano de vistas superior mas obedecendo ao mesmo mecanismo e que tem de magnífico o fato de realizar-se em todos os graus de desenvolvimento dos seres, nos atrasados por via das faculdades instintivas, nos humanos pelo instinto e pela razão. A esta altura poderíamos estabelecer os termos desta igualdade: "Estado de natureza" mais "Experiência acumulada" igual a

"Estado de progresso*. Ora, acumular experiência é aprender. Assim, evidenciamos um belo aspecto da luta que a vida representa, destacando o valor do aprendizado. O mundo é, pois, essa bela escola de aprimoramento em todos os sentidos. A Educação é aqui o processo e a Repetição o mecanismo de ação desse processo que condiciona o aperfeiçoamento.

Nessa ordem de raciocínio vamos seguir um pouco adiante.

A Lei Natural é universal. Seu mecanismo de ação é necessário e suficiente para o processo em vista. Por ser universal, não se realizaria apenas cumprindo um determinismo atávico e biológico. Não interessaria primordialmente ao corpo ou quicá à mente humana como função de energia animal sem que se refletisse sobre a inteligência imortal, o Espírito, que sobrevive para cristalizar o fruto do seu esforço, o adiantamento espiritual.

A repetição das existências cumpre o mesmo fim. É imperativo lógico e aí está presente, por um lado, para ajustar-se ao espírito da tese em si. Por outro lado, para dar ensejo a que cada Espírito, cada ser possa continuar sua marcha de ascensão usufruindo ele próprio benefícios porque se haja esforçado. E já estaremos, se nos alongarmos, penetrando a área de outra Lei Natural, a Lei do Mérito.

LAÇOS DE FAMÍLIA NA REENCARNAÇÃO

Recebermos em casa uma visita ilustre e cara aos corações, diríamos honrosa, importante, é sempre uma festa, motivo de grande alegria. Pois bem, recebermos no lar um Espírito que o teria escolhido para lhe servir à evolução, confiado na orientação, no zelo, nos cuidados que irá receber no seio da família será por todos os títulos muito mais auspicioso. O corpo vai proceder do corpo na sua função geratriz. Haverá aquilo que se chama consangüinidade. Pelas leis vigentes paternidade e filiação, num contrato tácito de direitos e deveres. Muitas vezes serão Espíritos simpáticos atraídos pela afinidade, pela identificação de sentimentos e de aspirações, daí sobretudo a parecença moral, de gostos e tendências. Ou, pela necessidade de aprendizado, o Espírito terá escolhido a família onde espera obter desde cedo a educação que lhe é necessária a partir, diremos, da escolaridade do lar. Disseram os Espíritos a Kardec que "um Espírito imperfeito pode pedir bons pais, na esperança de que os seus conselhos o dirijam por uma senda melhor, e muitas vezes é atendido" (questão 209 de "O L dos Espíritos"). Desajustados têm, pois, oportunidade de socorro nos lares equilibrados. Por outro lado, por

abnegação, bons Espíritos aceitam encarnar em lares em desajuste para ajudá-los por sua vez. Amigos ou adversários do passado, parentes ou não que tenham sido, podem vir a sê-lo algum dia. No lar ou através dele quantas vezes criaturas convivem entre si pelo nascimento ou pelo matrimônio com a bênção do esquecimento, a inocência da infância e a inspiração providencial de protetores, que sempre os há, selando com amor o reencontro com que antigas rixas se apagam, ódios são extintos, desentendimentos caem no olvido. Daí que os laços se ampliam. E é ainda infelizmente que, em outras circunstâncias, de certa forma nas asas de algum vago pressentimento ou recordação, lembranças pouco felizes teimam em ressurgir, prejudiciais à harmonia, se não houver a necessária compreensão por parte dos integrantes do lar...

"Como poderíamos voltar ao cenário terrestre a fim de, ao lado de companheiros de outras jornadas, concluir programas individuais ou coletivos apenas esboçados ou simplesmente iniciados? Como nos reabilitamos perante almas que, situadas em nossa estrada evolutiva, na condição de filhos e esposas, parentes e amigos, tiveram suas vidas e seus destinos complicados pela nossa desatenção aos preceitos do Evangelho?" ("Estudando o Evangelho", Martins Peralva). Estes pensamentos estão acordes com a tese da multiplicidade das existências. Se admitíssemos o Espírito recém-criado a cada vida que surge, sem nenhum aprendizado anterior, sem méritos ou deméritos, sem considerar a injustiça das diferenças de sorte e de oportunidade, tão-só o prodígio da aquisição instintiva de hábitos e costumes, da integração ao ambiente moral e social do lar e da sociedade, embora parecesse simplificar o

problema, esbarraria antes na diversificação das tendências, das habilidades, da inclinação de cada um, das idéias inatas, no conflito dos desajustamentos no lar, na desigualdade de ordem intelectual e moral igualmente significativos tantas vezes. E lá sairíamos, nesse caso, vela acesa, à procura dos genes dos antepassados para neles vislumbrar razões dos desencontros... Ou nos processos patológicos de outra ordem, mas pondo sempre de lado naturalmente as leis de equidade e de justiça de origem divina. Difícil encontrar, por exemplo, nas disgenesias a genialidade, sobretudo a genialidade precoce. Ora, o senso equilibrado não recebe muito bem o milagre, nem a ciência tampouco... Querem uma razão para o que acontece. Resistem os céticos, porém, àquela que lhes oferecemos de bom grado.

E porque estamos focalizando o lar e a família, admitem que a idéia de reencarnação afetaria os liames da consagüinidade, deixando esta de ter a importância que a tradição lhe atribui. Fala-se tanto nas tradições de berço... Foi esse o motivo da questão 205 de "O L. dos Espíritos" a que responderam os Espíritos: "- Ela (a Reencarnação) os amplia (amplia os laços) ao invés de os destruir." E explicam: "Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A Reencarnação amplia os deveres de fraternidade, pois no vosso vizinho ou no vosso criado pode encontrar-se um Espírito que foi do vosso sangue." Mas a questão prossegue: "- Ela diminui, no entanto, a importância que alguém atribui à filiação, porque se pode ter tido como pai um Espírito que pertencia a uma outra raça ou que tivesse vivido em condição bem diversa". Resposta: "- É

verdade; mas essa importância se baseia no orgulho. O que a maioria honra são os títulos, a classe, a fortuna. (...)' Kardec insiste (206):"- Desde que não há filiação entre os Espíritos descendentes de uma mesma família, segue-se que o culto dos antepassados seria coisa ridícula?" Resposta: Não, seguramente. Devemos sentir-nos felizes de pertencer a uma família na qual encarnam Espíritos elevados. Embora os Espíritos não procedam uns dos outros não é por isso menor a afeição que possam ter, atraídos pelas simpatias ou por ligações anteriores."

O que se poderá dizer depois de tudo isso é que a tese materialista que pretende desconhecer os vínculos do lar e da família, liberando os pais dos compromissos com os filhos, transformando aqueles em simples máquinas biológicas a serviço do Estado, tese tida por avançada, é sumamente desastrosa e em nada natural.

Além de mais, sabemos hoje que nas colônias espirituais próximas da Terra os lares terrenos são como que reconstituídos, de certo modo; que há princípios de ética e de respeito entre os seres pelo menos a partir de certo estágio evolutivo. Unem-se os Espíritos, senão pelo amor, até pela força magnética dos compromissos assumidos, esses e aqueles.

Diz textualmente Kardec que os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de ajudá-las na medida do seu poder, freqüentemente bastante limitado. Mas adverte a questão 517 da obra fundamental: "- Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e são unidos por afeição, mas não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças."

O que se pode então afirmar é que a Reencarnação, antes de destruir pelo contrário amplia e consolida aqueles laços, aproximando-nos das aspirações superiores em termos da família universal. Hoje em dia pode isso parecer um sonho utópico, mas forçosamente se há de dilatar lentamente este ideal sem prejuízo dos elos que já se estabeleceram.

Ouçamos Leon Denis em "O problema do ser, do destino e da dor", página 290 da tradução vernácula: "A doutrina das reencarnações aproxima os homens mais do que qualquer outra crença, ensinando-lhes a solidariedade que os liga a todos no passado, no presente e no futuro. Diz-lhe que não há, entre eles, deserdados nem favorecidos, que cada um é filho de suas obras, senhor de seu destino. Nossos sofrimentos, ocultos ou aparentes, são conseqüências do passado ou também a escola austera onde se aprendem as altas virtudes e os grandes deveres."

PENAS ETERNAS E SALVAÇÃO

Atribui-se ao grande profeta hebreu Ezequiel, que vivera muitos séculos antes do Cristo, esta sentença lapidar: "- Deus não quer a morte do ímpio, mas que ele se salve e tenha a vida eterna." Evidentemente, se Deus quer assim acontece.

A propósito, recordemos alguns conceitos de *salvação*: Pôr-se (alguém) fora de algum perigo; escapar de um perigo ou ameaça; redenção, remissão, libertação; caminho; ascensão à felicidade. Nestes amplos sentidos da palavra, diremos que a Doutrina Espírita aceita o conceito de *salvação* e para tanto temos o lema conhecido: "Fora da Caridade não há salvação". Está na prática da Caridade o caminho da redenção. No entanto, no instante em que se tome o termo em sentido restritivo, ou seja, o de que muitos se salvarão e outros não, pecando pela idéia de um Deus iníquo, nesse caso a Doutrina aí não se enquadra, não deverá ser apresentada como salvação esta. Ora, somente um "deus" humanizado, parcial, sectário, perdoaria todas as faltas possíveis aos que optassem por sua "igreja", por sua grei, enquanto negasse salvação a justos e pecadores que não se abrigassem à sombra do seu ministério instituído na Terra (ou não proclamassem a sua fé no sangue

do cordeiro...). Raciocinemos com o que se encontra no Cap XV de "O Evangelho segundo o Espiritismo": "- Faz (Jesus) alguma distinção entre o que crê de uma maneira e o que crê de outra? Não, Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que tem amor ao próximo, sobre o ortodoxo a quem falta a caridade." Não bastaria crer, nem mesmo proclamar essa crença sem o testemunho prático dos exemplos. E Paulo diria: "- Se eu tivesse toda fé capaz de transportar montanhas, mas não tiver caridade (ou, não tivesse amor, querem outros traduzir) nada sou". Remontando ainda ao velho Paganismo, dele trazendo revigoradas as noções do Inferno literalmente falando; e de certo modo o sectarismo mosaico, as grandes religiões ditas e havidas por cristãs aceitam a idéia de salvação em contrapartida com a de condenação aos suplícios eternos. Insistimos em evidenciar a profunda diversificação em termos filosóficos das doutrinas espiritualistas, em que pese a identidade no que tange ao conteúdo moral que orienta a conduta, a ética traçada. Essa diferença muitos espíritas há que dela não se apercebem. O Espiritismo traz-nos uma compreensão nova, posto que profundamente amorável e integrada no pensamento crístico. Nem o niilismo inconsequente nem a iniquidade nas leis divinas. Temos um juízo próprio, o de nossa consciência, e se retificada é recompensadora de todo o esforço de séculos e de milênios a prol do aperfeiçoamento do Espírito, esforço que o faz a um tempo parcela viva da Criação Infinita em sua função co-criadora. E porque é Espírito, e porque é co-criador, faz-se, assim, à imagem e à semelhança do Pai. Não porque o Pai tenha cabeça, tronco e membros...

Todas as penas são temporárias e o mais infeliz dos penitentes aguarda as bênçãos da redenção no acrisolamento das dores através da expiação. O arrependimento, é bem de ver-se, não opera o milagre da ascensão imediata, embora lhe constitua o primeiro passo no longo trabalho de refazimento, com os valores da perseverança e os testes das provas indispensáveis à reparação. Anotemos ainda que a encarnação não é, como poderia parecer, *punição* em si mesma, mas fundamentalmente condição de progresso. Nenhum Espírito se há isentado desse *caminho*, é bom lembrar, e os anjos ou serafins correspondem, na classificação espírita, aos Espíritos puros, isto é, àqueles que já chegaram lá. Não foram privilegiados com a perfeição pela graça, sem esforço, sem conquista. Pergunta Santo Agostinho-Espírito à altura da questão 1009 de "O. L. dos Espíritos": "- Não é sublime a justiça unida à bondade, que faz a duração das penas depender dos esforços do culpado por melhorar-se? Nisso se encontra a verdade do preceito: *A cada um segundo as suas obras.*"

Estes novos esclarecimentos terão sido aqueles adiados ao tempo do Cristo, quando ele próprio afirmou: "- Há muitas cousas que não posso dizer agora, porque vós não as compreenderíeis." Voltando à obra acima citada, ouçamos Kardec: "- Estava reservado ao Espiritismo dar sobre todas essas cousas a mais racional explicação, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a mais consoladora para a Humanidade. Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso e que encontramos o nosso purgatório nas vidas corpóreas." E esse purgatório está relacionado

à luta interior com que o desfazemos das próprias imperfeições...

São reflexões eticamente superiores àquelas de que tratam os minuciosos exegetas bíblicos no esforço de interpretação dos chamados textos sagrados. O Espiritismo se liberta das peias das traduções forçadas e foge às adaptações que são feitas para servir às novas e velhas escolas de dominação religiosa. Sem fugir às divinas mensagens, projeta a luz que faltava ao esclarecimento amadurecido e coerente. Essa é a Verdade que nos fará livres.

A GRAÇA E A SALVAÇÃO

São conhecidas as diferenças fundamentais de entendimento filosófico quanto ao destino da criatura humana nas concepções materialista e espiritualista. Mas há também diferenças, que é preciso considerar, entre as diversas filosofias de escolas que chamaremos aqui "salvacionistas" e a Filosofia Espírita.

O materialista não admite o Espírito independente da matéria e, assim, a sua sobrevivência. Crê apenas na sobrevivência da espécie, da raça, do grupo social, da pátria, da Humanidade, do ser através da descendência, e se se pode falar em sentido ético de seu comportamento, parece revestir-se do orgulho de sua própria condição. Reconhece a existência do dualismo Bem/Mal no que respeita à vida biológica e social. O mal, nesse caso, é inerente ao homem. Nada crê existir antes e depois da vida física e naturalmente única. Assim, não havendo vida futura, a felicidade é feita de gozos materiais na Terra mesmo.

Há diferentes formas de entender a sobrevivência da alma. Ainda hoje conceitos herdados do paganismo politeísta, do mosaísmo monoteísta, adaptados à Boa-Nova do Cristo

pregam a salvação de uns em detrimento de outros. Pregam a salvação da criatura como o alvo a atingir e não o progresso espiritual; uma salvação que tem em contrapartida a perdição irremediável. Apresentam as seguintes bases:

Admitem o Espírito (ou alma) independente da matéria e a ela sobrevivente. Também a existência de anjos criados perfeitos e portanto privilegiados. Acontece que alguns desses seres perfeitos ter-se-ão rebelado contra o Criador, passando a constituir-se nos "anjos" do Mal... Reconhecem, em plenitude, as leis morais que regem a vida. Admitem que a alma seja formada para o corpo; e a unicidade da vida física. Também a separação definitiva dos bons ou eleitos e dos maus, eternamente condenados ao Inferno. Ainda que haja um Juízo Final, no final dos tempos, e a ressurreição de todos *na carne*. O arrependimento extemporâneo de nenhuma forma comove a Deus em sua misericórdia. A felicidade, nesse caso, resulta de uma graça e é destinada apenas aos eleitos, que estarão contemplando Deus face a face em seu trono de glórias (antropomorfismo). Por sua vez, admitem um senhor do Mal, o príncipe dos rebelados, tão poderoso em seu mister quanto Deus e cuja falange alicia almas para a perdição. Crêem na absolvição do pecado pelo arrependimento manifestado no confissãoário, ou no testemunho da Fé, ou ainda pelas indulgências.

Comparemos agora esses mesmos pontos doutrinários com os princípios espíritas. Todo Espírito, sem exceção, é criado simples e ignorante, devendo progredir continuamente. Pode perseverar no erro por tempo indefinido, mas não retrograda. A perfeição é incompatível com a manifestação de rebeldia.

Reconhecem-se as leis morais que regem a vida em todos os planos. Entendemos que a Justiça Divina é equânime e a Bondade Infinita, com oportunidades de arrependimento, resgate, reparação e crescimento espiritual. Haverá encarnações sucessivas, justificando-se as vicissitudes da vida não como simples castigo, mas por escola de aperfeiçoamento. Essa, a verdadeira forma de ressurreição ("na" carne e não propriamente "da" carne).

Os Espíritos mais elevados gozam da felicidade em qualquer parte onde se encontrem, por ser inerente às suas qualidades e estar em relação com o progresso realizado. Só existe um único Senhor - Deus - e Ele quer que todos se salvem e tenham a vida eterna:"- Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou (a humanidade terrena) se perderá." Jesus.

Admite a Lei do Mérito. A graça divina não abre exceções ou privilégios.

Embora o Espiritismo nos fale em salvação ("Fora da Caridade não há salvação") percebe-se que há aqui um outro sentido não restritivo. E embora fale na graça divina, dá-lhe o sentido de bênção e não de protecionismo. Voltaremos ao assunto.

IMPERFEIÇÃO E ARREPENDIMENTO

Para seguir a fieira dos raciocínios dentro da ordenação espírita é preciso definir alguns termos, voltando a alguns pontos já referidos em pronunciamento anterior. A palavra GRAÇA abarca diversos sentidos. É uma forma de indulto, perdão, redução de pena. Diz-se "estado de graça" o estado da alma livre do pecado. Ou o dom especial concedido por Deus às almas eleitas. A Igreja estabeleceu indulgências ou graças para os seus fiéis, como se concedidas por Deus, por intermédio do Cristo, pela salvação eterna das pessoas. E estas (apenas estas) estão livres da perdição, isto é, dos caminhos do Inferno. Ou a pessoa implora a Deus a graça de vencer as próprias tentações, no que faz muito bem, aliás. Retirando da palavra o estrito sentido sacramentário, leremos em "Agenda Cristã" (André Luiz) - F. C. Xavier) que "a graça do céu não desce a esmo, tem que ser merecida." E "No Mundo Maior": "A graça celestial é como o fruto que sempre surge na fronde do esforço terrestre: onde houver colaboração digna do homem, aí se acha o amparo de Deus. Não é a confissão religiosa que nos interessa no sentido fundamental, senão a revelação da fé viva, a atitude positiva da alma na jornada de elevação." (A.

Luiz). Podemos, todos nós, pedir a Deus a graça (ou a bênção) de obter paciência e resignação.

Não foi o sangue de Cristo que nos salvou, até porque não estamos salvos na verdade. Nem salvos nem perdidos. Nem o estaremos. O seu sacrifício é abençoado testemunho de luz para toda a Humanidade e cada um de nós encontrará através dele, pelo esforço próprio, o caminho do aperfeiçoamento incessante ("Eu sou o Caminho...").

Salvação é caminho, passagem, libertação, ascensão à felicidade, redenção, remissão, resgate. E a esse caminho e a essa felicidade chegaremos todos mais cedo ou mais tarde. Se essa salvação for tida por específica em detrimento do esforço, do mérito, em confronto com a idéia de perdição, se for privilégio de uns, de crença, a Doutrina Espírita não deverá incluir-se entre as "salvacionistas".

Consideremos agora a questão do arrependimento. Este não é uma chave mágica para o indulto divino, em função de oportunidades. Arrepende-se dos erros, reconhecê-los e desejar corrigir-se não habilita o aluno a promoção nem dá ao esportista a capacidade de triunfar na peleja sem antes os exercícios que o conduzam ao aperfeiçoamento, ao bom desempenho. Além disso, o que se arrepende em dado momento poderá voltar atrás deixando-se arrastar pelo antigo caminho se não vencer realmente as tentações do mal. O arrependimento puro e simples até mesmo não trará o alívio desejado quando apenas consequência do sofrimento, sem o qual a criatura estaria pronta a repetir os erros. Pode, pois, voltar a alimentar desejos inferiores se não estiver ainda transformado.

Pode considerar-se um arrependimento imediato à falta ou tardio. Um e outro podem expressar-se pelo medo do sofrimento (Deus castiga, vai para o Inferno) ou pelo desejo de reparação (Deus aguarda o filho pródigo). Na mesma existência, quando na vida corpórea, traz o desejo de adiantar-se e reparar a falta, ótimo. Se a nossa consciência reprova a imperfeição temos o indício de que se pode melhorar, mas não é verdade que se tenha elevado. Se o arrependimento surge na vida espírita (desencarnado) e é sincero, surgirá o desejo de reparação em outra existência. E nesse caso prepara-se voluntariamente para as provas e expiações necessárias. Os endurecidos no mal poderão ter expiações impostas como forma de despertamento e agradecerão mais tarde a intercessão, em seu destino, do Determinismo Divino, que impõe o Progresso. Sem dúvida, e não é demais enfatizar, o arrependimento não exonera a criatura de expiar o seu passado; apressa a reabilitação, mas não absolve. E a graça divina está presente na oportunidade de reparação. O desejo de melhorar-se nunca é inútil.

EXPIAÇÃO E RESGATE

Temos visto que o ARREPENDIMENTO das faltas cometidas, quando sincero, vindo com o desejo de melhorar-se, desperta no coração do sofredor esperanças novas, amenizando-lhe as dores e preparando-o para a reabilitação futura. Somente porém a reparação é que anulará o efeito do mal, destruindo-lhe a causa pela raiz.

Resgatamos nossas faltas através do processo que se chama EXPIAÇÃO. Seria como resgatar dívidas contraídas no sistema contábil das Leis Divinas. Começemos por anotar que uma expiação é sempre proporcional à gravidade da falta e segundo as circunstâncias, isto é, varia segundo a natureza e o gravame da falta. Por isso, uma falta pode proporcionar expiações diferentes segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais tenha sido cometida. Consiste ela nos sofrimentos conseqüentes a uma dada falta e até que os traços da mesma hajam desaparecido. É importante ainda considerar que as expiações são solidárias, muitas vezes, mas isso não suprime a responsabilidade simultânea dos faltosos, cada um isoladamente, individualmente.

Privações voluntárias escolhidas em nome de uma pretendida expiação nada valem por si, a menos que se processem pelo trabalho intensivo no Bem, verdadeiro e sincero. Por outro lado, o objetivo divino não é o sofrimento, este é a condição que tem finalidade reparadora. De forma que, se determinado Espírito perseverar em pensamentos desajustados, a sua expiação será mais longa e mais penosa, porque ele assim a torna. Cumpre-se o processo expiatório quer na vida corpórea, pelos sofrimentos físicos e morais que se lhe impõem; quer na Erraticidade, pelos sofrimentos morais decorrentes da verificação dos erros e da própria inferioridade, quebrantando muitas vezes o orgulho e o amor-próprio. De toda sorte, porém, a expiação é sempre temporária, remissível, misericordiosa, desde que visa ao crescimento dos valores do Espírito e por isso mesmo educativa em última instância.

As expiações, não há dúvida, levam ao resgate das dívidas. São um grande alívio por isso mesmo à consciência devedora. Constituem a porta da esperança que jamais se fecha ao devedor.

RESGATE, como vimos, é quitação, pagamento encerrado. Podemos pagar uma dívida tão logo a tenhamos contraído, ou pelo menos a breve prazo; e dessa forma nos eximimos de maiores ônus; ou mais tarde. E não valerão expedientes, como privações de gozos fúteis, uma vez que o mal provocado continue exercendo seus efeitos. Em "Missionários da Luz" (André Luiz - F. C. Xavier) há uma advertência preciosa: "As provas de resgate legítimo inclinam a alma a situações periclitantes e difíceis na recapitulação das experiências; todavia, não obrigam a novas quedas espirituais quando dispomos da

verdadeira vontade no trabalho de elevação." Um processo portanto de grande responsabilidade.

O resgate ZERA a dívida. Mas só a REPARAÇÃO começa a contar pontos positivos a nosso favor. Deixar de fazer o mal é importante; muitos há que se contentam em eximir-se da prática do mal, de atos condenáveis. Mas o mal não é reparado senão com o bem. E a omissão no bem constitui um mal em si mesmo. Conforme "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec, Cap VII, "a reparação se realiza fazendo-se o que se deixou de fazer, cumprindo-se deveres negligenciados ou desprezados, missões em que se haja falido; sendo humilde quando se foi orgulhoso, bondoso quando se foi duro, caridoso quando se foi egoísta, benevolente quando se foi maldoso, trabalhador quando se foi preguiçoso, útil quando se foi inútil, temperante quando se foi dissoluto, exemplar quando se deu maus exemplos."

Não reparamos nossos erros com privações pueris nem com doações post-mortem. A reparação consiste em praticar o bem para aquele a quem se fez o mal, dando-lhe tanto bem quanto mal se havia feito. Restituir em morte os bens que se usufruiu indevidamente em vida não repara o mal.

Fala-se muito ainda nas VICISSITUDES DA VIDA. Não constituem punição de nossas faltas, por bem dizer. Quando muito serão parte das provas escolhidas.

Muitas pessoas que têm hoje uma vida correta podem ser atingidas pelas exigências relacionadas a uma outra vida, por infração da Lei, embora capitalizassem atenuantes. Serão muitas vezes formas de advertências preciosas para não reincidirmos em erro.

Fato é que só retornamos ao caminho dos deveres impulsionados por algo que exercita a alma através de provas e testemunhos, pelo trabalho incessante e obstinado no bem ou pelo aguilhão do sofrimento, em suas diferentes intensidades. E por isso mesmo esses sofrimentos não haveria porque eternizarem-se. Isso não reabilitaria ninguém. E a reabilitação é o que deseja a Lei Divina. Dir-se-ia, como algum poeta, que o sofrimento é eterno... enquanto dure.

Quanto à REABILITAÇÃO, é preciosa a referência constante da questão 978 de "O L. dos Espíritos": "A recordação das faltas que a alma tenha praticado quando ainda imperfeita não perturba a sua felicidade, depois que se depurou?" R.: "- Não, porque ela resgatou as suas faltas e saiu vitoriosa das provas por que passou para esse fim."

Reabilitamo-nos - e o termo é bem claro - esquecendo o mal recebido, esquecendo-o de todo. E assim estaremos esquecendo os próprios males praticados, por entrarmos a essa altura numa outra faixa de pensamentos e de trabalhos. Sim, de trabalho, até porque teríamos que prestar contas de nossa inatividade, por si mesma incompatível com a felicidade do Espírito.

EVOLUÇÃO E DESTINAÇÃO

Conforme os termos da página de rosto de "O L. dos Espíritos", o Espiritismo se propõe ao estudo dos Espíritos, das leis morais, da vida presente e da vida futura e do porvir da Humanidade. Partindo do dualismo Espírito-matéria, coloca em equação a evolução dos seres em geral e a destinação do homem em particular. Equivale isso a dizer as finalidades da existência na Terra. Vai ainda além: perscruta a origem, a natureza, a longevidade da própria Criação, concluindo por identificar como objetivo último dos seres pensantes a perfectibilidade. Evidencia os sucessivos ciclos evolutivos. Vemos, em "A Gênese", que "o progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o alvo que devem atingir". Assim é que, segundo nos diz André Luiz na obra "Evolução em Dois Mundos", "O ser viaja no rumo de elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior tecendo, com os fios da experiência, a túnica da própria exteriorização segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições em milhões e milhões de anos..." E mais adiante: "O princípio inteligente gastou, desde o vírus e as bactérias

das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos".

Sabemos que os Espíritos são seres inteligentes extracorpóreos que povoam o Universo, individualização do princípio inteligente, criação permanente de Deus, por sua vontade, mas cuja essência ignoramos. São eternos, indivisíveis, mais ou menos radiantes; interpenetram sem obstáculo a matéria nas diferentes fases de agregação; evoluem da ignorância para o conhecimento pelos seus próprios esforços. Quanto a esse progresso, eis que nos defrontamos com um novo dualismo: ele se realiza através da inteligência e da moralidade. Nas etapas sub-humanas da vida inteligente, mal desabrochando, mal saído do estado potencial, latente, esse progresso se realiza contingentemente, ou seja, "pela força das cousas" (601/2 "O L. dos Espíritos"). Sim, pois em "A Gênese" leremos: "O Espírito não chega a receber a iluminação divina que lhe dá, juntamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualização". A essa altura, é bom lembrar ainda que "a Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, em mundos ainda inferiores" (707-b, "O L. dos Espíritos").

Estudaram o assunto do ponto de vista da vida física, a partir da definição ou do conceito de espécie, entre outros,

Linneu, com a primeira classificação e a nomenclatura até hoje usada, embora sofrendo correções; Lamarck, avançando sobre as origens das espécies e trazendo o conceito das adaptações pelas condições do meio; Malthus, evidenciando a luta pela vida e a sobrevivência dos mais aptos; Darwin, falando-nos da evolução e da seleção das espécies, dos transformismos; ombreando com ele, Russel Wallace também vê a seleção natural, mas, por ser espírita, tem uma visão maior, amplificada, avaliando a presença dos Espíritos, do princípio espiritual.

Ouçamos Leon Denis quando nos diz que "o sofrimento nos animais é já um trabalho de evolução para o princípio de vida que existe neles; adquirem, por esse modo, os primeiros rudimentos de consciência." ("O Problema do Ser..."). E nos diz mais: "Na planta a inteligência dormita; no animal sonha, só no homem acorda. O homem é a síntese de todas as formas vivas que o precederam." E, igualmente importante: "A evolução física é uma simples preparação para a evolução psíquica".

Jorge Andréa, em aulas no ICEB (ver "Anais") vê um princípio unificador espiritual buscando reunir moléculas dos corpos inorgânicos, formando um campo unificador. Fala de uma energia espiritual primária. Um psiquismo primário com experiências de idas e vindas do campo energético para o material e vice-versa, onde vislumbra os primeiros lampejos da lei palingenésica. Ampliando-se esse conceito, da química orgânica chegaremos a novos ciclos, já agora considerando a matéria viva. Voltemos a Denis quando nos diz que "a alma contém, no estado virtual, todos os germes dos seus desenvolvimentos futuros". E nos convoca a reflexões bem sérias: "Sem

a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem motivo*. Poderíamos supor, um momento sequer, toda a obra infinita da Criação sem a presença de seres espirituais que a contemplam e nela atuam permanentemente? Os mundos materiais teriam sido criados sem um objetivo pelo menos alcançável de nossa parte. Ora, crer em Deus e crer "que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo, seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar..." (607-a "O L. dos Espíritos").

Permaneçamos nessa linha de raciocínios e leremos em "O Céu e o Inferno" que "a felicidade não está na ociosidade contemplativa. Consiste no conhecimento e na compreensão de todas as cousas, na ausência de sofrimento físico e moral, na satisfação íntima, na serenidade de espírito, no amor, na visão de Deus e na compreensão dos mistérios revelados aos mais dignos. Mas também no exercício das funções ou atribuições, pelo grau de confiança que merece".

De tudo isso inferimos, com Leon Denis, e nunca é demais citá-lo: "TODAS AS DOUTRINAS ECONÔMICAS E SOCIAIS SERÃO IMPOTENTES PARA REFORMAR O MUNDO, PARA ALIVIAR OS MALES DA HUMANIDADE, PORQUE PÕEM SOMENTE NA VIDA PRESENTE A RAZÃO DE SER, O FIM DA EXISTÊNCIA E DE TODOS OS ESFORÇOS" (obra citada). Até porque a razão de ser da existência não seria em absoluto tão-só a felicidade terrena, por sinal tão fugaz. Nem, por outro lado, concebe-se a felicidade que não seja partilhada. Contudo, os obstáculos da vida material são fundamentalmente úteis ao progresso, que se opera tanto na vida física como na vida espírita. A felicidade estará na razão do progres-

so realizado. Ninguém foge à evolução, mas ocorre que uns avançam mais rapidamente, outros se arrastam, por seu arbítrio, demorando-se em estações de retardo. O progresso intelectual e o moral nem sempre andam juntos, predominando ora um ora outro, mas o equilíbrio há que estabelecer-se algures. A finalidade da vida na Terra é, pois, o somatório de experiências que representarão o esforço do ser imortal para adquirir méritos com que galga novos degraus evolutivos e, ao tempo em que se aperfeiçoa, integrar-se mais e melhor aos reclamos da Lei e à obra da Criação. As sucessivas existências encadeiam-se, guardando estreita relação em termos de aprendizado, variando a bagagem dos conhecimentos sedimentados de um para outro, de uma alma para outra. Entendamos então: o sofrimento não é em si a finalidade da existência na Terra, senão o meio, o instrumento mais fácil de se chegar a essa finalidade - o aperfeiçoamento do Espírito.

Distanciam-se, assim, as concepções do interesse imediatista que considera o momento, a disponibilidade dos bens da Terra, com vistas à dialética materialista, e a visão ciclópica que o Espiritismo nos permite. Não que o Espiritismo nos mande viver fora da realidade sensível, fora do mundo: viver o mundo como ele é, esforçando-nos por melhorá-lo - finalidade imediata; mas com as vistas voltadas, isto sim, para a finalidade ulterior da vida na Terra, isto é, aquisição de valores intransferíveis, inextinguíveis, que passam a constituir patrimônio do Espírito no caminho da evolução.

DESIGUALDADES: COMO ENTENDÊ-LAS?

Todos somos iguais perante Deus. Esta noção decorre dos atributos da Divindade. Não há seres privilegiados. Cumprem-se as leis naturais com inteiro rigor e justiça. Refletem isto as constituições de países democráticos, como o nosso, segundo as quais todos são iguais perante a Lei (os direitos e os deveres são iguais para todos).

Daí, então, por que as desigualdades manifestas? Por que as desigualdades de condições, de aptidões, de talento, talvez se pudesse dizer, de "sorte", entre as pessoas? Ora, pela liberdade que todos temos de progredir mais lenta ou apressadamente, responde-nos a obra básica da Doutrina. Dessa forma é que adquirimos méritos, que contam, por justiça. E aptidão para determinadas tarefas.

Imaginemos uma corrida esportiva. Por vezes os atletas partem todos de um ponto inicial. Ou adquirem a chamada "poli-position", contando vantagens já adquiridas. A primeira condição é a de simples e ignorantes, na expressão bem conhecida da Codificação. Mas nas experiências da vida vantagens e desvantagens se inserem na lei do retorno e, dentro do princípio do livre-arbítrio, cada ser se torna apto em

diferentes áreas de atividades ou por inclinação natural ou buscando atender a certas necessidades. As faculdades se ampliam em decorrência do uso e do esforço feito em desenvolvê-las. Estas não seriam por natureza desiguais, antes porém as aptidões em exercê-las. Diremos então que A ou B revelam aptidões inatas, trazidas do berço, para esse ou para aquele mister. Falamos em vocação. É bem verdade que as necessidades criam condições, tais aquelas básicas de sobrevivência. E ensejam a diversidade das funções a serem exercidas e, logo, desenvolvidas. Mas as opções, dentro do quadro das necessidades fundamentais, é que realmente nos conduzem a esse ou àquele caminho, dentro das perspectivas que se nos oferecem. Até mesmo se considerarmos as contingências que nos convoquem a uma readaptação profissional. Sempre presentes fatores que se diriam imponderáveis, ensejando o exercício de atividades tais, habilitando-nos, criando novas aptidões ou descobrindo-as. A desigualdade em que se manifestam as aptidões permite até mesmo que sejamos mestres e alunos ao mesmo tempo na grande escola da Vida.

Desde velhos tempos, sobretudo com o início da vida sedentária, observou-se a existência de classes sociais. Elas teriam nascido muito provavelmente em decorrência das desigualdades de aptidão para o desempenho de atividades essenciais. A essa altura, os mais aptos para determinadas tarefas lideravam os grupos humanos. A presença do líder está evidente até mesmo na faixa dos chamados irracionais... Mais evolucionados, adquiriam dessa forma poder, autoridade, maior soma de haveres materiais, desenvolvimento consequente das faculdades intelectivas. Começariam os desníveis.

E isso é um fato por bem dizer consagrado, decorrente do *modus vivendi* planetário, relacionado ao estágio evolutivo em que ainda nos demoramos. Não se trata de uma lei natural instituída portanto pela Providência, como faz a o Brahmanismo.

Sempre houve, poderemos dizer, com maior ou menor rigor, povos ou classes dominantes e dominadas, nações dominadoras e dominadas. E isso teve reflexos importantes na estratificação e na disseminação das culturas. Houve povos dominados politicamente que impuseram sua cultura aos dominadores, é interessante observar. No Egito os sacerdotes se distinguiram como uma elite. Elite cultural, política, social. Muitas vezes prevaleceram sobre a nobreza dita de sangue, isto é, a família real. É por demais conhecida a luta desenvolvida pela plebe contra a nobreza, haja vista a sangrenta reação do século XVIII desaguando na Revolução Francesa. A do operariado contra a burguesia, trazendo novas revoluções pretensamente socializantes, donde emergiram poderosas cúpulas opressoras. Mas a escravidão existiu e ainda por bem dizer existe. O "apartheid" ainda é manchete neste século que finda; e onde vem a instalar-se? Na África! A isso se somam outros casos de dominação do homem pelo homem ou do Estado sobre o homem. Porque o mundo está dividido em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, eufemisticamente ditos também "em desenvolvimento".

As desigualdades podem considerar-se uma condição inerente ao planeta. Já o dissemos. Pela desigualdade de recursos regionais e dos próprios valores humanos e da capacidade de gerirem esses valores. Mas é agravada pela ambição, pela astúcia, pela cobiça, pelo egoísmo desmedido.

É aqui então que interfere a Providência fazendo aos que abusam de sua superioridade experimentar em outra existência o cálice amargo de uma posição inferior. Tanto quanto enseja reparação ao espoliado, quando renasce herdeiro legítimo do que lhe fora subtraído em posição ou fortuna... O bom ou o mau uso das riquezas, das posições e dos cargos é a prova a que estariam submetidos uns e outros. O simples destaque de posição social gera ou facilita nos despreparados os sentimentos ainda não dominados de orgulho, de vaidade, de ostentação... Outras tantas paixões desordenadas.

Do ponto de vista das desigualdades sócio-econômicas, estas não precisariam ser tão radicais: a riqueza - aliada ao poder; a pobreza medianamente considerada; e a mais dolorosa miséria que chega a lances sub-humanos. Diz-se que Deus prova o rico pelo uso e o pobre pela resignação. Não podemos desconhecer a utilidade providencial da riqueza, não cabendo malsiná-la. Caberia aos ricos considerarem-se usufrutuários e administradores dos bens, sem o sentido possessivo que habitualmente os domina. Ampliariam os campos de trabalho sem servidão. A miséria dependeria de uma culpa direta pelo mau uso dos recursos disponíveis; muita vez prova escolhida ou expiação imposta. Não caberia então em nenhuma dessas hipóteses a cobiça dos haveres alheios; nem, por outro lado, uma resignação passiva, sem esforço de melhoria. Vence quem não se deixar abater, decidindo por um constante esforço de melhoria de condições de vida.

A igualdade absoluta contudo, seria uma utopia. Qualquer tentativa de estabelecê-la à força de lei ou de regime político-social esboroar-se-á virtualmente na realidade das

condições evolutivas da Humanidade. É das diferentes aptidões e graus de inteligência, de esforço, de previdência e de racionalização no uso dos recursos, de um planejamento, que nascerá o nosso desenvolvimento, como na parábola dos talentos. Mas uma tentativa de repartição absoluta de bens seria cedo rompida pelo desestímulo ao esforço.

JUSTIÇA HUMANA E DIVINA: - PECADO E PUNIÇÃO -

Quando se fala em justiça entre os homens fala-se do reconhecimento de normas de direito e em deveres ou obrigações que lhe correspondam. O primeiro dos deveres de cada um deve ser o de respeitar os direitos do próximo e da coletividade. A primeira das leis que devem reger o nosso comportamento é por demais conhecida: Fazer aos outros o que desejamos para nós. Deve ser a lei máxima vigente nos mundos adiantados. Essa é a única justiça que nos é lícito fazer com as próprias mãos.

A liberdade, que temos, de agir deve ir ao limite desse respeito à liberdade alheia e aos direitos do próximo.

Vejamos, de passagem, alguns direitos essenciais da criatura, sem esquecer que o Estado regula esses direitos e esses deveres e deve especialmente conhecer dos direitos naturais. Ora, o primeiro direito natural é o direito à vida. Fundamental. Dele vai decorrer uma seqüência de novos direitos que refletem essa condição. O do trabalho, por exemplo. Para que viva e desde que trabalhe, a criatura tem direito aos bens que o trabalho gera, essenciais à vida, à subsistên-

cia. Da mesma forma há que legitimar o direito à propriedade. A questão 884 de "O L.

dos Espíritos" considera legítima a propriedade que não decorre em prejuízo de outrem. Por extensão, inclui-se a herança legítima conforme estatuída em lei.

Todo desvio de comportamento em face das leis é um *ilícito*, variando o nível de gravidade conforme os códigos. A justiça, em qualquer esfera em que se constitua, vamos falar subjetivamente, absolve ou condena, por prática ou por omissão. Isso reflete o grande dualismo entre o Bem e o Mal, entre o certo e o errado, com que exercitamos o nosso aprendizado nas experiências da vida. À culpa corresponde o castigo. E há penas, menores, que implicam em ressarcimento, como as multas. As igrejas têm o seu sistema punitivo próprio, instituem penitências para os pecados veniais e mortais... Há quem apele para a autoflagelação por faltas de que lhes acusa a consciência, o mais secreto dos tribunais, antes mesmo do confessorário auricular. Outro tribunal severo é o do consenso geral. E finalmente o da Justiça togada.

Com a evolução das noções e do conceito de Direito, penalizar não é mais a finalidade da Justiça, mas a recuperação do infrator, propugnando-se por sua reabilitação e reintegração social. Pois bem, comparemos agora a Justiça humana com a pretendida Justiça Divina segundo certos cânones. Começemos por nos reportar ao Paganismo, com as velhas idéias, muito humanizadas, de penas e de recompensas, a partir do princípio da sobrevivência. Para isso, os antigos construíram, para os seus deuses, o Tártaro e os Campos Elísios... Vieram as Escrituras e em sua linguagem alegórica

retrataram as velhas teses arraigadas nas tradições populares. Foi o bastante para que as teologias, nascidas daí, ratificassem as punições admitidas, tais e quais, a serviço da idéia realmente inata de justiça, mas lamentavelmente sem o bafejo do Amor, que o Cristo nos comunicara.

Um juízo inapelável condena à pena irremissível, que não aproveita a ninguém, quem pecou muitas vezes por ignorância. Sobre ser uma blasfêmia, essa perenidade é antes de mais nada desamor atribuído ao Amor Infinito. Outra injustiça estabelecida é a da punição das faltas dos pais nos filhos e outra não é a versão do indigitado "pecado original"... Em contrapartida, pretendeu-se eximir de culpa aos redimidos pelo sacrifício do Cristo. Teria Ele vindo ao Mundo, não como o Caminho da Verdade e da Vida, mas como um cordeiro pascal cujo sangue lavaria os pecados do mundo. Mas os pecados continuam, correndo-se o risco de se tornar inútil tamanho holocausto. E ainda assim, o arrependimento na hora da morte, confessado a autoridades de Igreja, pode pura e simplesmente levar ao Paraíso qualquer que tenha praticado crimes... Absolvição ex-officio.

Temos ainda: Os felizardos que por méritos granjearam os Céus poderão deliciar-se ainda mais, isto é, diante da contemplação à distância dos suplícios infligidos eternamente aos maus... O fogo do remorso transforma-se no fogo do Inferno, aquele que queima e jamais carboniza...

Eis que chega, porém, a hora da razão e com ela um clarão de esperanças. A Justiça Divina é irrevogável sim, mas compreende a própria misericórdia. No concerto harmonioso da Teoria Espírita ajustam-se todas as leis naturais ou divinas,

indicando-nos os caminhos da reabilitação através das oportunidades de resgate, da reparação das faltas e da ação efetiva no Bem, roteiros da Evolução. Os sofrimentos não expressam um castigo, pura e cruelmente, mas têm uma tarefa altruística a cumprir se os pudermos valorizar em sua função educativa.

Contra todos os argumentos das teologias do Céu e do Inferno, contra todas as visões diabólicas das autoridades eclesásticas, sobrepara aquela sentença meridianamente clara de Ezequiel XXXIII-11: "Juro por Mim, diz o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas que se converta, que deixe o mau caminho e que viva".

Um dia entenderemos todos a Justiça Divina e compreenderemos como distanciados estão os juízos humanos.

JUSTIÇA DIVINA E O ENTENDIMENTO HUMANO

É inata a idéia de justiça e ela se manifesta quer muitas vezes em nossas ações mais simples quer na repulsa instintiva que sentem as pessoas de boa formação diante de qualquer ato em que se manifeste uma injustiça mais ou menos flagrante. E essa idéia ou esse senso começa pelo sentimento de respeito humano, de solidariedade, de preocupação com o semelhante e vale também como uma garantia, um premonir-se, um cuidado com que, com alguma antecipação, resguardamos os nossos próprios interesses. Se alguém junto a nós está ameaçado ou sofrer danos em seus direitos ou haveres, potencialmente nós outros estamos sem garantia e assim nos achamos de certa forma tão ou quase tanto lesado quanto o outro. Daí as medidas gerais que procuram resguardar a ordem social. E porque falamos em ordem, toda ordem obedece a um propósito, a uma razão de ser das cousas. E evidencia uma lei, muitas vezes implícita.

Também nos fatos da Natureza a razão de ser é expressa por leis reguladoras que são, portanto, leis naturais, por definição. Em se tratando de natureza física, lógico, essa razão de ser é o equilíbrio das forças que entre si reagem. Ao

estabelecer a grande Lei da Atração Universal, o gênio de Newton vislumbrou uma lei a que obedecem forças muitas vezes descomunais, que mantém o equilíbrio de todos os sistemas e galáxias.

Mas não existem apenas matéria e forças físicas. Existe um princípio espiritual no Universo compondo o chamado mundo inteligente. E as leis que lhe dizem respeito conceituamos como sendo leis de ordem moral ou simplesmente leis morais. Ao enunciar a grande Lei do Amor que terá de unir todas as criaturas, o Cristo estabeleceu para nosso entendimento e para nosso governo a lei suprema desse que chamaremos o *Universo moral*. São imutáveis as leis fundamentais de ordenação divina, regendo os fatos naturais. Imutáveis e inderrogáveis. Delas decorre fundamentalmente a Justiça Divina.

Não é dado ao homem alcançar de todo o entendimento a Justiça Divina, em sua absoluta isenção e equanimidade, Justiça essa portanto onde não há lugar para privilégios e graças especiais incompatíveis. E é exatamente dessas expectativas que surgem as diversas interpretações ao sabor das tendências e dos juízos humanos. Certo, as primícias da Lei são intuitivas: "- As idéias de Deus, da sobrevivência, e do bem e do mal existem e sempre existiram entre todos os povos. A lei de Deus está escrita na consciência do homem como a assinatura do artista em sua obra". H. Pires (em nota de rodapé em "O L. dos Espíritos", tradução vernácula).

No que respeita agora às leis que disciplinam o relacionamento humano, muitas delas dependem dos costumes estratificados e as diremos consuetudinárias; outras são insti-

tuídas, explicitadas e estas sobretudo atendem a reclamos do momento, muitas vezes. Por outro lado, podemos falar de uma moral absoluta ou substantiva, que reflete desígnios superiores e de uma 'moral* ou *forma de ver as cousas* segundo conveniências nem sempre confessáveis.

A Justiça humana se ressentida da adaptação das duas, embora se verifique modernamente uma tendência para o princípio igualitário. E estabelece a autoridade, com o direito de coagir para assegurar a ordem social. Há alguns anos atrás advogava-se o direito de revide, justificavam-se o duelo e coisas que tais. E as noções preliminares de ética e de dignidade são ainda hoje adaptadas a interesses determinados. Um exemplo desse critério, a doutrina de que os fins justificam os meios. Os julgamentos ainda estão sujeitos a paixões, confundindo-se os sentimentos e criando-se ao mesmo tempo direitos convencionais, até alguns espoliativos. Algo evolui no entanto.

Quanto à instabilidade das leis humanas, esclarece "O L. dos Espíritos" na questão 795: "- Nos tempos de barbárie são os mais fortes que fazem as leis, e as fazem a seu favor. Há necessidade de modificá-las à medida que os homens vão compreendendo melhor a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, quer dizer, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural."

De alguma forma, é importante o reclamo de ordem, de disciplina no relacionamento social e isso implica nas leis e normas de nossa vida dentro do ângulo de outra lei natural, a da solidariedade. Sem disciplina a liberdade se confunde com

a liberalidade e esta facilmente descamba para a libertinagem, onde as ações humanas se aviltam, podendo chegar a níveis incrivelmente baixos.

A Justiça humana os próprios homens a constituíram cega... Isso para que seja exercida com inteira isenção. Mas, com as luzes do Evangelho, ela pode ser serena, praticada com Amor e com o espírito da Caridade.

Enfim, nas relações humanas, a justiça se fundamenta na moral, nos bons costumes e no respeito ao próximo e à sociedade. E tudo isso é, em última consequência, um pálido reflexo da Justiça maior, intuitiva na memória dos povos. As defecções ficam por conta do nosso despreparo.

LIBERDADE E IGUALDADE COMO LEIS NATURAIS

Liberdade e igualdade são ideais nutridos por todos os povos em todas as épocas. São conquistas da civilização, a duras penas. A Revolução Francesa proclamaria "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Na expressão encontrada em "Obras Póstumas" este lema constitui o programa de toda uma ordem social que, uma vez aplicado, representaria um progresso efetivo da Humanidade. E ali mesmo Kardec nos diz que sem fraternidade não poderá existir nem igualdade nem liberdade verdadeiras: "A igualdade decorre da fraternidade; e a liberdade é uma consequência das duas".

Diremos que Liberdade e Igualdade não são meros anseios, mais que isto, são leis naturais. Muito embora, consideradas pela visão humana, no panorama terreno, parecem-nos desfiguradas pelas circunstâncias que nos cercam.

Como lei, a de Liberdade está relacionada a um princípio, o do arbítrio. E assim como o arbítrio não é ilimitado, também a Liberdade não é absoluta, antes relativa. E como o livre-arbítrio se faz equilibrar com o determinismo no módulo das ações humanas, a Liberdade deve fazer reger-se pelos princípios de disciplina, de respeito, de equilíbrio na hierarquia

das conveniências. Entre a pretensa idéia de liberdade plena e a opressão do mais forte sobre o mais fraco transitaram as grandes revoluções sociais, lutando por um equilíbrio. Mas o anarquismo não coube nem caberá na Terra, como nos Planos do Mais Além. Certo e conhecido é que a liberdade individual deve ir até o limite da liberdade alheia nos parâmetros do direito natural. E mesmo isso que estabelece o art. 4º da Declaração dos Direitos Humanos. Necessário saber usufruir das prerrogativas de liberdade sem cair nas faixas do desajuste. Direcionar a nossa vontade disciplinando-a para fins justos e alcançáveis. Muitas causas, a princípio nobres, se perdem por desconhecimento destas regras tão simples. Acontece que o critério com que medimos as nossas tendências e as nossas ambições é algo subjetivo e muito pessoal. Advoga-se, por exemplo, a liberdade que deveríamos ter de fazer tudo que bem entendêssemos, de modo a que não se criassem certas frustrações. Sobretudo com vistas à criança e ao jovem... Mandam certas escolas que assumamos desvios e incorreções... Admitem que seja necessariamente bom para nós tudo a que os impulsos nos levam. É aí que muitos tropeçam. Leia-se as questões 463/4 de "O L. dos Espíritos". Melhor fora muitas vezes sejam as criaturas instruídas, com os recursos de uma Educação bem conduzida, a quererem exatamente aquilo que lhes seja realmente bom. Não é verdade que os meios de propaganda aí estão na ingloria faina de nos induzir aos vícios ditos sociais, de bom tom, no afã do consumismo, não nos instruem diariamente nos mínimos pormenores sobre a boa técnica da violência e sobre o sexo desfigurado? Não estaria tudo isso causando frustrações? Ou só o que é correto

é realmente frustrante? Não teríamos, ao que parece, a liberdade ou o direito de agir certo, para estarmos em dia com a moderna sociedade... Falamos então em liberdade com responsabilidade. Nossos guardiães inspiram-nos sempre boas ações, sem contudo coibir-nos a liberdade. "- Deus deixa à nossa escolha a rota que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós" (questão 209 de "O L. dos Espíritos").

Onde reinaria, absoluta, a Liberdade? - No pensamento, posto que nos é dado rejeitar aqueles que não se afinizam com os nossos, com a nossa maneira de ser. Temos a liberdade de escolha, o direito de opção, a partir do momento em que examinamos a natureza das provas por que iremos passar a cada existência. E esta decorre por sua vez da liberdade que tivemos na escolha de nossas ações e das intenções que as nortearam. Uma escolha, portanto, determinada pela Lei da Ação e Reação ou da *repercussão*. Condicionada. Decorrencia da liberdade bem ou mal desfrutada, ou seja, o fruto do bom ou mau uso desse atributo.

Ao falarmos algo sobre a liberdade de opção, a liberdade de pensamento, esta única até certo ponto inviolável, é bom referir-nos, de passagem ao menos, à liberdade de expressão, nem sempre reconhecida, a critério e por interesse dos grupos dominantes.

Sem detrimento embora das contingências da vida física e da influência moderadora do organismo, a liberdade de que goza o Espírito está diretamente ligada ao estágio evolutivo, relacionada aos conhecimentos alicerçados, donde a expressão: Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.

FATALIDADE E CAUSALIDADE

Começemos procurando estabelecer certas distinções ou diferenças entre termos antes de nos prendermos aos mesmos. Entenderemos por fatalidade tudo quanto, na marcha dos fatos, seja inevitável, superiormente imposto. Fatalista é o que entende o destino como inexorável. Dir-se-á um determinismo total e absoluto. Ou então se pode dizer que o *fatalismo* é a doutrina do inexorável, enquanto o determinismo é conseqüente, subordinando os fenômenos a causas que o determinam. O *determinismo* então negaria rigor absoluto ao fatalismo, limitando-se a afirmar que os fatos se subordinam não ao que seria um fatalismo cego, mas a uma série de motivos ou causas, como numa composição de forças. Surge então daí um outro princípio a considerar, o da causalidade, de acordo com o qual todo fato decorre de uma causa que lhe faça sentido, isto é, que lhe corresponda. A essa altura das reflexões cairá por completo a idéia de "acaso" como razão dos fatos. Haveria sempre um motivo para os fatos serem como estão sendo e não de um outro modo. Em termos de atividade humana, por sermos seres inteligentes, deflui daí outro princípio, o da responsabilidade. Para que haja responsabilidade,

porém, importa ainda outro fator decisivo, o da liberdade. Temos liberdade de agir, certa liberdade de opção, o que é fundamental, e assumimos daí a responsabilidade pelas consequências de nossos atos. Para isso, dispomos de um instrumento, a razão, que nos deve iluminar a consciência.

O determinismo submeteria a liberdade a condições determinantes. Há limitações na nossa escolha. Estaria, a rigor, querem alguns, opondo-se ao livre-arbítrio (à liberdade que uma alma teria de construir o próprio destino). Veremos no entanto que o Espiritismo sabe e pode conciliar as duas escolas.

Ora, sem a liberdade, mesmo condicionada, seríamos autômatos, como marionetes sob os dedos de um destino cego e irreverente. E sobretudo irresponsáveis... Sem méritos, sem deméritos.

Manda a própria razão, na observação dos fatos, reconhecer tanto na experimentação da Física, da Química, da Biologia como da Matemática e da Moral, da vida social, a estreita relação de causa e efeito da qual se tiram as próprias leis científicas. Há, sim, um determinismo nas leis, em termos de consequências e essa circunstância não se choca em absoluto com a liberdade de gerir as causas. Gerimos causas e geramos consequências.

Se não há um inapelável destino prefixado, porque o construímos nós mesmos, haverá pelo menos um predestino, dentro de certas regras de probabilidades. E é dentro deste esquema que se podem entender as premonições. Sofre o homem igualmente as chamadas vicissitudes da vida física e aqui se poderia ver algo de uma fatalidade, como a fatalidade

dos ciclos vitais e da morte física. A Doutrina Espírita se opõe formalmente à idéia do acaso, da fortuidade, mas dimensiona em justas proporções todas as teses aqui levantadas. Mostra-nos um gradualismo entre o determinismo de um lado e o livre-arbítrio do outro como se fossem extremos de uma corda que devêssemos atravessar de ponta a ponta como fazem os equilibristas. À medida em que avançamos vamos assumindo maior autodomínio, maior liberdade de movimentos e maior responsabilidade quanto a eventuais fracassos.

Negamos que alguém seja predestinado ao mal, não admitindo a fatalidade na prática ou no cometimento desses ou daqueles atos. "A fatalidade jamais se encontra nos atos da vida moral" - afirma o "O L. dos Espíritos". Determinismo existirá, sim, na contingência das experiências da vida, nos impositivos de progredir. Mesmo assim, só as grandes dores são previstas, pela sua influência decisiva, acarretando evolução. A "fatalidade" que às vezes pressentimos guiar alguns passos em nossa vida é o resultado do livre-arbítrio e se vincula à escolha que fizemos, antes, do gênero de nossas provas. Os pormenores dos acontecimentos dependerão ainda uma vez de nós e da influência sobre nós exercida pelos pensamentos e orientações que aceitarmos voluntariamente. Dentro da causalidade compreenderemos facilmente que toda ação má terá fatalmente conseqüências de natureza má e vice-versa. Dir-nos-ão que há males que vêm para bem, como nos diz velho ditado. Isso significa porém que a má experiência terá de exaurir-se primeiramente e os reflexos para o agente em si são sempre penosos. Seria o caso das expiações, por exemplo, que colimam um fim educativo... Por outro lado, não

há o mais ligeiro mérito que esteja perdido, como nos acentua "O Céu e o Inferno". Previdentes, conscientes, usaremos a liberdade nos justos limites de suas boas conseqüências. Não se há de pensar aqui em uma liberdade incondicional, desgobernada, egoística, autoritária ou em liberalidade, com o pretenso direito da imoderação. Não se pode considerar o livre-arbítrio como algo absoluto. Todo arbítrio individual sofre imposições. Chocar-se-ia naturalmente com o de outrem e evidentemente com o arbítrio coletivo.

Como na criança, assim no homem em suas primeiras fases a liberdade de pensar e de agir fora quase nula, guiando-lhe o incipiente livre-arbítrio as predisposições instintivas. Ainda assim e ainda hoje a liberdade se restringe diante dos entraves do meio social, do meio físico, do próprio organismo; ou do nível de progresso da própria alma, considerando, ainda, dentro da Lei da Causalidade, os constrangimentos punitivos de diferentes ordens.

Na verdade, concluamos, determinismo e livre-arbítrio não se excluem um ao outro. Equilibram-se entre si.

E POR FALAR EM IGUALDADE

Abordamos conjuntamente as Leis de Liberdade e de Igualdade. Compreendemos que a liberdade maior ou menor de que pudermos dispor está intimamente ligada ao conceito de Igualdade.

Haverá igualdade na Terra entre os seres humanos? - Sim, perante Deus, diante de sua Justiça. É do Evangelho que Deus faz nascer o Sol sobre bons e maus e vir a chuva sobre os justos e injustos. Serão as oportunidades que se abrem a todos. Teoricamente haveria igualdade de tratamento entre os homens, diante das leis humanas, se e quando estas o estabeleçam e por ventura se façam cumprir...

Todos temos *igualmente* acesso à escalada evolutiva com vistas à perfeição, como Espíritos eternos. E estamos todos sujeitos sem exceção às mesmas leis da Natureza. Somos iguais quanto à fatalidade da morte física.

Não seria, porém, difícil enumerar as *desigualdades* e uma a uma explicá-las em função das experiências e das provas a que deveremos submeter-nos nas vidas sucessivas a cada nível de evolução. Esta será, então, a chave da compreensão dos sábios desígnios diante dos quais a lei da

igualdade se configura engrandecida nas aparentes distorções com que a contemplamos.

A boa ou má sorte na vida ou nos negócios, a chamada boa estrela, que sorri para uns em prejuízo de outros... A aptidão inata para determinadas atividades, a *queda* para um ramo de trabalho, e não para outros; e esta diversificação é útil no seio de uma comunidade. Faculdades mais desenvolvidas em uns que em outros. Os mais adiantados ajudam o desenvolvimento dos outros. Os caracteres físicos, raciais, morais, biotipológicos e suas implicações de diversas ordens. As funções a desempenhar no lar e na sociedade, como por exemplo o papel da mulher através dos tempos. O bem-estar dentro do *modus-vivendi*, bem ou mal viver em um meio físico ou social. O maior ou menor amadurecimento espiritual, permitindo entendimento da vida constituindo a verdadeira sabedoria. E ainda os fatores sociais propriamente ditos, relacionados à classe, a posses, ao meio cultural e aos direitos civis. Lembra os direitos consagrados pelo nascimento, a nobreza dita de sangue e em contraposição a escravidão declarada ou implícita da criatura humana. A riqueza, a pobreza e a miséria. As lideranças e a hierarquia funcional. O apogeu de classes, como a sacerdotal e a militar. As garantias constitucionais aqui e ali comprometidas.

Legítimas, legitimadas ou coercitivas, as diferenças individuais instituídas entre os homens, isto é, aquelas relacionadas às condições sociais não constituem uma lei natural. É o que lemos na questão 806 de " O L. dos Espíritos ", que anuncia: - "Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de

sangue mais ou menos puro, pois somente o Espírito é mais puro ou menos puro e isso não depende da posição social.'

As desigualdades traduzem-se, em tese, por oportunidades de experiências; ou por conquistas já efetuadas, quando se referem a valores intrínsecos da alma. Esse é o estágio evolutivo da própria Humanidade. Tais oportunidades não constituem privilégio a alguns, quando as cousas são boas, nem constituem motivo de revolta em caso contrário. Os favorecimentos do ponto de vista da vida social são testes e a prova da riqueza uma das mais difíceis de vencer. Nem por isso as dificuldades justificam uma resignação passiva, inativa, uma entrega, antes pedindo esforços conscientes de superação. Lembra-nos substancialmente o ensinamento da parábola dos talentos.

Em "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", Leon Denis nos diz que "a doutrina das reencarnações explica as desigualdades das condições humanas, a variedade infinita de aptidões, das faculdades, dos caracteres, dissipa os mistérios perturbadores e as contradições da vida; resolve o problema do mal. É ela que faz suceder a ordem à desordem, estabelecer-se a luz no seio das trevas, desaparecerem as injustiças, desvanecerem-se as iniquidades aparentes da sorte para serem substituídas pela lei máscula e majestosa da repercussão dos atos e de suas conseqüências."

Por outro lado, é preciso rever a idéia simplória de dívida e sofrimento antes que nos apressemos em certas conclusões. Ainda uma vez Leon Denis, obra citada: "Todos aqueles que sofrem não são forçosamente culpados em vias de expiação. Muitos são simplesmente Espíritos ávidos de progresso que

escolheram vidas penosas ou de labor para colherem o benefício moral correspondente."

Não há, portanto, à luz da Doutrina Espírita, *eleitos* e *réprobos*, mas seres inteligentes em escala evolutiva.

DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO

O grande filósofo Leon Denis, em sua magnífica obra "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", a certa altura, recolhe de "Petit Journal" - 1894 e registra para nós a palavra assustadora de um certo professor: "- Estou na Terra. Ignoro absolutamente como vim ter aqui e como aqui fui lançado. Não ignoro menos como daqui sairei e o que será de mim quando daqui sair". Certamente, não saberia a que veio. Mas, parece-nos, isso não deveria ignorar, é que o homem constitui uma individualidade autônoma consciente. Se ele "está" (na Terra), significativamente ele "é". Esse professor, de nome Francisque Sarcey (é com o mesmo), nesse compasso, não entenderia tudo quanto sucedesse com ele e em torno dele. Essa grande indagação sobre a origem da vida e dos seres, da razão de ser das pessoas e dos fatos no cenário do mundo, sobre essa realidade em que somos despertados, justificou o título de um excelente livro de nosso patricio Pedro Granja. "Afinal, quem somos?". "- Estou na Terra" é uma afirmação positiva. Lembra esta outra, de Descartes: "- Penso, logo existo". Na verdade, a dúvida cartesiana é meio caminho para a certeza. Nesse caso, diríamos que a indagação abre caminho a virtual e

implícita aquiescência quanto à possibilidade da antecedência e da sobrevivência. Funciona como uma reação à hipótese do aniquilamento, da extinção, do nada, de onde teríamos vindo "já feitos". É a busca de uma origem, uma indagação metafísica. E também de uma destinação."- Haverá alguma coisa mais desesperadora do que essa idéia de destruição absoluta?" - pergunta-se em "O Céu e o Inferno", onde também se encontram estas formulações, como introdução ao pensamento doutrinário: "Ao deixar a Terra, para onde vamos? No que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ainda nós mesmos ou não mais o seremos? Viveremos eternamente ou tudo estará para sempre acabado? Seguir-se-ão os esclarecimentos. Neles se identificam um sentimento inato de conservação, de perenidade, de sobrevivência, como de resto deve existir em germe na quase totalidade dos seres conscientes que somos nós. Esse sentimento, que todos em geral trazemos conosco, de alguma sorte, é um desdobramento, ou seja, a manifestação agora conceptiva daquilo que fora em esboço o velho e conhecido instrumento instintivo de conservação, presente, em diferentes níveis, em todos os seres vivos.

Sendo a inteligência apanágio da espécie humana, bem se vê, saiu o homem do estado de natureza, da barbárie, para as conquistas da racionalidade e da criatividade, avançando através dos tempos no rolar dos milênios. Isso implica em marcha, em progresso. E progresso é continuidade. Dir-se-á que essa continuidade é da Humanidade como um todo; ou que é da espécie, que permanece atuante no cenário da vida. Essa explicação, por singela, não responderia, logo de início,

à grande questão acima suscitada. Não é bem o sentimento que se encontra na raiz de todas as crenças, em todas as épocas da História, que nos fala sempre de uma vida ulterior, sem a qual desembocaríamos no conceito abismal do nada, do pó, da extinção que houvesse de coroar o esforço de uma vida mais ou menos curta, menos ou mais frutuosa. Haveríamos de encontrar o justo equilíbrio, buscando entender a destinação dos seres inteligentes dentro da magnitude do Universo e do sentido evolucionista da vida.

Eis que nos fala "O Evangelho segundo o Espiritismo" interpretando o sentido da mensagem crística: "- Sem a vida futura, com efeito, a maior parte de seus preceitos de moral não teria nenhuma razão de ser. Todo o cristão, portanto, crê forçosamente na vida futura, mas a idéia que muitos fazem dela é vaga, incompleta, e por isso mesmo falsa em muitos pontos". Finalmente: "Com o Espiritismo, a vida futura não é mais simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade material, provada pelos fatos". (Cap. II). O Espiritismo, portanto, como prometera o Mestre, complementa a sua própria mensagem.

Já assim conscientizados, perguntaríamos: Que determinismo implacável e improdutivo nos lançaria nos buracos-negros da existência, inteligências que se apagariam, quando uma Inteligência Superior rege a orquestra universal. O nada efetivamente inexistente senão como antítese de uma realidade exuberante. A brevidade da existência terrena, a precariedade das condições da vida física, as vicissitudes de que esta se cerca tão amiúde, a generalizada insatisfação com as contingências que encontramos a cada

passo, as injúrias da sorte como às vezes se diz, tudo isso nos faria concluir pelo desvalimento da luta se não guardássemos em nós o intimo convencimento de nossa individualidade e o de sua conservação. E se não velasse em nossa consciência uma idéia persistente de eqüidade e de justiça a realizar-se alhures.

CONHECE-TE A TI MESMO

Começamos a pensar em termos de responsabilidade de nossos atos em função das leis sociais, que ditam o comportamento em nossa vida de relação; e em função das consequências futuras, agasalhando, de alguma forma, a idéia de sobrevivência. Quando se fala em sobrevivência, de modo geral, fala-se na sobrevivência da espécie, através da reprodução e das adaptações; do grupo social a que pertencemos, da Pátria, por exemplo, do nosso clube, do nosso centro, da nossa causa, para que as nossas idéias sobrevivam; na da própria Humanidade, ameaçada com as armas nucleares; e finalmente, na do Espírito, ou alma. Será importante, nessa ordem de idéias, a indagação filosófica: para que viemos ao mundo? Qual o sentido da existência terrena?

Deixando de lado por sua inanidade as teses materialistas niilistas, a maioria dos pensadores têm-se preocupado com essas questões, procurando dar respostas sobre a forma de dogmas estatuídos. Assim, o castigo divino, é argumento disponível. Ora, a idéia, por exemplo, de que existiria um juízo final, no final dos tempos, colide com o julgamento post-mortem imediato, que se impusesse como caminho de punição

eterna e irretratável, em função de pecados mortais. Ou não seria esta definitiva, como afirmam religiões organizadas, antes revisível; ou não teria sentido um novo tribunal nesse chamado final dos tempos. Se pudessem ambas ajustar não se compadecem dos atributos de um Deus justo, que não quer a morte do pecador, como proclamou Ezequiel:"- Deus não quer a morte do ímpio, mas que viva e que tenha a vida eterna." Trata-se, naturalmente, de morte moral, no "pecado". E o que Deus não quer não acontece. Tanto que facultou ao homem arrependimento de seus atos; e piedade em relação aos erros alheios. Como se poderia entender um Senhor Todo Poderoso que colocou sentimentos tais no coração dos homens e não exercita Ele próprio esses mesmos sentimentos?

Que seja menos generoso que o ser criado, pelo contrário mais endurecido. Ou que reserva a sua generosidade para uns poucos em prejuízo dos demais. Dissera Jesus:"- Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá". E nesse rol se inclui toda a Humanidade terrestre. Consideremos agora o raciocínio de Kardec: "Toda a afirmação que contraria um só dos atributos da Divindade, que tenda a diminuí-lo ou anulá-lo, não pode ser verdadeira."

E mais racional admitir-se então a existência de uma lei divina soberanamente justa, mas ao mesmo tempo misericordiosa, que não condena nenhuma criatura, por pecadora, a que sofra como castigo pura e simplesmente a lei de Talião; mas pelo contrário cria infinitas oportunidades de reparação indistintamente para todos. Esse é um sentido novo de sofrimento: o sofrimento-prova, o sofrimento-reparação.

Assim, recapitulando: desde que o ser, por humano, adquiriu a faculdade da razão, pôde dispor do livre-arbítrio, cingiu-se-lhe o impositivo da responsabilidade. E isso implica no julgamento consciente - consciência que sucessivamente se lhe apura - em relação aos próprios atos. Na medida do amadurecimento e portanto do progresso que vai alcançando, buscará conhecer-se introspectivamente, procurando avaliar do que é capaz, de suas próprias inclinações e tendências, descobrindo esses valores na própria experiência vivida...

Foi vislumbrando essa possibilidade que Heráclito (540/480 aC) pontificou: "- Conhece-te a ti mesmo". E essa sentença tomou-a Sócrates (470/399 aC) por bandeira, imortalizando-a com o seu talento. Para o primeiro, a Fé era condição do conhecimento e caminho da sabedoria. Sócrates, o gigante do pensamento, precursor da moderna Pedagogia, do Cristianismo e do Espiritismo, andava à procura das verdades e das virtudes. Pregava a purificação do Espírito pelo conhecimento de si mesmo, incorporando o conceito de Heráclito. Isto, pelo estudo acurado, dizia ele, pela prática constante das virtudes, mas sem a presunção de tudo saber: não é sábio o que não tenha conhecimento de si mesmo. Para isso é necessário capacidade de introspecção. Conhecer a extensão de sua ignorância permite avançar na busca do conhecimento. O homem não seria a rigor mau, mas por excelência ignorante. E o homem na procura das respostas às suas indagações, poderá encontrar, em si mesmo, conhecimentos porventura insuspeitados. Será como fazê-lo nascer de si, dar à luz as idéias, partejar, daí maiêutica. Não será fácil a princípio, sem muito exercício, reconhecer-nos em nossos erros...

Ouçamos Emmanuel em "Material de Construção", tema "Aula de paz":

"- Há coragem para variadas situações - disse o mentor da Vida Maior - temos a coragem de esquecer as ofensas, aquela de sofrer por amor a determinadas criaturas, aquela outra de arrostar com as piores dificuldades, sem perder a esperança, mas, a nosso ver, a coragem maior é a de aceitar os nossos erros no caminho do Senhor, receber críticas com humildade, sofrer em razão dessas mesmas faltas, tudo fazer ao nosso alcance, a fim de corrigir-nos com paciência sem perder o bom ânimo e seguir para frente."

Ora, receber críticas com humildade... São conceitos que falam alto do orgulho e do amor-próprio que ainda impedem o nosso esforço no sentido de melhorar-nos.

O caminho que se abre à razão humana, o de conhecer o erro e corrigir-se é bem diferente daquele de nos policiarmos pelo temor das penas do Inferno, pelo temor de Deus, do "dente por dente"... Há um outro sentido ético e amadurecido nas perspectivas da Lei.

Visto isto tudo sob novo prisma, tentemos esquematizar as questões suscitadas como de alguma forma se encontra no Cap. XII, Parte III de "O L. dos Espíritos".

Primeira questão que se nos apresenta: como melhorar-nos?

R.: Conhecendo-nos a nós mesmos. Seu desejo é esse, o de nos melhorar, de pronto, ainda nesta vida, resistiremos ao arrastamento do mal com esforço consciente e dirigido. E isso significa progredir. Ninguém abandona com esforço as más tendências sem que isso importe em progresso, sobretudo se

o faz em definitivo. O mal, a que nos deixássemos arrastar, significaria derrota. Logo, o conhecimento de nós mesmos é a chave do melhoramento individual. E daí a conhecida sentença:

Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelo esforço desenvolvido em domar as suas más tendências.

Uma segunda questão se apresenta a exame: Como conhecer-nos a nós mesmos?

R.: Interrogando a própria consciência, onde se insculpe a lei de Deus (questão 621 de "O Livro dos Espíritos"). Fazer, nesse caso, um balanço dos atos e dos pensamentos. Aquele que todas as noites, em se recolhendo à intimidade de si mesmo, se lembrar de suas ações durante o dia, reconhecendo o que fez ou deixou de fazer de bem ou de mal, com honestidade, terá auxílio dos seus guias e adquirirá grande força no sentido do aperfeiçoamento. Examinará o que terá feito contra, porventura: a) a Lei de Deus; b) o próximo; c) a si mesmo.

Finalmente, como julgar-nos?

R.: Perscrutando natureza e módulo de nossas ações. Como agimos e porque agimos desse modo e não daquele outro. Deixando de lado o amor próprio exacerbado com que habitualmente nós formulamos as próprias desculpas. Examinando as condições em que receberíamos ações idênticas, em condições idênticas, de outrem para conosco. Firmando o propósito de não mais fazer o que intimamente censuramos nos outros. Indagando, de alguma forma, o que pensariam de

nós os que se consideram nossos desafetos, que serão nossos melhores juízes.

Se procurarmos nas páginas do Evangelho a lição dessa sabedoria, encontraremos com acerto a parábola do filho pródigo. Retornou humilde, mas não humilhado. Enquanto isso, o irmão insatisfeito se julga de maior merecimento: não se conhece ainda a si mesmo. Que se tire daí o proveito de sérias meditações...

BIBLIOGRAFIA

Salvo omissões involuntárias, foram estudadas as seguintes obras para a elaboração destes estudos:

Andrade - Hernâni Guimarães	Reencarnação no Brasil
Andréa - Jorge (dos Santos)	Palingênese, a Grande Lei Anais do ICEB
Bancéscu - Tito	Revista de Estudos Psíquicos
Bath - Richard	Fernão Capelo Gaivota
Bozzano - Ernesto	Pensamento e Vontade
Delanne - Gabriel	A Evolução Anímica A Reencarnação
Denis - Leon	O problema do ser, do destino e da dor O porquê da Vida A Reencarnação
Emmanuel (F. Cândido Xavier)	A Caminho da Luz Pensamento e Vida
Farias - Djalma	Ensaio sobre a Reencarnação
Filoux - Jean C.	A Memória
Freud - Segismund	Psicopatologia da Vida Cotidiana
Geley - Gustavo	O Ser Subconsciente A Reencarnação
Granja - Pedro	Afinal, quem somos?
Imbassahy - Carlos	Evolução Hipóteses em Parapsicologia Freud e as Manifestações da Alma

Kardec - Allan	O Livro dos Espíritos Evangelho segundo o Espiritismo O Céu e o Inferno A Gênese
Lacerda - Nair	A Reencarnação através dos séculos
Lombroso - César	Hipnotismo e Mediunidade
Lorens - Francisco V.	A voz do Antigo Egito
Luiz - André (F. C. Xavier)	Nosso Lar Ação e Reação Entre a Terra e o Céu No Mundo Maior Missionários da Luz Sexo e Destino
Melo - Mário Cavalcanti	Da Bíblia aos nossos dias
Muller - Karl	Reencarnação baseada em fatos
Miranda - Hermínio	Reencarnação e Imortalidade
Peralva - Martins	Estudando o Evangelho
Rochas - Albert	As Vidas Sucessivas
Sthetos	Revista (março/abril 79)
Ubaldi - Pietro	A Grande Síntese

CARO LEITOR

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal.

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

CASA EDITORA O CLARIM
Rua Rui Barbosa, 1070 - CEP 15990
- MATÃO - SP -